

Do Iluminismo à Web Semântica

Reflexões sobre a comunicação com base em uma única língua

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Ana Maria Nicolaci-da-Costa Co-orientador: Danilo Marcondes de Souza Filho



Flavia Di Luccio

Do Iluminismo à Web Semântica

Reflexões sobre a comunicação com base em uma única língua

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Ana Maria Nicolaci-da-Costa Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Danilo Marcondes de Souza Filho

Co-orientador

Departamento de Filosofia - PUC- Rio

Daniela Romão-Dias

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Violeta de San Tiago Dantas Barbosa Quental

Departamento de Letras - PUC-Rio

Rosane de Albuquerque dos Santos Abreu

UFRJ

Solange Coelho Vereza

Instituto de Letras - UFF

Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador(a) Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2010

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Flavia Di Luccio

Graduou-se em Letras (português/inglês) pela Universidade Santa Úrsula em 1999 e se especializou em Língua Inglesa (2002) e em Português para Estrangeiros (2003) pela PUC-Rio. Obteve o título de Mestre em Psicologia pela PUC-Rio em 2005. Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Estudos em Tecnologia e Subjetividade (NETS) no Departamento de Psicologia da PUC – Rio e atua principalmente nos seguintes temas: linguagem e tecnologia, redes sociais e Web Semântica.

Ficha Catalográfica

Di Luccio, Flavia

Do iluminismo à Web semântica: reflexões sobre a comunicação com base em uma única língua / Flavia Di Luccio ; orientador: Ana Maria Nicolaci-da-Costa ; coorientador: Danilo Marcondes de Souza Filho. – 2010.

165 f.: il. (color.); 30 cm

Tese (Doutorado em Psicologia)--Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Iluminismo. 3. Língua universal. 4. Inglês global. 5. Língua única. 6. Comunicação. 7. Multilinguismo. 8. Web semântica. 9. Internet. I. Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. II. Souza Filho, Danilo Marcondes de. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. IV. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À Ana Maria Nicolaci-da-Costa, minha orientadora, por ter me acompanhado desde o mestrado. Obrigada pela confiança, orientação cuidadosa e por ter embarcado comigo nessa "aventura".

Ao Danilo Marcondes, meu co-orientador, por ter me apresentado o mundo de Kant e dos iluministas. Obrigada pelas leituras sugeridas e pelos ensinamentos.

À Violeta Quental, por ter me indicado o caminho da Web Semântica e pelas preciosas dicas de leituras.

À Carmelita, pela participação sempre importante na minha vida acadêmica.

Aos meus pais Carlos e Vera, por torcerem por mim sempre.

Ao meu marido Claudio, por todo apoio e paciência. Obrigada por estar sempre ao meu lado.

Ao meu irmão Marco, pelas dicas sobre o mundo acadêmico.

Ao NETS, pelas sugestões e incentivo. Obrigada Rosane, Dani, Betty, Mariana e Roberta.

Aos professores da pós-graduação do Departamento de Psicologia, por tudo que me ensinaram.

À Monique Augras pelas ricas discussões no início do doutorado.

À Marcelina e Verinha, pela atenção e ajuda.

Aos meus colegas de turma pelas discussões e trocas no início do doutorado.

A amiga Ana Jensen, pela revisão cuidadosa, ótima tradução e apoio constante.

Ao amigo Steve, pelas palavras amigas e bem humoradas.

Aos amigos Sérgio, Andréa e Érika, pelas amizades verdadeiras.

Aos meus alunos, pela torcida.

A todos meus amigos que me incentivaram ao longo desta jornada.

À VRAc-PUC-Rio e à FAPERJ, pelo apoio financeiro.

A Deus, por ter estado sempre ao meu lado ao longo deste trabalho.

Resumo

Di Luccio, Flavia; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria; Souza Filho, Danilo Marcondes de. **Do Iluminismo à Web Semântica: reflexões sobre a comunicação com base em uma única língua.** Rio de Janeiro, 2009. 165p. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Discussões a respeito da comunicação entre os homens e da diversidade linguística perpassam a história. É possível afirmar que Platão (427 - 347 a.C) e Aristóteles (384 - 322 a.C) instigaram filósofos e linguistas a buscar incessantemente explicações para a variedade de línguas existentes no mundo, bem como a investigar suas origens e características em comum. A obsessão por encontrar a língua que teria dado origem a todas as outras línguas não cessou, como também não cessou o desejo de retorno a esta primeira língua. Este desejo faz com que filósofos e linguistas há muito venham sustentando a criação e utilização de uma língua única. Esta possibilitaria a comunicação universal entre os homens independentemente de onde estes tivessem nascido, da cultura a que pertencessem ou da língua materna que falassem. Em outras palavras, poderia haver uma comunicação livre e democrática. Consequentemente, o acesso aos saberes também seria livre, o que daria lugar à concretização de uma das ambições do projeto iluminista: o esclarecimento do homem a partir da sua própria capacidade de conhecer o real de forma autônoma.

Tomando como ponto de partida essas questões, foi realizado um estudo histórico que teve como objetivo principal investigar os caminhos que a busca de uma língua única de comunicação vem seguindo desde o Iluminismo até a contemporaneidade, principalmente após o advento da Internet. Para tal, esta investigação tem início com a concepção de Kant sobre o Iluminismo, seguida das ideias de dois de seus contemporâneos, Condorcet e Condillac, escolhidos por sugerirem o uso de uma língua universal como alternativa para o esclarecimento humano. O estudo prossegue com uma breve descrição dos projetos de língua universal dos séculos XIX e início do século XX e apresenta as razões para os seus fracassos; passa posteriormente pela segunda metade do século XX e pela tentativa de se fazer da língua inglesa a língua única de comunicação no mundo; finalmente, chega à Revolução Digital. Nesta última fase, o debate concernente à

comunicação livre, independentemente da língua, e ao acesso irrestrito ao conhecimento se veem reforçados com o aparecimento da terceira geração da Internet, a chamada Web Semântica, que tem reavivado os ideais dos projetos iluministas e mostrado ser um caminho possível para a comunicação universal e o esclarecimento humano.

Palavras-chave

Iluminismo, língua universal, inglês global, língua única, comunicação, multilinguismo, Internet, Web 2.0, Web Semântica.

Abstract

Di Luccio, Flavia; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria; Souza Filho, Danilo Marcondes de. From Enlightenment to Semantic Web: reflections about communication based on a single language. Rio de Janeiro, 2009. 165p. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Since the beginning of times there have been discussions about linguistic diversity and the communication among men. One can easily say that Plato (427 - 347 b.c) and Aristotle (384 - 322 b.c) led both linguists and philosophers to constantly search for explanations concerning the origins and common characteristics of the many languages that exist in the world. It seems that the obsession to find the one language from which all others are supposed to derive still persists, as does the desire to return to it. This is the reason why philosophers and linguists fundamentally support the development and use of a single language. Such a language would make possible the communication among men on a universal level, irrespective of their birth place, culture or mother tongue. In other words, a free and democratic communication could take place and there would also be free access to knowledge. One of the Enlightenment's ambitions could therefore be achieved: men would be able to perceive reality autonomously. Taking those issues as a starting point, a historical study was developed to investigate the search for a single language, from the Enlightenment until contemporary times, particularly after the advent of Internet. For this purpose, this study begins with Kant's conception of Enlightenment, followed by the ideas of two of his contemporaries, Condorcet and Condillac, who suggested the use of a

investigate the search for a single language, from the Enlightenment until contemporary times, particularly after the advent of Internet. For this purpose, this study begins with Kant's conception of Enlightenment, followed by the ideas of two of his contemporaries, Condorcet and Condillac, who suggested the use of a universal language as a means for man to reach Enlightenment. The study discusses universal language projects of the 19th and early 20th centuries and points out the reasons for their failures. It proceeds with a presentation of the attempt to make English the worldwide language of communication from the second half of the 20th century until the Digital Revolution. It argues that, at this stage, what matters is no longer the development of a single language, but of a free way of communicating, regardless of the language spoken and with unlimited access to knowledge. This is more clearly seen with the onset of the third generation of the Internet, known as the Semantic Web, which is recuperating the

ideals of the Enlightenment and has been proving to be a possible way for communication on a universal level and for man's Enlightenment.

Key-words

Enlightenment, universal language, global English, single language, communication, multilinguism, Internet, Web 2.0, Semantic Web.

Sumário

1. Introdução	15
2. O Século das Luzes	20
2.1. O Iluminismo de Kant	24
2.2. A língua universal de Condorcet	27
2.3. A arte do raciocínio restrita a uma língua universal	30
2.4. A busca por uma língua universal nos séculos XIX e XX	36
2.5. Os fracassos dos projetos	38
3. A língua inglesa e seu papel a partir da segunda metade do século XX	41
3.1. A língua global de David Crystal	42
3.1.1. Quando uma língua se torna global	43
3.1.2. A língua inglesa estava no lugar certo e na hora certa	45
3.1.3. Possíveis atitudes em relação a uma língua global	50
3.1.3.1 Língua global: um perigo?	51
3.1.4. Para onde a língua global da contemporaneidade está	55
caminhando?	
3.1.5. O projeto de Crystal	58
3.2. A língua franca de Seidlhofer	61
3.2.1. O ensino do <i>English as a Lingua Franca</i> para não-nativos	63
como alternativa de comunicação universal eficaz	

3.2.2. O projeto de <i>English as a Lingua Franca</i> de Seldinoter	65
3.2.2.1. Uma real possibilidade do inglês como língua franca?	67
3.3. O World English de Rajagopalan	70
3.3.1. Os motivos que levaram ao surgimento do World English	72
3.3.2. A rejeição declarada, a aceitação resignada, o esperanto e o	73
multilinguismo	
3.3.3. O World English e a atitude realista como ideal	75
3.4. A incessante busca pela língua única de comunicação	77
4. A comunicação na Rede	78
4.1. O uso da língua inglesa na Rede e a comunicação on-line na	79
visão de Crystal	
4.1.1. Um novo tipo de comunicação	83
4.1.1.1. Uma nova linguagem para um novo tipo de comunicação	84
4.1.1.2. O caráter multilíngue da Rede	90
4.2. A tradução automática e sua contribuição ao caráter	93
multilíngue da Rede	
4.3. O multilinguismo já concretizado	97
4.3.1. Algumas dúvidas que permanecem quanto ao papel da	
língua inglesa na Rede	97
4.3.2. As influências do <i>netspeak</i> em outras línguas	100
4.4. A comunicação on-line independentemente da língua	103
5. A Web dos significados	104
5.1. O primeiro momento da Rede	104
5.2. A Web 2.0	107

5.2.1. O início da Web colaborativa	108
5.2.2. A Web das wikis	114
5.2.3. As Redes Sociais	121
5.2.3.1. Sites de compartilhamento	128
5.3. Web 3.0: o presente	131
5.3.1. Uma proposta repleta de desafios	133
5.3.1.1. A Web Semântica na prática	135
5.3.1.2. A Web das ontologias sob a ótica de Wittgenstein	138
5.3.1.3. A concretização da Web 3.0	146
6. Retorno aos projetos iluministas	152
7. Referências Bibliográficas	159

"...notoriamente no hay clasificación del universo que no sea arbitraria y conjetural. La razón es muy simple: no sabemos qué cosa es el universo. 'El mundo – escribe David Hume – es tal vez el bosquejo rudimentario de algún dios infantil, que lo abandonó a medio hacer, avergonzado de su ejecución deficiente; es obra de un dios subalterno, de quien los dioses superiores se burlan; es la confusa producción de una divinidad decrépita y jubilada, que ya se ha muerto.'... Cabe ir más lejos; cabe sospechar que no hay universo en el sentido orgánico, unificador, que tiene esa ambiciosa palabra. Si lo hay, falta conjeturar su propósito; falta conjeturar las palabras, las definiciones, las etimologías, las sinonimias, del secreto diccionario de Dios."

Jorge Luis Borges, El idioma analítico de John Wilkins

1. Introdução

"Las palabras del idioma analítico de John Wilkins no son torpes símbolos arbitrarios; cada una de las letras que las integran es significativa, como lo fueran las de La Sagrada Escritura para los cabalistas. Mauthner observa que los niños podrían aprender ese idioma sin saber que es artificioso; después en el colegio, descubrirían que es también una clave universal y una enciclopedia secreta." (Jorge Luis Borges, El idioma analítico de John Wilkins. In: *Otras inquisiciones*, 1996)

A questão da diversidade linguística tem intrigado os homens desde o início da humanidade. Vários estudos já foram realizados a fim de compreender melhor as origens de tantas línguas no mundo. Além disso, o homem parece estar constantemente em busca de uma língua única e universal. Supostamente, esta língua seria responsável por uma comunicação mais eficiente entre os seres humanos.

Em 2003 travei meu primeiro contato com o NETS (Núcleo de Estudos em Tecnologia e Subjetividade), coordenado pela professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa no Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Desde então, fiquei cada vez mais interessada pelos mundos da leitura, da escrita e da comunicação on-line e tudo aquilo que lhes dizem respeito. Para uma melhor compreensão das evoluções e revoluções destes mundos, propus, durante minha investigação de mestrado, uma "viagem" ao passado. Tal "viagem" teve início na Antiguidade grega e romana, com a escrita e a leitura em rolos de papiro e pergaminho. Posteriormente, percorreu o período compreendido entre os séculos II e IV da era cristã, no qual foi possível observar o livro em forma de códice manuscrito. A "viagem" incluiu também o final da Idade Média, entre os séculos XIV e XV, e a grande revolução gerada por Gutenberg, neste período, com a invenção da imprensa. A parada final da "jornada" foi a contemporaneidade, período no qual surgiu a tela do computador como suporte de escrita e de leitura. Este novo suporte alterou significativamente as práticas de leitura e de escrita e as relações entre escritores e leitores. Foi no contexto destas transformações, principalmente das alterações concernentes à interação e comunicação entre escritores e leitores a partir do auxílio de ferramentas textuais encontradas na Internet, que minha dissertação de mestrado se inseriu. Entre várias ferramentas textuais

contemporâneas – como *blogs*, *sites*, e-mails, salas de bate-papo, etc. –, escolhi os *blogs*, seus escritores (chamados de blogueiros) e seus leitores como objeto de estudo principal.

A partir desta escolha, os estudos do historiador francês Roger Chartier se fundamentais para minhas reflexões е trouxeram questionamentos a respeito da Internet como a responsável pela mais recente "revolução da escrita e da leitura". Durante a elaboração da minha dissertação de mestrado foi possível travar o primeiro contato com o que Chartier (1999) chama de "o sonho de Kant", isto é, o sonho inerente ao período iluminista de que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo e que, simultaneamente, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Chamou-me a atenção, também, a constatação de Chartier (2001) de que, segundo Kant, o processo do Iluminismo estaria completo quando a entidade abstrata e filosófica de uma opinião pública fosse adequada ou igual à realidade social do universo e quando cada pessoa, com as capacidades de leitura e de escrita, pudesse atuar em uma dimensão crítica na sociedade. Estas questões me intrigaram, mas não puderam ser exploradas durante o mestrado, pois minha pesquisa tinha como foco as relações entre escritores de blogs e seus leitores.

Tendo o sonho de Kant e o período do Iluminismo em mente, decidi investigar com mais detalhes o que significava este sonho. A partir da leitura que fiz do texto de Kant (2005/1784a) intitulado "Resposta à pergunta: Que é 'esclarecimento' (*Aufklärung*)?", passei a fazer uma série de questionamentos em relação a esse período tão interessante do século XVIII. No entanto, a definição de Iluminismo contida no texto de Kant (2005/1784a) não abarcava a questão da linguagem, o que considerei curioso. Decidi dar continuidade às leituras dos filósofos do período do Iluminismo à procura de menções à linguagem.

A partir das leituras feitas, foi possível perceber que a discussão sobre a comunicação entre os homens e a diversidade das línguas tem dominado o círculo de alguns filósofos desde a Antiguidade Clássica até os dias atuais. O fato é que, desde as primeiras indagações feitas por Platão (427 – 347 a.C) e Aristóteles (384 – 322 a.C), filósofos e linguistas não param de investigar as línguas humanas e tudo que lhes concerne. Platão e Aristóteles, com suas necessidades insaciáveis de questionar o mundo em que viviam, formularam questões básicas sobre linguagem, às quais muitos outros filósofos tentaram e ainda tentam responder e entender. Podemos afirmar que estes dois filósofos

foram os precursores das discussões e investigações acerca da comunicação entre os homens e, principalmente, das características das línguas.

Essa busca ávida das características das línguas, suas origens e principalmente dos seus pontos em comum pode estar diretamente relacionada ao fato de alguns filósofos e estudiosos estarem à procura da primeira língua da humanidade, a língua original e única que eles acreditam ter existido. Na realidade, a diversidade linguística nunca deixou de ser objeto de pesquisas e as perguntas que ainda permanecem são: se todas as línguas possivelmente derivam de uma única língua originária, quando e onde esta foi falada? Por que e como ela se desmembrou de tal forma a originar de 4.500 a 6.000¹ línguas na contemporaneidade?

É importante ressaltar que, de acordo com Franchetto e Leite (2004), as línguas não são infinitamente diversas entre si, ou seja, a diversidade é contida dentro de limites claros. Elas afirmam que há características profundas comuns a todas as línguas, princípios e operações que encontramos em todas elas. No entanto, ainda estamos longe de poder descobrir se realmente existe uma origem comum a todas as línguas faladas pelos homens. O que podemos afirmar é que, partindo da crença de que há uma língua comum e originária de todas as outras, alguns filósofos defendem a criação e utilização de uma língua única pelos homens. Tal língua seria criada com base nas características comuns e inerentes a todas as línguas existentes e, acima de tudo, possibilitaria a comunicação entre os homens, sem priorizar uma língua específica em relação às outras. Esta língua seria considerada a língua universal dos homens e, consequentemente, possibilitaria a comunicação entre eles. Optei por questionar tal proposta e investigar se uma língua única é realmente necessária e possível.

Meu estudo tem como objetivo principal discutir a constante busca de uma língua única de comunicação desde o Iluminismo até a contemporaneidade, principalmente após o advento da Internet e suas 3 gerações: a Web 1.0, a Web 2.0 e a Web Semântica (Web 3.0). Certamente trata-se de um período muito longo e por isso um recorte foi necessário.

Tendo estas questões como pano de fundo, o segundo capítulo, *O Século das Luzes*, inicia-se com uma breve descrição do período iluminista apoiado no texto de Kant (2005/1784a) intitulado "Resposta à pergunta: Que é 'esclarecimento' (*Aufklärung*)?". A ausência neste texto de uma discussão a respeito da linguagem no Iluminismo me instigou e levou a alguns de seus

¹ Para mais detalhes verificar Franchetto e Leite (2004).

contemporâneos como Condorcet (1993/1793) e Condillac (1973/1780, 1973/1798). Estes dois filósofos franceses foram escolhidos porque, além de suas discussões se assemelharem às de Kant, eles abordam a questão da linguagem em seus textos. Com base nas obras desses dois filósofos, comecei a discutir a criação de uma língua universal e as suas consequências. Posteriormente, a obra de Eco (2002) foi usada durante a apresentação e discussão de alguns projetos de língua universal surgidos nos séculos XIX e na primeira metade do século XX. Finalmente, algumas das razões para os fracassos dos projetos de língua universal foram apresentadas a partir dos trabalhos de Marcondes (1989), Santo Agostinho (1956/389) e Locke (2005/1690).

A investigação prosseguiu cronologicamente, e o capítulo 3, *A língua inglesa e seu papel a partir da segunda metade do século XX*, teve como objetivo continuar investigando a busca de uma língua única. Considerando que, a partir da segunda metade do século XX, não houve mais projetos relevantes que tivessem como objetivo a criação de tal língua, esta discussão foi substituída pelo debate a respeito da utilização da língua inglesa como língua única de comunicação. Visando auxiliar essa discussão, lancei mão das obras dos seguintes linguistas: Crystal (2006, 2005, 2003), Seidlhofer (2005, 2004, 2003, 2002, 2001) e Rajagopalan (2005, 2004a, 2004b). Tal escolha ocorreu pelo fato de estes apresentarem em suas obras, de forma implícita, sugestões de projetos de uma língua única fundamentada na língua natural mais amplamente disseminada no mundo: a língua inglesa.

O capítulo seguinte, *A comunicação na Rede*, tem como foco a investigação da busca de uma língua única após a Revolução Digital. As considerações de Crystal (2008, 2006, 2005, 2003) foram utilizadas como ponto de partida para as discussões a respeito do papel da língua inglesa na comunicação mediada por computador desde o surgimento da Internet até os dias de hoje. Um breve histórico da presença das línguas na Rede foi desenvolvido com o auxílio de outros estudiosos como Danet & Herring (2007), Paolillo (2007), Di Luccio (2005, 2003), Wright (2004), Nunberg (2002), Nicolacida-Costa (2005a, 2005b, 1998), Santos (1999a, 1999b) e Alfaro e Dias (1998). Este histórico iniciou-se com a Internet monolíngue, tendo o inglês como língua mãe, até chegar ao seu caráter multilíngue dos dias de hoje.

No capítulo 5, *A Web dos Significados*, são comparadas as 3 gerações já existentes na Rede: a Web 1.0, a Web 2.0 e a Web 3.0 (a Web Semântica). A partir das obras de Nicolaci-da-Costa (2009a, 2009b, 2006, 2002, 1998),

Berners-Lee (2001), Wittgenstein (2004/1958) e Marcondes (2000) é possível perceber que a Internet, ao longo das sua três gerações, vem se tornando cada vez mais interativa, democrática e colaborativa. Estas características, associadas ao caráter multilíngue da Web, fazem com que qualquer discussão a respeito da elaboração de um projeto de língua universal se torne irrelevante.

Finalmente, a investigação desenvolvida nesta tese sugere que a nova geração da Internet, a Web 3.0, está viabilizando o livre armazenamento, a integração e o compartilhamento de todo tipo de informação. Assim sendo, torna-se possível o acesso ao conhecimento por parte de todo e qualquer usuário, independentemente de sua origem ou da língua que fale, nos conduzindo, talvez, de volta ao *projeto enciclopedista* e ao desejo dos iluministas de saída da obscuridade e chegada ao estágio de esclarecimento.

2. O Século das Luzes

"La imposibilidad de penetrar el esquema divino del universo no puede, sin embargo, disuadirnos de planear esquemas humanos, aunque nos conste que éstos son provisorios." (Jorge Luis Borges, El idioma analítico de John Wilkins. In: *Otras inquisiciones*, 1996)

Conhecido como o século das Luzes² ou do Iluminismo, o século XVIII foi marcado por um movimento do pensamento europeu (ocorrido mais especificamente na segunda metade do século XVIII) que abrangeu o pensamento filosófico e gerou uma grande revolução nas artes (principalmente na literatura), nas ciências, nos costumes, na teoria política e na doutrina jurídica. O Iluminismo também se distinguiu pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico. Marcondes (2007) enfatiza que este período refletiu o contexto político e social da época, como um todo, mas também foi adquirindo características próprias de acordo com o país e com a época em que se manifestava. Desta forma, o Iluminismo não se resumiu em uma única doutrina filosófica ou teórica, mas, na realidade, consistiu em um agrupamento de ideias e valores compartilhados por diferentes correntes com formas de expressão distintas nas ciências, nas letras e nas artes.

Ainda segundo Marcondes (2007), alguns nomes se destacam como os principais representantes do Iluminismo em diferentes contextos sociais. Na França, destacam-se Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Voltaire (1694-1778), Fontenelle (1657-1757), Helvétius (1715-1771), Montesquieu (1689-1755), Holbach (1723-1789), La Mettrie (1709-1751) bem como os enciclopedistas Diderot (1713-1784), D'Alembert (1717-1783) e Condorcet (1743-1794)³. Na Alemanha, ganham proeminência J. Herder (1744-1803), o poeta Gotthold Lessing (1729-1781), Immanuel Kant (1724-1804), e, em um primeiro momento de sua obra, Goethe (1749-1832). Na Inglaterra, sobressaem

² A palavra utilizada em francês é *Lumières*, em inglês é *Enlightment*, em alemão é *Aufklärung*, em espanhol é *Ilustración*. Alguns autores brasileiros preferem utilizar o termo "Esclarecimento" ao se referirem ao período do Iluminismo.

³ Acredito ser relevante acrescentar à lista o enciclopedista francês Condillac (1715-1780).

os nomes de Hume (1711-1776), do poeta Alexander Pope (1688-1744), do jurista e cientista político Jeremy Bentham (1748-1832), do historiador Edward Gibbon (1737-1794), do economista Adam Smith (1723-1790). Na Itália, o grande destaque é o jurista Beccaria (1738-1794).

A própria forma de nos referirmos ao século XVIII como o Século das Luzes ou do Esclarecimento deixa claro que este foi um período no qual o objetivo principal era libertar o homem da obscuridade, da ignorância e da falta de conhecimento:

"A própria noção de *Iluminismo*, *Ilustração*, ou ainda *Esclarecimento*, como o termo é por vezes traduzido, indica, através da metáfora da luz e da claridade, uma oposição às trevas, ao obscurantismo, à ignorância, à superstição, ou seja, à existência de algo oculto, enfatizando, ao contrário, a necessidade de o real, em todos os seus aspectos, tornar-se transparente à razão. O grande instrumento do Iluminismo é a consciência individual, autônoma em sua capacidade de conhecer o real..." (Marcondes, 2007, p.207)

É, portanto, possível afirmar que o conhecimento, a educação e a ciência foram os recursos utilizados nesse período por aqueles que queriam se livrar da obscuridade.

Tal desejo de sair da obscuridade fez surgir o importante *projeto enciclopedista*. Este projeto, organizado pelo filósofo francês Denis Diderot, com textos de Voltaire, D'Alembert, Condorcet, Rousseau e outros filósofos, principalmente franceses, e editado entre 1751 e 1766, visava à criação da *Enciclopédia*. Como explica Marcondes (2007), esta tinha como objetivo principal disponibilizar em 24 volumes a totalidade dos saberes existentes daquela época, expressando ideias de tolerância religiosa, otimismo em relação ao futuro da humanidade, confiança no poder da razão, oposição aos autoritarismos, entusiasmo pelo progresso, combate aos abusos do sistema monárquico, etc. Em 1759 a edição completa da *Enciclopédia* foi censurada pelo Parlamento francês que temia as repercussões desse projeto e pela igreja devido à visão materialista e anticlerical de muitos de seus autores. Por volta de 1770, volumes em formatos menores (*in quarto* e *in octavo*) foram publicados, tornando a obra mais barata e acessível. No reinado de Luís XVI a *Enciclopédia* recebeu aprovação oficial da Coroa, se tornando ainda mais acessível ao público.

De acordo com Marcondes (2007), a *Enciclopédia* é possivelmente a obra mais significativa do Iluminismo, elaborada com a intenção de sintetizar as grandes descobertas científicas, técnicas da época e desenvolvimentos filosóficos e artísticos que marcam o progresso da humanidade no período moderno. Estas publicações estariam acessíveis a qualquer pessoa que fosse

capaz de ler, de se instruir, que tivesse acesso às bibliotecas ou recursos financeiros para adquirir as publicações. Apesar da abertura ao acesso à *Enciclopédia* ocorrida após 1770, ainda tratava-se de um projeto elitista.

Acreditava-se que a *Enciclopédia* possibilitaria o saber a todos e, assim, o homem teria a chance de, ao lê-la, se libertar das imposições daquela época que o levavam à ignorância, à superstição e à alienação. Desta forma a sociedade seria mais livre e igualitária. O *projeto enciclopedista* exerceu influência não somente na burguesia esclarecida, assim como em pequenos comerciantes e artesãos. Japiassú e Marcondes (2006) ressaltam que as tendências iluministas e liberais se manifestaram em inúmeros artigos da *Enciclopédia*. É importante lembrar que a qualidade do conteúdo da *Enciclopédia*, assim como dos projetos iluministas, praticamente não era questionada. O conteúdo era produzido por grandes pensadores da época e passava pelo crivo de um grupo de profissionais da escrita como os tipógrafos, corretores, impressores e editores antes de serem publicados. Desta forma, havia um controle de qualidade minucioso antes de as publicações chegarem ao público em geral.

Segundo os iluministas, o principal obstáculo ao Esclarecimento e ao progresso do homem estava diretamente ligado à igreja. Esta, fazendo uso de seu poder de gerar submissão e criar superstições, subordinava o homem a crenças e à autoridade. Por esse motivo, de acordo com Marcondes (2007), o pensamento no Iluminismo é, sem dúvida, anticlerical. A filosofia do Iluminismo afirma que o homem é dotado de uma luz natural e de uma racionalidade, ou seja, de uma capacidade natural de aprender, que lhe possibilita agir livremente, aprender e progredir. Cabe à filosofia, à ciência e à educação fazer com que a luz natural do homem entre em ação e afaste todos os obstáculos que o impedem de progredir e chegar ao real estágio de esclarecimento.

Marcondes (2007) prossegue sua análise afirmando que este período teve como pano de fundo a filosofia crítica. Esta filosofia é norteada por três pressupostos básicos. O primeiro deles é a liberdade. Este primeiro pressuposto é exemplificado pela defesa da livre iniciativa no comércio em oposição ao absolutismo, ainda em vigor no final do século XVIII em diversas monarquias européias. O segundo pressuposto é o individualismo, que se fundamenta na existência de homens livres e autônomos. Finalmente, o terceiro é a igualdade jurídica. Este último pressuposto visava garantir o fim dos privilégios. De acordo com esses pressupostos, podemos afirmar que o Iluminismo via o homem como

idealmente autônomo, livre de qualquer autoridade e opressão externa, fossem elas políticas ou religiosas.

As questões essenciais colocadas neste período são: "por que o homem, dotado dessa luz natural, dessa capacidade racional de conhecer, não consegue pura e simplesmente obter o conhecimento do real necessário no mundo da melhor forma possível? O que o impede?" (Marcondes, 2007, p.207). Esses questionamentos referentes ao projeto do Iluminismo permanecem até os dias atuais e ainda fazem parte das discussões filosóficas. Certamente, não pretendo solucionar as dúvidas que surgiram e permanecem desde aquela época. No entanto, a partir de três filósofos iluministas – Kant, Condorcet e Condillac –, irei retomar algumas discussões, tendo como foco principal os debates que incluem a linguagem e como tais filósofos viam o papel desta em suas reflexões durante o Iluminismo.

Iniciarei minhas exposições com Kant, que com seus textos "Resposta à pergunta: Que é 'esclarecimento' (*Aufklärung*)?" e "Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita", ambos de 1784, faz uma interessante descrição do Iluminismo. Esses são textos que muitos veem como difíceis e áridos. Contudo, tentarei, a seguir, apresentar as ideias neles contidas de forma mais simples e condensada, ainda que o mais clara possível.

Kant abre a presente discussão, pois não somente apresenta suas ideias em relação ao Iluminismo, como também sugere uma forma de se atingir o estágio de esclarecimento. A discussão prossegue com Condorcet, cujas reflexões se assemelham às de Kant (2005/1784a, 2004/1784b). A obra de Condorcet selecionada foi o livro *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, publicada postumamente em 1795. Além de também discutir o processo de esclarecimento do homem, Condorcet (1993/1793) introduz a questão da invenção da tipografia e da necessidade de uma língua⁴ única e universal⁵ como importantes e fundamentais para o progresso do espírito humano. Este é o princípio do pensamento que se opõe ao corpo, à matéria, à extensão. (Japiassú & Marcondes, 2006).

Finalmente, o terceiro filósofo escolhido é Condillac (1973) e seus textos "Lógica" (1780) e "A língua dos cálculos", este último publicado postumamente

4

⁴ É importante fazer a distinção entre os termos língua e linguagem, que serão usados com frequência ao longo deste trabalho. Língua é um sistema abstrato que abarca a fala e a escrita de uma comunidade. Como exemplo podemos citar a língua inglesa e a língua portuguesa. A linguagem se refere à capacidade natural dos seres humanos de aprender e usar uma língua. (Crystal, 1980).

em 1798. Condillac também se interessava pelo progresso do espírito humano e pela arte de raciocinar e foi um dos primeiros filósofos a enfatizar o papel da linguagem no processo de formação do conhecimento. Este filósofo descreve com mais detalhes, se comparado a Condorcet (1993/1793), a sua concepção de língua universal e a relação desta com o processo de esclarecimento.

Pode-se perceber que meu critério para a apresentação dos filósofos em questão não foi exatamente a ordem cronológica de suas obras, e sim a inclusão da linguagem em suas discussões e a explicitação do papel por ela desempenhado no processo de esclarecimento.

2.1. O Iluminismo de Kant

Como mencionado anteriormente, dois textos de Kant são relevantes para esta investigação. No primeiro deles, "Resposta à pergunta: Que é 'esclarecimento' (*Aufklärung*)?", Kant (2005/1784a) expõe sua definição e suas ideias a respeito do *Aufklärung*, termo que foi traduzido para o português por Fernandes (2005) como "esclarecimento".

De acordo com Kant (2005/1784a), o esclarecimento era a única saída possível do estágio de "menoridade" no qual o homem do século XVIII se encontrava. Esta "menoridade" significava a incapacidade de o homem daquela época fazer uso de seu entendimento, ou seja, de sua opinião e capacidade de julgar, sem a direção ou a orientação de outro indivíduo. Para Kant (2005/1784a), o homem se encontrava em um estágio de completa submissão e dependência em relação a outro homem que, de acordo com o contexto daquele período, seria mais poderoso e importante, ou seja, seria um "líder". No entanto, ele complementa sua afirmação dizendo que o próprio homem era culpado por tal subserviência, já que não tinha coragem de tomar suas próprias decisões

⁵ Uma língua universal é uma língua artificial e considerada perfeita, criada para a formalização e estruturação do raciocínio. Tal língua seria usada como instrumento para investigação, progresso da ciência e descoberta da verdade. É a língua do conhecimento. (Moreira, 2005).

Fernandes (2005), tradutor da obra **Texto Seletos**, acrescenta uma nota em seu texto ressaltando a dificuldade que não somente ele, mas todos os tradutores do termo *Aufklärung* para línguas neolatinas tiveram para encontrar uma palavra que correspondesse ao termo alemão. Alguns tradutores já propuseram "iluminismo", "ilustração", "filosofia das luzes", "época das luzes" ou até a manutenção do termo em alemão. Fernandes (2005) optou pelo uso do termo "esclarecimento", pois, como ele mesmo diz, o aspecto essencial da *Aufklärung* é o de ser um processo e não uma condição ou corrente filosófica ou literária. Para o tradutor, a palavra "esclarecimento" também representa um processo, levando em consideração que o sufixo —mento na língua portuguesa significa ação, processo. Desta forma, ao concordar com o tradutor, também usarei o termo "esclarecimento" como tradução de *Aufklärung* durante esta investigação.

sem o comando e o aval do seu "líder". Desta forma, podemos afirmar que, para Kant (2005/1784a), o homem do século XVIII tinha como característica principal a covardia, que o impedia de fazer progressos.

No segundo texto analisado, cujo título é "Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita", Kant (2004/1784b) também descreve a submissão do homem e como ele a considera um problema difícil de ser resolvido, embora precise ser seriamente examinado e discutido. Neste texto, ele ressalta que o homem, quando vive em grupo, em uma sociedade com seus semelhantes, tem necessidade de um senhor que se sobreponha à sua vontade particular e o obrigue a obedecer à vontade universalmente válida. Este fato se dá porque, sem um senhor que detenha o poder, o homem tem a tendência de abusar de sua liberdade em relação aos outros, de buscar privilégios e, dada a sua tendência inerentemente egoísta, tende a se apartar dos outros homens, buscando somente aquilo que possa reverter em benefício próprio. Por outro lado, o homem, como criatura racional e valendo-se de fato desta racionalidade, percebe esse abuso de liberdade, o egoísmo e a falta de senso comunitário e passa a desejar uma lei que ponha limites à liberdade de todos. Ele prefere então renunciar ao seu próprio egoísmo e liberdade para buscar um senhor que estipule regras e que torne o convívio com os seus semelhantes o mais igualitário possível.

Quanto a esta contradição do pensamento humano, Kant (2004/1784b, p.28) nos coloca a seguinte questão: "Mas onde vai ele [o homem] buscar este senhor?". Como resposta a esta pergunta, o filósofo propõe a própria espécie humana, ou seja, o homem vai buscar entre seus semelhantes alquém que possa desempenhar o papel de senhor de todo o grupo. No entanto, encontrar na espécie humana este senhor que possa ocupar uma posição superior em relação aos outros indivíduos, ser justo e não abusar da liberdade e do poder parece uma tarefa quase impossível. Esta impossibilidade decorre do fato de, a partir da concepção de Kant (2004/1784b), o homem ser essencialmente egoísta e injusto; desta forma, não há a possibilidade de a humanidade e a justiça coexistirem. Kant (2004/1784b) destaca que a dificuldade em encontrar esse senhor reside no fato de todo indivíduo ter a necessidade de um senhor, como já mencionado. Assim, qualquer senhor também sente a necessidade de ter um líder. Como resolver, então, esse impasse? Como é possível encontrar um senhor que seja justo e humano? Kant (2004/1784b) afirma que é imprescindível que o líder supremo dos homens seja justo por si mesmo, apesar de ser um homem também. Segundo ele, chegar ao equilíbrio entre a liderança e a justiça é uma das tarefas mais difíceis do homem.

Como é possível esclarecer a grande questão da "menoridade" humana levantada por Kant? De acordo com o que foi apresentado, o homem necessita naturalmente de um senhor e, desta forma, permanece no estágio de "menoridade". No primeiro texto analisado, o próprio filósofo propõe a solução: para ele a saída está no Esclarecimento, que tem como lema principal a expressão latina *Sapere aude!* Tal expressão representa muito bem o que Kant (2005/1784a) queria dizer com *Aufklärung*, isto é, "ouse saber", "tenha coragem de usar suas próprias ideias". Seu desejo era que o homem saísse da "menoridade" e caminhasse em direção à "maioridade". O homem permanece no estágio de "menoridade", sobretudo devido à preguiça, à covardia e ao comodismo. Como ele mesmo diz:

"É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um método que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho a necessidade de pensar... "(Kant, 2005/1784a, p. 64)

Kant (2005/1784a) acredita que um povo possa chegar à "maioridade" através do esclarecimento. Afirma, contudo, que se trata de um processo muito lento que exige liberdade. A liberdade almejada por Kant (2005/1784a) pode, segundo ele, ser alcançada a partir do momento em que o homem faz uso público de sua razão – ou seja, de seu conhecimento – em todas as questões, sem temer aqueles a quem costumava ser submisso. O homem somente terá liberdade ao ignorar a exclamação ouvida constantemente e oriunda de todas as partes: "não raciocineis!" Como afirma:

"O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: *raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, *mas obedecei*!) Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade." (Kant, 2005/1784a, p.65)

Kant (2005/1784a, 2004/1784b) aponta e desenvolve as questões da submissão do homem e da necessidade da passagem da "menoridade" para a "maioridade" em seus dois textos aqui analisados. Neles, no entanto, não indica de forma objetiva como esse processo de transformação pode realmente ocorrer. Como já foi visto, ele sugere a liberdade como ponto de partida, mas não especifica como tal liberdade pode ser alcançada. O fato é que Kant

(2005/1784a, 2004/1784b) introduz uma discussão muito relevante: a libertação do homem dos grilhões impostos pelos senhores de sua época. Esta liberdade almejada por ele representava o progresso do espírito humano. É, ainda, importante ressaltar que o discurso de Kant (2005/1784a, 2004/1784b) está impregnado de otimismo. Em outras palavras, para ele, a situação de submissão e inferioridade em relação ao senhor poderia ser superada. Kant almejava dias melhores e vividos com mais liberdade.

Outros filósofos retomaram suas ideias e acrescentaram reflexões relevantes. Como exemplo disso, podemos citar as discussões concernentes à criação de uma língua universal e ao papel desta no processo de esclarecimento⁷.

2.2. A língua universal de Condorcet

Assim como a discussão de Kant (2005/1784a, 2004/1784b), a obra do filósofo francês Condorcet (1993/1793) é impregnada de otimismo e de uma crença no progresso do espírito humano. A passagem, no século XVIII, de uma civilização rude e pouco esclarecida para uma civilização esclarecida e livre foi necessária e essencial para o aperfeiçoamento do espírito humano, como afirma Condorcet (1993/1793). Neste aperfeiçoamento, estavam presentes ideias apresentadas por ele e tidas como essenciais para o progresso, como: difundir a verdade; eliminar os preconceitos das escolas, do governo e das corporações; e adquirir liberdade de pensamento.

Este filósofo francês (1993/1793) cita a invenção da imprensa ocorrida no século XV como uma das revoluções mais importantes para se alcançar tal progresso. Na concepção de Condorcet, o processo de esclarecimento e a necessidade de obtenção da liberdade pelo homem, discutidos por Kant, tiveram como grande aliada a circulação dos escritos, alavancada pela imprensa. A imprensa multiplicou e barateou o objeto escrito, e mais do que isso, aumentou o interesse pela instrução e isso parecia estar levando o homem ao caminho da liberdade e ao fim da verdade absoluta imposta pelos senhores. A tipografia multiplicou, indefinidamente, os exemplares de uma mesma obra e, desta forma,

⁷ Muitos historiadores da filosofia não consideram Kant um filósofo da linguagem. Sendo assim, ele não teria contribuído para o desenvolvimento da filosofia da linguagem contemporânea. No entanto, Marcondes (2004), argumenta que a filosofia crítica de Kant contribui de forma relevante para a filosofia da linguagem do século XX.

a escrita passou a se democratizar e a se tornar acessível a todos que soubessem ler. Para Condorcet, a democratização da escrita despertou o desejo pela leitura e pela instrução. A multiplicação rápida do objeto escrito e sua comercialização fizeram com que o século das Luzes se tornasse, de alguma forma, o século do comércio e, acima de tudo, o século da escrita. Como consequência, o sonho do *Aufklärung* (Kant 2005/1784a) parecia estar cada vez mais próximo. A liberdade e o intercâmbio de ideias, isentos da submissão a um senhor absoluto e dotado de razão, estavam prestes a se tornar realidade. Nas palavras de Condorcet:

"É à tipografia que se deve a possibilidade de divulgar as obras que as circunstâncias do momento solicitam, ou os movimentos passageiros de opinião, e através disso interessar, sobre cada questão que se discute em um ponto único, a universalidade dos homens..." (Condorcet, 1993/1793, p. 110)

Condorcet (1993/1793) se preocupava muito com os destinos futuros da espécie humana e afirmava que estes dependiam de três condições principais: do estabelecimento da igualdade em um mesmo povo, da eliminação da desigualdade entre as nações e do real aperfeiçoamento do homem. Para ele, um dia todas as nações se aproximariam do esclarecimento e da liberdade, e principalmente, da igualdade. Ressalta que:

"... os homens se aproximarão deste estado onde todos terão luzes necessárias para se conduzir segundo sua própria razão nos negócios comuns da vida, e mantê-la isenta de prejuízos, para conhecer bem seus direitos e exercê-los segundo sua opinião e sua consciência; onde todos poderão, pelo desenvolvimento de suas faculdades, obter meios seguros de prover às suas necessidades; onde, enfim, a estupidez e a miséria serão apenas acidentes, e não o estado habitual de uma parte da sociedade." (Condorcet, 1993/1793, p. 177)

O trecho acima deixa clara a aproximação das ideias de Condorcet e Kant. Para os dois filósofos, o grande problema do homem é não ser possuidor de sua razão, quer dizer, ser dependente de um senhor, de alguém considerado superior que sempre lhe dirá o que fazer e como. O desejo principal de ambos é o de que a espécie humana esteja em constante aperfeiçoamento. Os dois filósofos afirmam que a falta de conhecimento e de sabedoria preserva o estágio de "menoridade" do homem e acentua as diferenças entre eles. Condorcet (1993/1793) cita três tipos principais de desigualdade entre os homens: as desigualdades financeiras, econômicas e de instrução. Com relação à segunda, Condorcet enfatiza bem que as diferenças entre os que nascem ricos e os que têm que trabalhar para conseguir o sustento são extremamente negativas.

Quanto à desigualdade de instrução, o combate a esta seria um dos pontos chave para a chegada ao esclarecimento. Condorcet propõe o combate a tais desigualdades.

A igualdade de instrução pode permitir que o homem se liberte de seus senhores e se conscientize de seus direitos no que diz respeito à economia doméstica e à administração de seus negócios e indústrias. O ponto principal é não depender cegamente de outros homens, mesmo que eles sejam considerados senhores. De acordo com Condorcet, para que a igualdade de instrução se concretizasse seria necessária uma revolução linguística. Para ele, o aperfeiçoamento da arte de ensinar está diretamente ligado à instituição de uma língua universal. Esta língua deveria ser capaz de exprimir, por signos, as operações do espírito humano e ter como característica a originalidade. Assim, os homens que conhecessem esses signos, o método de combiná-los e as leis de sua formação, entenderiam aquilo que estivesse escrito nessa língua e, principalmente, se exprimiriam com facilidade, utilizando uma língua comum a todos:

"... se aprenderia a língua universal com a própria ciência, como a língua da álgebra; se conheceria o signo ao mesmo tempo que o objeto, a idéia, a operação que ele designa. Aquele que tendo aprendido os elementos de uma ciência, gostaria de penetrar mais nela, encontraria nos livros não apenas as verdades que ele pode entender com o auxílio dos signos dos quais já conhece o valor, mas a explicação dos novos signos dos quais se precisa para elevar-se a outras verdades." (Condorcet, 1993/1793, p. 200)

A língua universal permitiria que a comunicação entre os homens se expandisse. E, sem dúvida, sua união com a imprensa seria a combinação perfeita para a comunicação livre entre os homens e para a obtenção do estágio de "maioridade" proposto por Kant. No entanto, se a língua universal imaginada por Condorcet se assemelhasse à língua da álgebra, como observado na citação acima, ela se limitaria a exprimir proposições simples, objetivas e precisas, como o sistema de uma ciência exata. Desta forma, esta língua seria ideal e não possuiria as inconsistências de uma língua natural. Para Condorcet, no entanto, a idéia de uma língua universal não é uma utopia. Ele afirma que seria necessário que os usuários desta língua universal reconhecessem que na maior parte do tempo não têm ideias precisas e objetivas. A utilização da língua universal proposta por Condorcet requereria ideias claras, definidas e noções bem determinadas e convencionadas. Assim, esta língua se aperfeiçoaria a cada dia, a partir do seu uso, de modo a adquirir um rigor e uma precisão que

facilitariam o conhecimento da verdade e tornariam o erro quase impossível. Sendo assim, a língua universal teria uma confiabilidade análoga à segurança da matemática, por exemplo.

Com base nas reflexões de Condorcet a respeito de uma língua universal como uma das formas de aperfeiçoar a instrução e de possibilitar a concretização do projeto do Iluminismo entre os homens, devemos questionar se este tipo de língua seria capaz de dar conta de toda a complexidade e do pensamento⁸ humano. Parece utópico imaginar a possibilidade de o pensamento humano, que é naturalmente abstrato, se tornar objetivo como uma ciência exata. Condorcet (1993/1793) não desenvolve com detalhes a sua proposta de língua universal. Mesmo assim, por conceber a democratização da educação (alavancada pela invenção da imprensa) e a criação de uma língua universal como peças fundamentais para o progresso e esclarecimento humano, sua obra foi um marco e uma referência na história do progresso do espírito humano.

2.3. A arte do raciocínio restrita a uma língua universal

A questão de uma língua universal e ideal também foi abordada no Iluminismo por Condillac (1973/1780, 1973/1798). Suas ideias estão em plena sintonia com as de Kant (2005/1784a, 2004/1784b) e as de Condorcet (1993/1793) no que diz respeito à liberdade e à aquisição da autonomia de pensamento. As reflexões de Condillac (1973/1780) também dizem respeito à ligação entre uma língua universal e a arte de raciocinar bem.

De acordo com Condillac (1973/1780), pensamos segundo outras pessoas e adotamos preconceitos de outras pessoas. Isso equivale dizer que, socialmente, há uma transmissão de pensamentos e ideias que, para Condillac, deve ser questionada. Esse raciocínio transmitido nos leva a adquirir maus hábitos que nos impedem de raciocinar. Ao invés de observarmos as coisas que queremos conhecer, nós as imaginamos a partir de informações que nos são passadas pelos outros. Desta forma, as hipóteses falsas, os erros, os preconceitos, as superstições, ou seja, os maus hábitos se propagam

^{8 &}quot;... o pensamento constitui uma atividade intelectual visando à produção de um saber novo pela mediação da reflexão. Em outras palavras, o pensamento é o "trabalho" efetuado para reflexão do sujeito sobre um objeto, num movimento pelo qual a matéria-prima que é a experiência é transformada, de algo não-sabido, num ser produzido e compreendido." (Japiassú & Marcondes, 2006)

intensamente. O ato de aprender a raciocinar está diretamente ligado ao ato de se libertar dos maus hábitos ou de corrigi-los. Desta forma, raciocinar bem e com liberdade é um dos caminhos principais para o progresso do espírito humano. Aliado a isto, Condillac afirma que a língua também é essencial para tal progresso.

O bom raciocínio, para Condillac (1973/1780), é aquele feito com liberdade e autonomia e sem arbitrariedade e vícios, ou seja, é a forma de pensar desvinculada dos pensamentos e opiniões de outrem. A constante propagação dos maus hábitos ocorre porque o homem faz uso das palavras sem antes analisá-las; toma como "ideal" a língua que recebe assim que nasce, sem contestá-la ou examiná-la criticamente. Desta língua, o homem herda todos os juízos que transmite e repete sem críticas. Ele acredita obter conhecimento a partir de palavras, sem se dar conta do real significado destas. Como podemos observar:

"Julgamos precipitadamente sem nos darmos conta dos juízos que transmitimos e acreditamos adquirir conhecimentos aprendendo palavras que são apenas palavras. Porque, em nossa infância, pensamos segundo os outros, adotamos todos os preconceitos. Quando atingimos uma idade onde acreditamos pensar segundo nós próprios, continuamos a pensar segundo os outros, porque pensamos segundo os preconceitos que eles nos deram. Então, quanto mais o espírito parece fazer progressos, mais se extravia e os erros se acumulam de gerações em gerações." (Condillac, 1973/1780, p.108)

Desta forma, ao invés de progredir, o espírito humano se desvia e os erros se acumulam e se repetem. A retomada do caminho, de acordo com Condillac (1973/1780), é refazer o entendimento humano que, como ele explica, consiste em esquecer tudo o que aprendemos e retomar as ideias desde o início, ou seja, em sua origem. O entendimento humano deve ser composto de observação e análise, mas, quando há uma abstração, o entendimento se desvia e o homem deixa de observar e de analisar para somente absorver as ideias e os pensamentos já existentes. Condillac (1973/1780) enfatiza que a natureza original do homem é ser observador e analista, mas essas características vão se perdendo na medida em que convivemos com os maus-hábitos daqueles que nos cercam. Como ocorre com as crianças que, como afirma Condillac (1973/1780):

[&]quot;... são determinadas por suas necessidades a serem observadoras e analistas; e têm, através de suas faculdades originais, condições para tanto... mas quando nós começamos a conduzi-las, interditamo-lhes toda observação e toda análise. Supomos que elas não raciocinam, porque não sabemos raciocinar com elas, esperando uma idade de razão, que começara sem nós e que atrasamos com

todo o nosso poder, condenamo-las a julgar apenas segundo nossas opiniões, nossos preconceitos e nossos erros." (Condillac, 1973/1780, p.109)

O poder que os cuidadores exercem sobre as crianças, citado por Condillac (1973/1780), pode ser comparado ao poder dos senhores, mencionado por Kant (2005/1784a). Como discutido anteriormente, os senhores faziam com que as pessoas se privassem de opiniões e pensamentos próprios e não as deixavam chegar ao estágio de "maioridade".

Condillac (1973/1780) prega que, para sermos analistas, observadores, críticos e donos de nosso próprio entendimento, é necessário, além de nos libertarmos daqueles que nos tolhem, saber utilizar as palavras. Só podemos raciocinar através das palavras, elas são indispensáveis para formarmos ideias de todos os tipos. Consequentemente, ele conclui que a arte de raciocinar começou com o surgimento das línguas. Assim sendo, para ele, o progresso do espírito humano está diretamente relacionado ao progresso das línguas. Segundo Condillac (1973/1780), é preciso observar as línguas, investigar como surgiram e como evoluíram para se chegar ao raciocínio autônomo e perfeito.

Antes de chegar à proposta de uma língua universal, Condillac (1973/1780) inicia sua discussão a respeito da arte de pensar a partir da origem dos elementos da linguagem. Ele afirma que os elementos da linguagem são inatos, sendo assim, a linguagem é inata⁹, mas os pensamentos não. Seria necessário, então, que os elementos de uma linguagem precedessem às ideias para que o raciocínio pudesse acontecer. Como afirma:

"... há uma linguagem inata, ainda que não haja ideias que o sejam. Com efeito, seria preciso que os elementos de uma linguagem qualquer, preparados antecipadamente, precedessem nossas ideias, porque, sem signos de qualquer espécie, nos seria impossível analisar nossos pensamentos, para darmos conta do que pensamos, isto é, para vê-lo de maneira distinta." (Condillac, 1973/1780, p. 110)

Condillac (1973/1780) complementa afirmando que, em um primeiro momento, a configuração do homem é destinada a representar tudo que se passa na alma, ou seja, expressa sentimentos, opiniões, desejos, temores, raciocínios. Neste primeiro momento em que o homem quer expressar seus sentimentos, ele utiliza a linguagem de ação que, como Condillac afirma (1973/1780), é inata e composta de gestos. A linguagem de ação representa para ele a origem das línguas. A representação feita a partir desta linguagem

⁹ Pertencente à natureza humana e que não é criada artificialmente. Para filósofos como Condillac (1993/1780) é considerada falha e ineficiente.

não é composta de um projeto, planejamento ou observação. Desta forma, o homem exprime através da linguagem de ação tudo que sente, sem a real intenção de se comunicar. É somente uma forma de se expressar.

No entanto, Condillac (1973/1780) ressalta um problema de compreensão a partir da linguagem de ação e afirma que aquele que escuta com os olhos não consegue compreender a linguagem usada. A compreensão começa a se dar a partir do momento em que o ouvinte, naturalmente, separa os elementos do discurso e os observa cuidadosamente, isto é, observa os movimentos com atenção.

Na concepção de Condillac (1973/1780), é natural para o homem decompor a linguagem mesmo sem pensar a respeito desse processo. Desta forma, o homem observa cuidadosamente cada gesto e analisa conjuntos de movimentos. A partir desse processo de análise, os homens percebem que a compreensão ocorre de forma cada vez mais eficaz. O homem passa, então, a repetir seus movimentos em sequência e, desse modo, calmamente, vai compreendendo melhor sua própria linguagem. Decompondo a linguagem de ação, o homem decompõe, automaticamente, seu pensamento, o que contribui para a compreensão de si mesmo e dos outros. Desta decomposição surgem os primeiros signos.

"Este meio, o único que ele possui pra analisar seu pensamento, poderá desenvolvê-lo até nos mínimos detalhes: pois, sendo dados os primeiros signos de uma linguagem, só nos resta consultar a analogia e ela fornecerá todos os outros." (Condillac, 1973/1780, p. 111)

Condillac (1973/1780) nos lembra que a decomposição da linguagem de ação somente ocorre quando os homens percebem a necessidade de se ajudar. Surge, então, a necessidade de se comunicar, de compreender a si e aos outros também. A partir desta necessidade, a decomposição da linguagem de ação é solidificada e a linguagem se torna um método analítico. Neste momento, o homem passa a observar tudo ao seu redor e a analisar seus pensamentos antes de se comunicar. É importante assinalar que Condillac (1973/1780) enfatiza que a linguagem como método analítico não é inata, assim como as ideias decompostas da linguagem de ação. As ideias somente existem a partir da observação e da análise. A linguagem como método analítico fornece ideias e, de acordo com Condillac (1973/1780), todo método pode ser aprendido; por isso, a linguagem como método de análise não pode ser considerada inata. Ele ainda defende a concepção de que as línguas são métodos analíticos, pois

somente analisamos os pensamentos através delas. Sem a linguagem de ação, os homens não teriam a capacidade de analisar seus pensamentos e, como resultado, a linguagem propriamente dita não teria evoluído. A análise e a consciência da linguagem de ação usada para comunicação foram essenciais para que o homem começasse a falar a linguagem de ação, ou seja, passasse a falar com sons articulados.

A partir do momento em que o homem passou a falar a linguagem de ação, as línguas foram surgindo e se caracterizaram inicialmente como métodos exatos. Esta caracterização se deve ao fato de as línguas, a princípio, serem utilizadas para a comunicação de questões relacionadas às primeiras necessidades. Em seus primórdios, as línguas, embora limitadas, eram muito claras. A grande falha do homem foi, com o passar do tempo, sentir cada vez menos a necessidade de analisar a linguagem, já que, como afirma Condillac (1973/1780), não estava completamente ciente da importância deste método. Como podemos observar:

"Se, pretendendo aperfeiçoá-las, pudéssemos ter continuado como começamos, não se teria procurado novas palavras na analogia a não ser quando uma análise bem feita tivesse, realmente, trazido novas ideias e as línguas, sempre exatas, teriam sido mais ricas." (Condillac, 1973/1780, p. 113)

Condillac (1973/1780) afirma que o aperfeiçoamento das línguas não prosseguiu, pois o ato e o desejo de falar se tornaram mais importantes para o homem do que a análise que era feita anteriormente. Como resultado, as línguas foram se tornando métodos analíticos bastante defeituosos, passando a falar de muitas coisas e sem muita exatidão. O método de análise passou a ser usado por filósofos somente na matemática, física e química e, assim, a arte de raciocinar começou a ser ignorada. Além desse fator, o aumento da atividade comercial aproximou os povos de diferentes línguas e estas acabaram por se mesclar. Este fato dificultou cada vez mais a análise, já que, dada a mistura das línguas, a analogia não podia mais ser considerada na significação das palavras e passou-se a acreditar que a arte de raciocinar não pudesse mais ser aprendida. Em um certo momento de sua obra, Condillac responsabiliza os filósofos, que não perceberam que as línguas poderiam ser métodos analíticos, e as transformaram em métodos defeituosos. Os filósofos não tentaram observar as formas por meio das quais as línguas foram concebidas e passaram a pensar que elas eram arbitrárias. Esta é uma das maiores críticas feitas por Condillac (1973/1780). Ele afirma que os filósofos geraram a desordem na linguagem. O progresso lento e quase estagnado da linguagem fez com que os homens buscassem elementos em outras línguas. Com isso, as línguas foram se misturando e se tornando grandes conjuntos de línguas estrangeiras com histórias entremeadas e confusas. Condillac (1973/1780) complementa e afirma que as palavras estrangeiras incorporadas a uma língua a tornam falha e inconsistente, impedindo sua evolução. Como podemos observar:

"Uma língua seria superior se o povo que a fizesse cultivasse as artes e as ciências sem nada pedir a outra língua: pois a analogia, nesta língua, acusaria o progresso sensível dos conhecimentos e não teria necessidade de procurar a história alhures. Esta seria uma língua verdadeiramente sábia, só ela o seria. Mas quando são um conglomerado de línguas estrangeiras, confundem tudo: a analogia não pode mais fazer perceber, nas diferentes acepções das palavras, a origem e a geração dos conhecimentos..." (Condillac, 1973/1780, p. 116)

A partir do trecho acima, Condillac (1973/1780) reforça que os filósofos não se deram conta de que a mistura das línguas era algo prejudicial e que só poderia confundir os falantes. A análise que deve ser feita da língua, para que ela progrida e, com isso, o espírito humano também progrida, é aquela que, retornando à origem das línguas, mostre na analogia sua formação original. A análise da língua e o retorno à sua formação original permitiriam que se chegasse a uma língua perfeita e sem interferências de outras línguas.

Em seu texto "A língua dos cálculos", Condillac (1973/1798) afirma que a língua bem feita que ele tanto almejava deveria se espelhar na linguagem dos cálculos. Desta forma, a língua bem feita seria precisa, objetiva e teria características analógicas presentes na linguagem matemática. Para Condillac (1973/1798), a língua bem feita deve ser única e universal, mas, assim como Condorcet (1993/1793), ele não descreve com detalhes esta língua. Condillac finaliza suas reflexões afirmando que as analogias, se feitas de forma adequada, possibilitariam o surgimento de uma língua precisa, pura, sem tomar nada emprestado de outras, como a álgebra, que é toda baseada em analogias, sem autoridades e com simplicidade. Condillac (1973/1798) conclui afirmando que a analogia compõe toda a arte de raciocinar bem e de falar bem e é nossa responsabilidade instruir os novos falantes para que sigam o caminho da analogia.

2.4. A busca por uma língua universal nos séculos XIX e XX

Como acaba de ser apresentado, Condorcet (1993/1793) e Condillac (1973/1780/, 1973/1798) almejavam a criação de uma língua universal para que esta contribuísse para o progresso do espírito humano. A idéia era criar uma língua simples e objetiva, como a língua dos cálculos, que trouxesse a unificação dos saberes. Essa língua facilitaria também o acesso às informações e, consequentemente, o progresso do espírito humano. Outros inúmeros projetos de língua universal sucederam àqueles imaginados por Condorcet e Condillac. Como afirma Eco (2002), o sonho de uma língua universal parece acompanhar o homem por muitos séculos, mais precisamente desde o início da humanidade¹⁰. O interesse principal desta seção não é descrever todo esse processo de busca da língua perfeita e universal através dos tempos, mas, citar brevemente alguns projetos que visavam a criação desta língua e que se destacaram a partir do lluminismo.

Durante o século XVIII, a tão desejada língua universal também era conhecida como língua filosófica. De acordo com Eco (2002), esta denominação representava uma mudança de paradigma em relação aos projetos surgidos anteriormente. Antes dos projetos de língua filosófica, a busca da língua perfeita foi motivada por fortes tensões religiosas. Então, a língua perfeita e universal tinha como principal objetivo, segundo Eco (2002), se opor ao latim, que era a língua da igreja católica. Já a língua filosófica visava eliminar as ideias falsas e os maus juízos que eram passados aos homens de gerações em gerações. Acreditava-se que tais ideias e juízos obscureciam a mente humana e impediam o progresso do espírito. Eco (2002) afirma que a criação de uma língua filosófica universal ainda tinha motivações comerciais, dado que as negociações entre povos de línguas distintas seriam facilitadas com a utilização de uma língua comum.

Eco (2002) menciona que o sucesso de um projeto de língua universal no século XVIII possibilitaria a propagação das Luzes e contribuiria para a concretização dos ideais do período do Iluminismo descritos por Kant

¹⁰ Eco (2002) apresenta e descreve vários projetos relevantes de línguas universais. Ele inicia sua discussão com o mito de Babel, passa pela Antiguidade com Raimundo Lúlio (1232-1316) e seu projeto Ars Magna e pelo século XVII com Cave Beck e o projeto The Universal Character (1657). Além destes, Eco (2002) também cita Jorge Dalgarno e o projeto Ars Sinorum (1661), Leibniz com o projeto Dissertatio de arte combinatória (1666) e John Wilkins e o Essay towards a real character, and a philosophical language (1668). Eco (2002) também analisa alguns projetos do século XVIII, prosseguindo até os projetos de línguas internacionais auxiliares dos séculos XIX e XX, como o Volapuque (1879), o Esperanto (1887) e o Latino sine flexione (1903).

(2005/1784a). Alguns projetos visando à criação de uma língua universal no século XVIII são os de Jean Delormel¹¹ (1795), Zalkind Hourwitz¹² (1800) e o projeto de Joseph De Maimieux¹³ (1797).

A busca por uma língua universal não cessou no século XVIII. Eco (2002) dá seguimento à sua discussão a respeito da tentativa de se criar uma língua universal até os séculos XIX e XX. Para uma melhor compreensão do caminho percorrido pelos projetos de língua universal após o lluminismo, farei uma breve apresentação de suas considerações sobre os projetos dos séculos XIX e XX.

Eco (2002) afirma que, no século XIX, houve um grande desenvolvimento nas comunicações e nos meios de transporte e um grande progresso científico. Este desenvolvimento gerou, consequentemente, uma tendência de as nações se aproximarem, principalmente devido aos interesses comerciais. Assim sendo, os homens passaram a almejar uma nova língua universal. Com objetivos distintos dos projetos de língua universal do século XVIII, começaram a surgir os primeiros projetos com a finalidade de se criar uma língua internacional auxiliar (LIA). Esta língua deveria ser artificial e considerada neutra por seus usuários. Além disso, visando facilitar o uso, os projetos de LIA priorizavam uma gramática simples, objetiva e um léxico vasto.

Um dos projetos mais importantes de LIA foi o Volapuque de Johann Martin Schleyer. Criado em 1879, foi o primeiro sistema auxiliar a adquirir status de internacional. Este sistema usava a língua inglesa como referência. Outro projeto de muito destaque e amplamente difundido foi o Esperanto. Visando o fim da opressão e a concórdia entre os povos, o Doutor Lejzer Ludwick Zamenhof criou o Esperanto em 1887. O sonho de Zamenhof era o de que os judeus do mundo todo pudessem se unir a partir do uso do Esperanto.

Em 1903 surgiu o Latino sine flexione. O criador desta LIA, Giuseppe Peano, não quis inventar uma nova língua, mas propor um latim sem flexões e muito mais simplificado. Esta LIA seria utilizada nas relações científicas internacionais e somente na forma escrita. Pouco tempo depois, em 1907, o Comitê Diretivo da Delegação para a escolha de uma LIA e seu secretário Couturat criaram o Ido. Esta LIA nada mais era do que uma versão reformada do Esperanto.

¹¹ O projeto de Jean Delormel se chama *Projet d'une langue universelle*.

¹² Zalkind Hourwitz criou o projeto *Polygraphie*, ou l'art de correspondre à l'aide d'un dictionnaire dans toutes les langues, même dans celles dont on ne possède pas seulement les lettres alphabetiques.

Joseph De Maimieux criou o projeto Pasigraphie.

Os projetos de uma língua universal fracassaram durante o século XVIII, XIX e primeira metade do século XX. Os motivos para os insucessos dos projetos foram similares. Estes serão explicitados na seção que se segue.

2.5. Os fracassos dos projetos

Apesar das várias tentativas, os projetos de língua universal do século XVIII, XIX e primeira metade do século XX fracassaram e os motivos para o insucesso foram os mesmos.

Como discutido nas seções anteriores, ao utilizar a língua universal, o homem seria capaz de raciocinar melhor, com liberdade e autonomia. Esta língua levaria o homem ao conhecimento, ou seja, ao esclarecimento e possibilitaria a unificação e o desenvolvimento da ciência. Além de raciocinar melhor, o homem se comunicaria melhor com outros homens, tendo em vista a objetividade e clareza da língua. A língua universal seria, portanto, a língua do conhecimento e a língua da comunicação ao mesmo tempo. No entanto, essas duas funções são incompatíveis e muito distintas (Marcondes, 1989). A fim de explicitar esta distinção, selecionei dois filósofos de épocas muito díspares, mas que fazem considerações relevantes e análogas a respeito da língua do conhecimento e da língua da comunicação.

No diálogo inicial da obra *De magistro* (1956/389), Santo Agostinho explica a finalidade da linguagem e afirma que, ao falarmos, queremos ensinar. Desta forma, ao ensinarmos, estamos nos comunicando e, consequentemente, utilizando a língua da comunicação. Santo Agostinho afirma, porém, que também existe uma forma de falarmos intimamente, ou seja, de pensarmos as próprias palavras na nossa mente. Neste caso, a linguagem tem uma finalidade diferente e é utilizada para o conhecimento, assumindo o papel, portanto, de língua do conhecimento.

Assim como Santo Agostinho, Locke (2005/1690) explicita a diferença entre a língua da comunicação e a língua do conhecimento. Ele nos mostra que as palavras podem ter um uso civil e um uso filosófico. O primeiro uso é descrito como uma comunicação de pensamentos e ideias que possam servir para manter uma conversa cotidiana. Sendo assim, a língua da comunicação é utilizada durante o uso civil das palavras. O segundo uso das palavras, o uso filosófico, é definido por Locke (2005/1690) como uma forma de registrar os

pensamentos e buscar o conhecimento verdadeiro. Desta forma, a língua do conhecimento é utilizada. Os filósofos que visavam criar uma língua universal não entendiam as diferenças existentes entre as línguas da comunicação e do conhecimento, e insistiam em projetos impossíveis que tinham como objetivo unir essas duas línguas.

Eco (2002) complementa as considerações a respeito dos fracassos dos projetos de língua universal afirmando que estes rejeitavam a visão dinâmica e comunicativa da linguagem (que caracteriza as línguas naturais¹⁴). Como os projetos de língua universal eram projetos que tinham por fim a criação de uma língua artificial¹⁵, não eram capazes de dar conta da infinidade de determinações que poderiam surgir a partir do uso dessas. Os projetos de língua universal tinham por fim criar uma única língua para expressar as verdades da razão, visavam à reflexão e ao conhecimento e não à comunicação. Além disso, os projetos de língua universal tinham como objetivo eliminar as imperfeições detectadas pelos filósofos nas línguas naturais. É importante ressaltar que tais filósofos não levaram em consideração o fato de que estas línguas são capazes de abarcar todas as variações possíveis, pois são naturalmente dinâmicas, flexíveis e abertas a novas proposições, ou seja, são as línguas da comunicação.

Eco prossegue a discussão dos insucessos dos projetos de língua universal, dizendo que aqueles que os criaram não se deram conta de que a língua e o pensamento têm uma gênese que se desenrola no tempo. Uma língua universal, poderia somente refletir uma parte da constituição da linguagem de forma extremamente limitada. Além desta limitação, Eco afirma que, mesmo que todos os homens entrassem em um acordo para utilizar a mesma língua, em pouco tempo, pela influência do uso, esta se alteraria consideravelmente e iria adquirir características distintas, de acordo com a comunidade de falantes que a estivesse utilizando. Sendo assim, novos idiomas surgiriam e o projeto de uma língua universal estaria mais uma vez fadado ao fracasso. O que faltaria a essa língua, para Eco, seria uma herança histórica, característica inerente às línguas naturais.

epoca de Chaucer). Com base nesta definição alguns grupos podem ser formados como o das línguas românicas e o das línguas crioulas. Todas as línguas citadas são exemplos de línguas naturais." (Crystal, 1980, minha tradução)

¹⁴ Uma língua natural é: "... um sistema abstrato que tem como base a fala e a escrita de uma comunidade (esta é a noção de *langue*) ou é o conhecimento que um indivíduo tem deste sistema (esta é a noção de competência). Esta definição é apropriada tanto para uma visão sincrônica (ex.: a língua inglesa nos dia de hoje) como para uma visão diacrônica (ex.: a língua inglesa desde a época de Chaucer). Com base nesta definição alguns grupos podem ser formados como o das

As diferentes e inúmeras línguas naturais que existem no mundo são socialmente transmitidas e carregam uma vasta herança histórica, política e cultural, de acordo com sua comunidade de origem. Como afirma o linguista americano Chomsky (1998): "Eu falo uma das variantes do inglês, e não uma das variantes do português. Nesse sentido, a língua é socialmente transmitida."

O fato é que a busca por uma língua única não cessou desde o início da humanidade. A partir das reflexões feitas neste capítulo, as questões que remanescem e que me intrigam são: para onde estamos caminhando em relação aos projetos de língua universal? Existe uma busca pela língua universal e perfeita na contemporaneidade? Após investigar os fracassos dos projetos durante os séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX, notei que existe uma ausência de pesquisas relevantes em relação a esse tema na contemporaneidade. No próximo capítulo irei investigar se a busca por esta língua prosseguiu, após os fracassos descritos anteriormente.

¹⁵ Uma língua artificial é: "Um sistema construído artificialmente usado para explicitar uma área conceitual (ex.: formal, lógica e computacional) ou para facilitar a comunicação (ex.: esperanto)." (Crystal, 1980, minha tradução)

3. A língua inglesa e seu papel a partir da segunda metade do século XX

"Acredito ter escrito que Wren, em troca de algumas aulas de italiano, havia-me iniciado no estudo do infinito idioma inglês. Prescindiu, no possível, da gramática e das frases feitas para a aprendizagem e entramos diretamente na poesia, cujas formas exigem a brevidade. Meu primeiro contato com a linguagem que povoaria minha vida foi o valioso *Requiem* de Stevenson; depois vieram as baladas que Percy revelou ao decoroso século XVIII. Pouco antes de partir para Londres, conheci o deslumbramento de Swinburne, que me levou a duvidar, como quem comete uma culpa, da eminência dos alexandrinos de Irala." (Jorge Luis Borges, O Congresso. In: *O livro de areia*, 2001)

A discussão desenvolvida no capítulo anterior mostrou que o desejo de criação de uma língua universal no século XVIII estava diretamente ligado aos ideais do Iluminismo. Objetivos religiosos e comerciais faziam parte da busca pela língua única de comunicação, considerada neutra, que não privilegiasse nenhuma língua em relação às outras. Como mencionado anteriormente, essa busca não cessou até a primeira metade do século XX, com as línguas internacionais auxiliares (LIA). A partir de então, não houve mais projetos que se destacassem, cujo objetivo fosse a criação de uma língua universal.

Após inúmeras tentativas, segundo Eco (2002), os estudiosos que acreditavam em tais propostas perceberam que era inútil e até ingênuo tentar criar uma língua universal, artificial e estática, isto é, que não se alterasse e adquirisse novas formas a partir do uso. Ele ressalta que, considerando o fato de as línguas nascerem dos gênios de povos completamente distintos, é possível concluir que jamais existirá uma língua universal. Como dito no capítulo anterior, as línguas são socialmente transmitidas e possuem características históricas e sócio-culturais que variam de acordo com o grupo de falantes e o local onde estes se encontram. Desta forma, Eco conclui que seria algo fora da realidade remeter as línguas humanas a uma suposta matriz unitária e originada espontaneamente das línguas naturais. Realmente, parece inviável imaginar a possibilidade de todas as nações terem os mesmos costumes, sentimentos e ideias e os expressarem utilizando uma única

língua. Aceitar esta possibilidade seria ignorar toda e qualquer diversidade social, educacional, racial, política, econômica, geográfica, climática e todas as outras que existem entre os povos do mundo.

A partir da segunda metade do século XX, a discussão acerca da criação de uma língua universal passou a dar lugar à discussão a respeito da possibilidade de existência de uma língua global¹⁶ (Crystal, 2003). Como discutido anteriormente, a língua universal almejada era uma língua artificial, já a língua global tem como característica principal ser natural. Isto quer dizer que uma determinada língua natural, ao ser utilizada por um extenso número de falantes, é alçada ao status de global. Esta utilização extensiva de uma determinada língua natural está normalmente ligada a fatores políticos e econômicos. O conceito de língua global e as razões que levam uma língua a atingir tal status serão explorados no decorrer deste capítulo. Para auxiliar a discussão que se segue, selecionei as obras de Crystal (2006, 2005, 2003), Seidlhofer (2005, 2004, 2003, 2002, 2001) e Rajagopalan (2005, 2004a, 2004b). O que há em comum entre esses linguistas é a discussão das consequências positivas e/ou negativas do uso de uma língua global e a necessidade desta língua na contemporaneidade. Além disso, tais linguistas oferecem suas contribuições visando facilitar o uso da língua global. Estas discussões são relevantes para este trabalho.

3.1. A língua global de David Crystal

Há uma grande diferença entre a língua universal, cuja criação era a almejada até a primeira metade do XX e aquela que linguistas, como Crystal, têm chamado de língua global. Este linguista faz considerações relevantes a respeito das origens, papéis e consequências de uma língua global na atualidade. Além disso, suas reflexões são importantes para uma melhor compreensão das diferenças entre os projetos de língua universal dos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX e a língua global da contemporaneidade. É necessário questionarmos e compreendermos o que é uma língua global e qual a sua importância na comunicação.

¹⁶ Também chamada por Crystal (2003) de língua franca ou língua comum.

3.1.1. Quando uma língua se torna global

Quando Crystal (2003) se refere a uma língua global, ele está se referindo a uma língua natural, amplamente difundida em âmbito internacional e não a uma língua artificial, como as discutidas no capítulo anterior. Uma determinada língua ascende naturalmente ao status de global sem qualquer planejamento prévio.

Em primeiro lugar, Crystal afirma que uma língua chega ao status de global quando desenvolve um papel especial que é reconhecido em vários países do mundo. Para adquirir tal status, uma língua deve ser adotada como a língua oficial ou semioficial de alguns países. Uma língua pode ser considerada semioficial quando é utilizada em ocasiões específicas, como em reuniões políticas e conferências internacionais, ou quando esta língua divide seu status de oficial com outra ou outras línguas, como acontece na Índia, por exemplo, onde o hindi e o inglês dividem o papel de línguas oficiais. Além dessas possibilidades, uma língua é considerada global quando é usada como língua de comunicação oficial do governo, dos juízes, da mídia e do sistema educacional. Nestes casos, a língua global também é chamada de segunda língua (L2). No entanto, este termo deve ser utilizado com cautela, tendo em vista que muitas pesquisas linguísticas utilizam-no para se referir a qualquer língua usada por um falante que não seja a sua língua materna (L1) (Ellis, 1997). Crystal utiliza o termo língua global para indicar a segunda língua oficialmente ou semioficialmente reconhecida por uma comunidade de falantes.

Em segundo lugar, na visão de Crystal, um outro fator que contribui para que uma língua seja considerada global é esta ser a língua estrangeira mais ensinada nas escolas. Em muitas instituições de ensino de vários países diferentes, o ensino de uma língua estrangeira é obrigatório. Esta obrigatoriedade está ligada à importância já dada nesses países à língua inglesa como língua de comunicação internacional.

Além das razões histórico-geográficas e sócio-culturais, Crystal enfatiza as razões políticas, que também contribuem para uma língua ser considerada global. O latim é um bom exemplo citado por ele. Este se tornou uma língua global não pelo número de pessoas que o usavam, mas pela força do Império Romano. Naquela época, existia o latim clássico literário, utilizado por aqueles que tinham prestígio. Esta língua era ensinada nas escolas como língua padrão em todo o mundo

ocidental. Existia também o latim vulgar, utilizado no dia a dia em várias regiões como Portugal, Espanha, França, Itália e Romênia¹⁷. Crystal (2005) afirma que havia certamente uma falta de entendimento devido ao uso dos dois latins, considerados por ele como duas línguas diferentes.

Com a queda do Império Romano, o uso do latim clássico se tornou menos intenso. No entanto, este se manteve como língua global por algum tempo, devido ao poder da igreja católica. Sem uma base de poder sólido - político, religioso ou militar -, uma língua não pode se consolidar como língua global. Sendo assim, para que uma língua alcance a posição de língua global, é preciso que, primeiramente, adquira poder.

Com o passar do tempo, o latim clássico foi se restringindo cada vez mais aos clérigos e estudiosos dentro da igreja católica romana e a um grupo de amantes e estudiosos desta língua. Fora da igreja e do mundo acadêmico, o latim clássico não tinha espaço. Já o latim vulgar, que era utilizado na comunicação diária, foi se modificando, se fragmentando e adquirindo características diferentes, de acordo com cada região na qual era utilizado. O latim vulgar deu lugar às línguas românicas. A queda do Império Romano propiciou a diversidade e liberdade linguísticas. Desta forma, a língua global adotada durante o Império Romano desapareceu (Crystal, 2003).

Crystal cita ainda o grego como um exemplo relevante de língua global utilizada no passado. Tal língua predominou no Oriente Médio há mais de 2000 anos, devido ao poder do exército de Alexandre o Grande, e não à influência de intelectuais como Platão e Aristóteles. Conforme afirma Eco (2002), as conquistas de Alexandre o Grande fizeram com que a língua grega *Koinè* surgisse. Esta língua foi resultado da fusão de alguns dialetos gregos existentes naquela época e assumiu o papel de língua franca no Oriente Médio e no Mediterrâneo. Apesar de ter perdido seu status para o latim após a dominação romana, o grego ainda sobreviveu como língua de cultura. Dando continuidade aos exemplos, Crystal (2003) afirma que na África e no Oriente Médio predominou a língua árabe, por força do poder islâmico. Quanto às Américas, as línguas dos colonizadores, ou seja, o espanhol e o português, foram impostas aos colonizados. O francês também teve

¹⁷ O latim clássico era usado na literatura e na fala das pessoas cultas, a chamada classe social dos patrícios. Já os membros das camadas populares, também chamados de plebeus, usavam o latim vulgar na fala e em escritas que não tinham pretensões literárias. O latim vulgar caracterizava-se pela desordem na flexão nominal e verbal, pelo uso de um vocabulário popular e pelo desrespeito a regras e convenções gramaticais. (Câmara, 1986)

seu lugar como língua global oficial. Este papel é inquestionável ao observarmos as políticas do Renascimento. A manutenção e expansão de tais línguas foram viabilizadas por um forte poder econômico.

Segundo Crystal, o que é realmente determinante para uma língua alcançar o status de global e, principalmente, mantê-lo, é o poder de seus usuários, principalmente os poderes político e militar. Além desses dois poderes, o crescimento das indústrias, da ciência e da tecnologia também é um fator extremamente importante para o fortalecimento de uma língua. As questões referentes à estrutura gramatical de uma língua, seu vocabulário e sua literatura passam a desempenhar um papel secundário na determinação de uma língua global.

O fato inquestionável é que, quanto maior a necessidade de comunicação entre grupos de línguas diferentes, maior é a necessidade de uma língua comum para possibilitar tal comunicação. Esta língua favorece a realização de negócios e acordos políticos e financeiros. Além disso, uma língua global viabiliza a aproximação de membros de comunidades linguísticas distintas e permite eliminar ou reduzir os custos com tradução, utilizada em eventos internacionais.

Na próxima seção veremos a gradativa consolidação da língua inglesa como língua global desde a segunda metade do século XX até os dias atuais.

3.1.2. A língua inglesa estava no lugar certo e na hora certa.

Ao observarmos o caminho que a língua inglesa foi traçando desde o século XIX até os dias de hoje, percebemos que esta língua estava no lugar certo na hora certa. É importante compreender os motivos que elevaram o inglês ao status de língua global da contemporaneidade.

No início do século XIX, a Inglaterra se tornou líder industrial. No fim deste mesmo século, a população dos Estados Unidos era maior do que a de qualquer país da Europa e sua economia crescia vertiginosamente. No século XX, a supremacia econômica dos Estados Unidos fez com que o inglês se expandisse ainda mais. O inglês se tornou preeminente na política, na economia, na imprensa, na propaganda, na radiodifusão, no cinema, na música popular, nas viagens e na

educação. É importante compreender os motivos que elevaram o inglês ao status de língua global da contemporaneidade.

Inicialmente, o poder da língua inglesa emergiu em função do colonialismo, que fez com que esta língua se espalhasse pelo mundo a partir do século XIX. De acordo com Crystal (2003), o sucesso da língua inglesa como língua global se deu devido ao êxito das expedições feitas pela Inglaterra rumo ao Novo Mundo. A primeira expedição bem sucedida ocorreu em 1607 na baía de Chesapeake, hoje cercada pelos estados de Maryland e Virginia. Alguns anos depois, uma nova expedição chegou a Massachusetts e esta região ficou conhecida como New England (Nova Inglaterra). Desde então, a língua inglesa se espalhou rapidamente pelos Estados Unidos. É importante ressaltar que não foi somente a presença dos colonizadores ingleses que acelerou o domínio da língua inglesa nos Estados Unidos. A partir do século XIX, um número maciço de imigrantes dominou a América do Norte. Irlandeses, alemães, italianos e judeus europeus fugiam das revoluções que ocorriam em seus países. Desta forma, as diferenças culturais, econômicas e linguísticas aumentavam consideravelmente. A língua inglesa do colonizador era usada como a língua de comunicação entre os povos de culturas e línguas tão variadas como os que passaram a viver nos Estados Unidos.

Além da rápida expansão dentro dos Estados Unidos, a língua inglesa passou a se direcionar cada vez mais para o norte, até que chegou ao Canadá. A língua inglesa passou a ser utilizada neste país por volta de 1497, mas só se consolidou no século seguinte, quando fazendeiros, pescadores e comerciantes falantes de língua inglesa foram atraídos ao Canadá.

Crystal ressalta que a língua inglesa também se espalhou rapidamente em direção ao sul dos Estados Unidos, isto é, às ilhas do Caribe. No entanto, a língua inglesa passou a se modificar nessa região devido ao grande número de escravos africanos que eram levados ao Caribe e à costa dos Estados Unidos. Da comunicação entre os navegadores, falantes de língua inglesa, e escravos africanos surgiram vários tipos de pidgins, também denominados de línguas de contato¹⁸.

A rápida expansão da língua inglesa não parou nas ilhas do Caribe. No século XVIII, a Inglaterra construiu sua primeira colônia penal em Sydney, na Austrália.

.

¹⁸ Os pidgins são línguas especializadas, usadas no comércio ou atividades semelhantes, por aqueles que não dispõem de qualquer outra língua em comum. As línguas pidgins se caracterizam por terem uma gramática simplificada e um vocabulário altamente restrito, se comparados à língua ou línguas das quais se originam. (Lyons, 1987)

Aproximadamente 130.000 prisioneiros foram levados à Austrália durante 50 anos, a partir da chegada da primeira frota em 1788. A imigração, principalmente de Londres e da Irlanda, aumentava consideravelmente por causa dos interesses comerciais relacionados à pesca e, com isso, o uso da língua inglesa se consolidava. A língua inglesa chegou mais tarde à Nova Zelândia, expandindo-se de forma bem mais lenta. Visando a expansão dos negócios já existentes na Austrália, os caçadores de baleias, pescadores e comerciantes começaram a ocupar a Nova Zelândia a partir de 1790, aumentando significativamente o número de imigrantes e fortalecendo, assim, o uso da língua inglesa na região.

Ainda com referência ao colonialismo britânico e à consequente expansão da língua inglesa pelo mundo, Crystal destaca a chegada dos colonizadores ingleses à África do Sul. O controle britânico foi estabelecido na Cidade do Cabo em 1806 e a língua inglesa passou a desempenhar o papel de língua oficial a partir de 1822. O inglês passou a ser a língua oficial das leis e da educação. Logo após o domínio britânico, algumas variantes da língua inglesa começaram a surgir em função do número de dialetos africanos existentes. O inglês continuou com seu papel de língua oficial de comunicação na África do Sul, mas os dialetos africanos foram mantidos. Consequentemente, este fato fez com que grande parte da população da África do Sul se tornasse bilíngue. Até que em 1993 a constituição sul africana determina 11 línguas como oficiais, incluindo a língua inglesa. Esta política oficial reforçou o multilinguismo em vários países da África¹⁹ e, como consequência, reforçou o papel da língua inglesa como língua global oficial, ou seja, como a língua usada na comunicação entre falantes de línguas e dialetos diferentes.

A língua inglesa também desempenha um papel muito relevante na Índia. O primeiro grupo britânico a chegar à Índia foi o da *British East India Company* em 1600. Este grupo era formado por mercadores vindos de Londres que obtiveram da rainha Elizabeth I o monopólio do comércio naquela área. A empresa teve início em Madras, Bombaim e Calcutá. Desde então, o papel da língua inglesa na Índia cresceu muito. A partir da segunda metade do século XIX, quando as universidades de Bombaim, Calcutá e Madras foram inauguradas, a língua inglesa passou a ser considerada a língua oficial da educação. Este fato fez com que essa língua crescesse e se fortificasse ainda mais. Por outro lado, assim como na África, existia

¹⁹ Crystal (2003) ressalta que a língua inglesa também ganhou status de língua oficial em vários países do oeste da África como: Serra Leoa, Gana, Gâmbia, Nigéria, República dos Camarões, Libéria, Botsuana, Quênia, Lesoto, Malaui, Namíbia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue.

um grande número de dialetos falados na Índia, apesar de a língua oficial ser o hindi. Nos anos 1960, houve o que Crystal chama de *three language formula* (fórmula das três línguas). Esta fórmula significou que a língua inglesa passou a ser oficialmente considerada como uma das línguas de comunicação, juntando-se, assim, ao hindi e aos dialetos, os quais eram utilizados principalmente no sul da Índia.

Além de dominar a Índia, o inglês também passou a ser considerado oficial em Cingapura a partir dos anos 1950, visando uma padronização entre as línguas faladas naquele país – malaio, mandarim e tâmil. O domínio da língua inglesa em Cingapura, misturado aos dialetos locais, fez surgir o *Singlish*, isto é, a língua inglesa de Cingapura.

É importante considerar que a propagação da língua inglesa também está diretamente ligada ao poder tecnológico. Como pode ser observado no trecho a seguir:

"O poder tecnológico está associado à Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, quando mais da metade dos cientistas e inventores que fizeram aquela revolução trabalhava usando o inglês, e as pessoas que viajavam para a Grã-Bretanha (e para os EUA mais tarde) a fim de aprender as novas tecnologias tinham inevitavelmente de fazê-lo em inglês. O século XIX viu o crescimento do poder econômico dos Estados Unidos, ultrapassando com rapidez a Grã-Bretanha, com o crescimento espantoso de sua população acrescentando muito ao número de falantes de inglês no mundo." (Crystal, 2005, p. 23)

Com o aumento das relações político-comerciais entre povos de diversos lugares do mundo, a partir da Revolução Industrial, surgiu a necessidade de uma língua que pudesse facilitar a comunicação entre eles. No entanto, a noção da necessidade de uma língua global só ganhou força em 1945, em uma reunião realizada no foro internacional para comunicação política, nas Nações Unidas. Naquela época, tal organização contava com 51 Estados como membros. Em 1960, este número subiu para 80 e, com todos os movimentos de independência de países colonizados, este número aumentou consideravelmente. Em 2003, por exemplo, havia 191 membros na ONU.

O crescimento político, econômico e social dos Estados Unidos levou ao fortalecimento da língua inglesa e, consequentemente, à sua consolidação, que, por sua vez, foi reforçada com o processo de globalização. Tal processo teve início na segunda metade do século XX. A consequência foi a quebra das barreiras políticas,

econômicas, tecnológicas e sociais entre vários países. As relações entre muitas nações de inúmeras partes do mundo foram se tornando cada vez mais "permeáveis", como afirma Meyrowitz (1999). Uma das características principais da era da globalização é a crescente permeabilidade das fronteiras físicas, sociais, políticas, culturais e econômicas. Isto significa que houve um movimento de homogeneização e que várias partes do mundo estão se aproximando e adquirindo características similares em vários aspectos. Para que a quebra das várias barreiras se concretizasse, foi necessária a utilização de uma única língua, que permitisse a comunicação entre diversas nações do mundo. No século XX, os Estados Unidos já tinham garantido a posição de nação mais poderosa no mundo. Consequentemente, a língua inglesa firmava-se como a língua oficial de comunicação da globalização.

Na qualidade de língua oficial ou semioficial, o inglês já é adotado em mais de 70 países na contemporaneidade. Como mencionado anteriormente, é possível destacar como exemplos: Gana, Nigéria, Índia e Cingapura. Como língua materna, a concentração maior de falantes de inglês está nos Estados Unidos, com 70% dos falantes (Crystal, 2003). Esta predominância, aliada aos poderes políticos e econômicos dos Estados Unidos, faz com que os norte-americanos controlem os rumos que a língua inglesa vem percorrendo.

Contemporaneamente, o inglês é ensinado em mais de 100 países como língua estrangeira, como na China, Rússia, Alemanha, Espanha, Egito, Brasil, entre outros. Em muitos desses países, este ensino tem caráter obrigatório. Desde os anos 1960, a língua inglesa é dominante no meio acadêmico. Esta língua é utilizada em publicações de artigos em revistas acadêmicas e em apresentações em congressos internacionais. Além desses fatores, é importante lembrar que alguns dos melhores cursos universitários estão localizados em países nos quais o inglês é a língua materna, como os Estados Unidos e Inglaterra. Seguindo o raciocínio de Crystal, um dos segredos do sucesso de negócios relacionados à educação é o acesso ao conhecimento, e este somente é possível a partir da utilização de uma língua de comunicação. Conforme os motivos citados acima, a língua inglesa se tornou a língua oficial da educação.

A difusão da língua inglesa pelo mundo, assim como sua utilização como língua global, fazem com que esta incorpore características diversas, de acordo com o local no qual é utilizada. Tal diversidade foi batizada de "novos ingleses" por Crystal (2003). Este tema será retomado posteriormente, em maiores detalhes.

É praticamente impossível determinar, hoje, o número de falantes de inglês. Crystal afirma que este é usado na atualidade por um quarto da população mundial. Isto significa que, logo no início do século XXI, um bilhão e meio da população mundial estava usando o inglês. Tal fato nos remete aos 3 círculos da língua inglesa sugeridos por Kachru (1988) e ressaltados por Crystal (2003) como uma fotografia apropriada da situação da língua inglesa na contemporaneidade.

O primeiro círculo é chamado de <u>círculo interno</u> (*inner circle*). Este círculo refere-se aos locais nos quais a língua inglesa é usada como língua materna, a exemplo dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Irlanda, do Canadá, da Austrália e da Nova Zelândia. O segundo círculo é o <u>círculo externo</u> (*outer circle*), no qual estão incluídos os países que consideram a língua inglesa uma língua oficial ou semioficial, ou seja, nos quais o inglês divide o status de oficial com a língua materna do país, ou é a língua utilizada em eventos políticos e conferências internacionais. Neste caso, é possível incluir Cingapura, a Índia, o Malauí e as Filipinas. Finalmente, o terceiro círculo é denominado <u>círculo em expansão</u> (*expanding circle*). Neste círculo estão incluídas todas as nações que reconhecem a importância da língua inglesa como língua global e a utilizam em reuniões políticas e eventos internacionais. Além disso, estas nações incluem o ensino da língua inglesa no currículo escolar. Como alguns exemplos destas nações estão o Japão, a China, a Grécia, o Brasil e várias outras.

É importante questionarmos os impactos dessa rápida expansão da língua inglesa pelo mundo.

3.1.3. Possíveis atitudes em relação a uma língua global.

Apesar de a língua inglesa ser considerada a língua global da contemporaneidade, esse tema ainda gera muitas controvérsias e reações, algumas vezes, pessimistas, como o receio de que o inglês possa ameaçar a existência de outras línguas no mundo. Tais reações serão descritas na seção que se segue.

3.1.3.1. Língua global: um perigo?

Crystal (2003) aponta alguns possíveis problemas provocados pela utilização da língua inglesa como língua global. Estes problemas são chamados por ele de "perigos". O primeiro "perigo" seria o surgimento de uma elite linguística. Em outras palavras, aqueles que dominassem muito bem a língua global e a utilizassem como língua materna teriam vantagens em relação aos outros falantes. Tais vantagens poderiam significar melhores oportunidades de trabalho, ascensão social e sucesso pessoal. Esse primeiro "perigo" é chamado por Crystal de poder linguístico. Somente os falantes nativos de uma língua global possuem esse poder. Aqueles que utilizam a língua global como língua estrangeira ou como língua de comunicação estão em uma posição muito inferior em relação aos falantes nativos. Como é possível observar abaixo:

"O risco certamente é real. É possível, por exemplo, que os cientistas cuja língua materna não seja o inglês levem mais tempo para assimilar documentos escritos em inglês em relação aos falantes nativos de inglês. Estes cientistas terão, consequentemente, menos tempo para a realização de seus próprios trabalhos criativos. É possível, também, que as pessoas que escrevem suas pesquisas em outras línguas tenham seus trabalhos ignorados pela comunidade acadêmica internacional. É possível que executivos experientes que não tenham como língua materna o inglês e que trabalhem em empresas nas quais o inglês seja a língua materna, como em algumas partes da Europa e da África, se sintam em desvantagem em relação aos colegas nativos de língua inglesa. Este fato pode ocorrer principalmente em reuniões que envolvam o uso da linguagem informal." (Crystal, 2003, p.16)²⁰

A afirmação de Crystal (2003) parece contraditória, se considerarmos o número de publicações acadêmicas em língua inglesa feitas por pesquisadores que não utilizam o inglês como língua nativa²¹. Certamente as publicações acadêmicas internacionais são feitas em língua inglesa, já que esta também é a língua global do mundo acadêmico. No entanto, para a publicação ser aceita não é necessário ter

²⁰ "The risk is certainly real. It is possible, for example, that scientists who do not have English as a mother tongue will take longer to assimilate reports in English compared with their mother-tongue colleagues, and will as a consequence have less time to carry out their own creative work. It is possible that people who write up their research in languages other than English will have their work ignored by the international community. It is possible that senior managers who do not have English as a mother tongue, and who find themselves working for English-language companies in such parts of the world as Europe or Africa, could find themselves at a disadvantage compared with their mother-tongue colleagues, especially when meetings involve use of informal speech." (tradução minha)

²¹ Para maiores detalhes a respeito de publicações acadêmicas internacionais ver http://www.periodicos.capes.gov.br/.

sido escrita por um nativo de língua inglesa. O fato é que, de acordo com Crystal, não ser nativo ou bilíngue em inglês é uma desvantagem para o falante. A solução para essa desvantagem seria ensinar a língua global desde o início da vida escolar. Desta forma, as crianças seriam bilíngues e o elitismo linguístico desapareceria por completo. Esta possível solução seria apoiada pelo fato de que, como ressalta Crystal, toda criança já nasce preparada para o bilinguismo.

O segundo "perigo" gerado por uma língua global é chamado por Crystal (2003) de complacência linguística. O questionamento principal em relação a este "perigo" é se existe a possibilidade de uma língua global desestimular os adultos a aprender outras línguas estrangeiras, uma vez que dominam a língua global, neste caso, a língua inglesa. A complacência linguística traz a sensação de que aprender uma língua que não seja a língua global é uma tarefa desnecessária, já que, na prática, somente a língua global seria utilizada, além da língua materna do falante. No entanto, Crystal afirma que algumas comunidades de língua inglesa já estão se conscientizando da necessidade de mudar essa atitude, principalmente em relação a negócios realizados com comunidades que não são de língua inglesa. O Japão e a China, que vêm crescendo vertiginosamente, em termos econômicos, podem servir de exemplos.

Algumas escolas na Austrália já incluíram o ensino do japonês em seu currículo, ao passo que, algumas escolas americanas e britânicas optaram pelo espanhol, já que o número de imigrantes que utilizam o espanhol como língua materna tem aumentado rapidamente nos EUA. Com base nesses exemplos, parece que a complacência linguística não terá lugar garantido na contemporaneidade. O fortalecimento econômico, político e militar de outras nações que não fazem uso do inglês como língua materna, representa, consequentemente, o fortalecimento de suas línguas maternas.

O terceiro e último "perigo" descrito por Crystal é a morte linguística, ou seja, a possibilidade de a língua global provocar o desaparecimento de línguas minoritárias. Isso poderia de fato ocorrer, pois a língua global teria poder suficiente para influenciar outras línguas. Conforme comentado anteriormente, as línguas são dinâmicas e flexíveis. Sendo assim, as línguas minoritárias absorveriam características da língua global e se moldariam a esta, até perderem suas características iniciais e desaparecerem por completo. Esta constatação parece contraditória, tendo em vista a própria afirmação de Crystal de que uma língua

global tem a função de possibilitar a comunicação entre povos de línguas diferentes. Desempenhar o papel de língua de comunicação, ou seja, de língua global, não significa que essa língua será usada em todas as situações e por todos os falantes de uma sociedade. Também não significa que outras línguas serão desnecessárias. É relevante observar a possibilidade cogitada por Crystal:

"Talvez a presença de uma língua global faça com que as pessoas tenham preguiça de aprender outras línguas, ou reduza as oportunidades destas pessoas aprendêlas. Talvez a língua global acelere o desaparecimento de línguas minoritárias, ou - a ameaça final - faça com que todas as outras línguas sejam desnecessárias." (Crystal, 2003, p. 15)²²

É difícil afirmar com precisão se o inglês global vai causar o desaparecimento de línguas minoritárias. Crystal (2003) ressalta que existem movimentos em prol das línguas minoritárias em várias partes do mundo. Estes movimentos estão normalmente ligados a movimentos nacionalistas que visam à preservação de características culturais de certas comunidades. Apesar da forte influência do inglês global no mundo, os movimentos nacionalistas contribuem para a divergência linguística. Não podemos negar a influência que o inglês global vem exercendo sobre outras línguas, sejam estas minoritárias ou não. No entanto, devemos nos questionar se essa influência é suficientemente forte para modificar a estrutura de uma língua, ou até mesmo para eliminá-la.

A possibilidade mais viável é a de que algumas palavras da língua inglesa global sejam totalmente incorporadas ao léxico de outras línguas, ou adaptadas, adquirindo características específicas da língua materna de uma comunidade. Um exemplo disso é a palavra inglesa check in, que em português significa o procedimento de registro de um hóspede em um hotel ou a apresentação do bilhete de embarque por um passageiro em um aeroporto. Esta palavra foi totalmente incorporada ao português brasileiro, podendo ser encontrada nos principais dicionários da língua portuguesa²³, grafada exatamente como a palavra da língua inglesa - check in. Além disso, tanto em inglês quanto em português, o significado é o mesmo. Existem outros exemplos similares como as palavras online e check list (lista detalhada de itens a serem checados) que são usadas tanto em português

²² Perhaps the presence of a global language will make people lazy about learning other languages, or reduce their opportunities to do so. Perhaps a global language will hasten the disappearance of minority languages or – the ultimate threat – make **all** other languages unnecessary." (tradução minha) ²³ Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa – versão online.

brasileiro quanto na língua inglesa com o mesmo significado. Como exemplo de vocábulo totalmente adaptado para o léxico do português brasileiro, podemos citar o verbo deletar, que em português brasileiro quer dizer apagar. O verbo deletar foi adaptado do verbo inglês *to delete*, que também significa apagar. Estes são bons exemplos da influência da língua inglesa sobre outras línguas. Esta influência pode ser considerada positiva, pois aumenta e enriquece os itens lexicais de uma língua. Crystal ressalta que a própria língua inglesa sofreu influências semelhantes de várias outras línguas ao longo de sua existência. Como podemos observar no trecho a seguir:

A língua inglesa se apropriou de palavras de mais de 350 línguas e mais de ¾ do léxico do inglês têm origem clássica ou românica. Certamente, a visão de que a apropriação de palavras de outras línguas pode levar uma língua ao declínio é um absurdo, uma vez que, a língua inglesa foi a que mais incorporou palavras de outras línguas. As características das línguas mudam conforme as apropriações vão ocorrendo, e tal fato não agrada em nada aos puristas. Estes são incapazes de apreciar os ganhos significativos gerados pela possibilidade de se fazer escolhas lexicais..." (Crystal, 2003, p. 23)²⁴

É possível perceber que, no trecho acima, Crystal contesta o terceiro "perigo" (a morte linguística), apresentado por ele mesmo, no qual afirma que a língua global teria poder suficiente para influenciar uma outra língua a ponto de eliminá-la. Como ele mesmo afirma, parece absurdo pensar que a incorporação de algumas palavras da língua inglesa, por exemplo, possa levar ao declínio e à destruição de outras línguas.

Como já discutido no capítulo anterior, parece inviável a existência de uma única língua no mundo, seja esta artificial ou natural. Também é inviável a existência de uma língua totalmente pura, que nunca tenha sofrido influência de outras línguas. As línguas são dinâmicas, flexíveis e carregam características sociais e culturais impossíveis de serem deixadas de lado em prol de uma língua única e totalmente "pura". Por outro lado, é inegável que a língua inglesa conquistou e vem mantendo seu status de língua de comunicação no mundo contemporâneo.

²⁴ "English has borrowed words from over 350 other languages, and over three-quarters of the English lexicon is actually Classical or Romance in origin. Plainly, the view that to borrow words leads to a language's decline is absurd, given that English has borrowed more words than most. Languages change their character, as a result of such borrowing, of course, and this too upsets purists, who seem unable to appreciate the expressive gains which come from having the option of choosing between lexical alternatives..." (tradução minha)

3.1.4. Para onde a língua global da contemporaneidade está caminhando?

Crystal (2003) nos propõe uma questão que deve ser levada em consideração: o inglês vai continuar na sua posição atual ou é possível que seu status de global seja desafiado por outra língua? O fato é que essa questão deve ser bem analisada, pois se trata de um assunto delicado e polêmico, já que envolve os aspectos culturais e de identidade dos falantes.

Ao nos lembrarmos do latim como língua global, que parecia imbatível e insubstituível na época do Império Romano, observamos que esta língua desapareceu e se tornou uma língua morta. No entanto, se observarmos todo o espaço conquistado pela língua inglesa nos dias de hoje, não parece provável que esta seja substituída por outra língua. Os fatores que levaram o inglês à posição de global ainda permanecem muito fortes. Diferentemente do latim, que era considerada uma língua estável em seu status mundial e linguístico, a língua inglesa vem perdendo sua estabilidade linguística uma vez que vem se transformando com mais rapidez na atualidade do que em outras épocas desde o Renascimento (Crystal, 2003). A partir do momento em que uma determinada língua é falada por tantas pessoas de diferentes partes do mundo, ela sofre alterações que são inevitáveis. Isso ocorre com a língua inglesa, que cresce vertiginosamente como primeira língua, como segunda língua e como língua estrangeira; "três em cada quatro falantes de inglês não são nativos hoje." (Crystal 2005, p. 34). Estes dados nos mostram que o grande desafio dos falantes nativos de inglês hoje em dia é se acostumar com a ideia de que não estão mais no controle das tendências da língua. O inglês já deixou de pertencer a qualquer uma de suas comunidades constituintes.

Os falantes de inglês, como segunda língua ou como língua estrangeira, desenvolvem um inglês próprio. Há hoje muitas variedades novas de inglês falado se desenvolvendo ao redor do mundo. Essas novas variedades são chamadas por Crystal (2003) de "novos ingleses". Os "novos ingleses" surgiram e continuam surgindo dada a necessidade de tais grupos de falantes da língua inglesa de expressar sua identidade nacional. Como já mencionado, um exemplo interessante são os países da África como Gana, Nigéria, dentre outros. Após a independência destes países, houve um forte desejo de os colonizados manifestarem suas identidades através de seus dialetos, algo difícil de ser realizado quando eram dominados pelos colonizadores. No entanto, os colonizados perceberam que a

inviabilidade de cada grupo utilizar seu dialeto próprio e conseguir se comunicar com os outros grupos. Esta inviabilidade está ligada ao fato de que existe uma grande variedade de dialetos diferentes em cada país da África. Sendo assim, a melhor alternativa foi continuar com a língua do colonizador, dado que esta língua era utilizada como língua de comunicação antes da independência. Com o passar do tempo, a língua do colonizador foi adquirindo características locais e moldandose conforme as culturas dos falantes. Desta forma, novos vocabulários, expressões e usos foram surgindo e o inglês foi deixando de ser a língua do colonizador para ser uma nova língua, um "novo inglês", a língua do colonizado. A partir desta mesma tendência, surgiram o inglês de Cingapura (*Singlish*) e o inglês da Índia.

Na visão de Crystal, o futuro do inglês no seu papel de língua global, mundial é o de ser uma língua de dialetos múltiplos, ou seja, uma língua multilíngue. Ele nos lembra que isso não significa que o inglês vá se fragmentar em várias outras línguas, como aconteceu com o latim no passado. Existem uma força centrífuga e uma força centrípeta que operam no inglês contemporâneo. A força centrífuga é a necessidade, inerente a cada grupo, de ter sua própria língua, ou seja, de expressar suas características culturais e sociais e suas identidades através da língua. Já a força centrípeta foi alavancada pelo processo de globalização e pelo surgimento dos meios de comunicação e das mídias digitais (Internet, televisão digital, rádio, telefone celular, jogos eletrônicos, dentre outros). Estes fatores contribuíram para uma padronização cada vez maior da língua inglesa. Com isso, o papel do inglês como língua global foi se consolidando mais e mais. Crystal (2005) apresenta um bom exemplo da ação da força centrípeta: um colega do Conselho Britânico surpreendeu-se ao visitar um pequeno vilarejo na Índia e se deparar com um grupo grande de indianos concentrados em frente de um aparelho de televisão, assistindo ao noticiário da BBC transmitido via satélite. Certamente, este grupo nunca tinha tido nenhum outro contato com a língua inglesa, a não ser com a língua inglesa ensinada nas escolas, ou seja, o inglês da Índia, repleto de características do hindi e de dialetos da Índia.

As forças centrífuga e centrípeta fazem com que o inglês seja uma língua padronizada e, ao mesmo tempo, repleta de variações. O resultado da busca pela comunicação e pelo entendimento entre os usuários da língua inglesa é sua padronização cada vez maior. Por outro lado, a necessidade que um certo grupo usuário da língua inglesa tem de expressar sua identidade cultural faz com que o

inglês se modifique cada vez mais e incorpore características dos diferentes grupos de falantes que o utilizam.

Diferentemente do que ocorre com o inglês atualmente, as forças centrípetas não estavam presentes há mil anos, quando o latim era a língua dominante. Quando o Império Romano começou a se fragmentar, não havia nada que impedisse as forças centrífugas de separar o latim falado (vulgar) do latim padrão. Conforme já afirmado, havia o latim padrão e o latim falado. O número de falantes do latim padrão em toda a Europa era muito pequeno e declinava cada vez mais. O latim padrão passou a ser usado por um pequeno número de clérigos e estudiosos, em especial dentro da igreja católica. Há mil anos não existia a força centrípeta, que poderia salvar o latim e tentar evitar seu desaparecimento, não existiam ainda os meios de comunicação e as mídias digitais, que permitem que essa força aja. Sem estes fatores foi impossível conter o desaparecimento do latim e o crescimento e domínio de várias línguas que surgiram a partir da língua latina. Dentre estas línguas, chamadas de "filhas do latim" ou línguas românicas estão: o português, o espanhol, o catalão, o francês, o italiano e o romeno. Crystal (2005) nos lembra que, nos dias atuais, o mundo inteiro é muito menor em termos de comunicação do que a Europa era naquela época. A força centrípeta diminuiu as distâncias de comunicação no mundo moderno. Nos nossos dias, a comunicação pode ocorrer entre pessoas de diversas partes do mundo. Para isso, basta que estas estejam conectadas à Internet e dominem o inglês global.

O isolamento entre as pessoas faz uma língua comum se mover em direções diferentes. Na Idade Média, era muito fácil para as comunidades ficarem isoladas do resto do mundo. Hoje, isso é praticamente impossível, devido aos meios de comunicação e, principalmente, por causa da Internet. As consequências decorrentes das ações das forças centrífuga e centrípeta agindo concomitantemente na língua inglesa fazem com que esta se mantenha como língua global e, ao mesmo tempo, incorpore diferenças culturais de várias nações. Como afirma Crystal (2005):

"Queremos expressar nossa identidade através da língua e nos comunicar inteligivelmente através dela. Queremos ser diferentes e iguais. E a coisa mais esplêndida sobre o uso da língua pelos seres humanos é o fato de isso ser perfeitamente possível. É o tipo de situação com que o cérebro multifuncional lida muito bem. *Podemos* ter nosso bolo e comê-lo. Uma das principais descobertas da linguística do século XX foi demonstrar a capacidade extraordinária do cérebro para a língua. Uma das consequências foi a observação de que o bilinguismo e o

multilinguismo são a condição humana *normal*. Muito mais da metade das pessoas no mundo, talvez dois terços, é bilíngue" (Crystal, 2005, p. 48)

A realidade dos nossos dias revela que toda a variedade da língua inglesa isto é, dos "novos ingleses", pode ser um fator positivo na história das línguas. Por outro lado, o aumento das variações existentes nos "novos ingleses" pode causar, e provavelmente já está causando, novos problemas de comunicação entre os falantes de diferentes regiões. Visando evitar esses problemas, Crystal (2003) sugere uma variação da língua inglesa que deveria ser usada universalmente, ou seja, enuncia um projeto de língua inglesa global.

3.1.5.O projeto de Crystal

A solução encontrada por Crystal (2003) para evitar os problemas de comunicação originados pelas inúmeras variantes da língua inglesa existentes na contemporaneidade é chamada por ele de World Standard Spoken English (WSSE). Esta língua, como ele explica, seria a língua inglesa global ideal usada na comunicação entre pessoas de diversas partes do mundo. O World Standard Spoken English desempenharia o papel de língua de comunicação internacional dos eventos, dos congressos, das reuniões políticas, dos negócios, do cinema, das interações via Internet, das publicações acadêmicas, etc. Infelizmente, Crystal ainda não ofereceu muitos detalhes em relação à estrutura do World Standard Spoken English e alega que este ainda está muito no início e que na verdade, ainda não nasceu, isto é, não se desenvolveu por completo. Mesmo no início e sem uma estrutura completamente formada, ao que me parece, o World Standard Spoken English é um projeto de língua inglesa única e padronizada, sugerido por Crystal. Ele, no entanto, chama o World Standard Spoken English de um "novo tipo de língua inglesa", "nova variedade de inglês", "variedade global neutra da língua inglesa" ou "inglês com presença global". Vejamos a seguir os motivos que me levaram a concluir que o World Standard Spoken English é um projeto de língua única de comunicação.

Crystal afirma que o World Standard Spoken English não substituiria nenhuma língua ou dialeto já existentes. Esta língua seria utilizada somente para

auxiliar a comunicação entre falantes de línguas distintas. Ele prossegue explicando que este uso concomitante do *World Standard Spoken English* e de outras línguas seria possibilitado pelo fato de as pessoas já serem naturalmente "multidialetais"²⁵. Isto quer dizer que os falantes normalmente utilizam um dialeto em casa com a família, outro na escola, outro no trabalho ou quando estão viajando, ou seja, tendem a ser mais formais ou informais, a utilizar gírias ou vocabulário específico e a simplificar ou não as estruturas gramaticais de acordo com o contexto de uma conversa e com seus interlocutores. Seguindo o raciocínio de Crystal, esta característica essencialmente multidialetal dos seres humanos contribui para o surgimento e a consolidação do *World Standard Spoken English* como a língua inglesa global do mundo contemporâneo.

O World Standard Spoken English é descrito por Crystal de forma bem superficial como uma língua padronizada, que tem como características principais a neutralidade e uma estrutura gramatical simples. Ele prossegue afirmando que seria aceitável que o World Standard Spoken English incorporasse alguns desvios das normas gramaticais que já fossem frequentemente utilizados por usuários nãonativos de inglês nos dias de hoje. Além disso, o falante seria responsável por evitar o uso de palavras ou expressões que pertencessem à sua região específica, isto é, regionalismos. A alternativa seria optar por formas neutras e que fossem entendidas por qualquer falante de língua inglesa não-nativo. Crystal, no entanto, não apresenta detalhes mais concretos sobre como seria possível chegar à neutralidade, quais desvios gramaticais utilizados pelos falantes não-nativos seriam aceitáveis e incorporados ao World Standard Spoken English e quais palavras ou expressões seriam consideradas regionalismos.

A neutralidade e a padronização da língua inglesa, para que esta seja utilizada por falantes não-nativos, nos remete aos projetos que visavam à criação de uma língua universal e artificial descritos no capítulo anterior. Como já discutido, não existe uma língua neutra e que não possua características culturais de seus falantes. Além disso, é difícil imaginar que seja possível para um falante não-nativo de inglês identificar os regionalismos que devem ser evitados e os desvios

²⁵ Chomsky (2005, p. 60) ressalta que: "O bilinguismo é normal à espécie humana no sentido trivial de que o mundo é tão complexo que um estrito monolinguismo seria quase inconcebível. Mesmo na menor das sociedades de caçadores e coletores, com quinze pessoas na tribo, haverá diversidade. Pessoas não são clones, e na medida em que haja alguma diversidade haverá algum grau de multilinguismo... toda pessoa é multiplamente multilíngue, num sentido mais técnico. Dizer que as pessoas falam línguas diferentes é um pouco como dizer que elas vivem em lugares diferentes, ou têm aparências diferentes..."

gramaticais aceitáveis. Para que isso seja possível, é necessário haver uma padronização no ensino do *World Standard Spoken English* para falantes nãonativos, ou seja, é preciso um planejamento inicial, que defina as características sintáticas, morfológicas e lexicais desta língua. Estas deveriam permanecer inalteráveis. Isto, por sua vez, quer dizer que o *World Standard Spoken English* seria uma língua engessada e fechada para qualquer tipo de alteração que surgisse a partir de seu uso.

Tudo isso leva à conclusão de que o WSSE não passa de um projeto de língua universal. Certamente, levando em consideração os fracassos dos projetos de língua universal do capítulo anterior, é possível afirmar que o *World Standard Spoken English* também tem grandes chances de fracassar. A única diferença que merece ser destacada entre este projeto criado por Crystal e os projetos dos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX é que o *World Standard Spoken English* tem como base uma língua natural.

Apesar de ser evidente que o World Standard Spoken English é um projeto de língua estática e fechada a alterações, ou seja, uma língua artificial, Crystal afirma que esta língua possibilitaria e facilitaria a comunicação entre pessoas de diferentes países e, ainda assim, os falantes continuariam com seus dialetos próprios que seriam usados em seus países ou com seus grupos culturais. O World Standard Spoken English não substituiria o dialeto natural, seria um complemento, ou seja, uma língua de comunicação que garantiria uma inteligibilidade internacional. O domínio do World Standard Spoken English e da língua ou dialeto local colocaria, como afirma Crystal, o falante em uma posição de poder em relação aos que dominam somente a língua ou o dialeto local. Caberia, então, ao falante escolher o dialeto mais adequado, de acordo com a situação de comunicação. Para Crystal, com o World Standard Spoken English o falante não precisaria abandonar sua língua de cultura e de identidade em prol da língua global, mas teria a chance de utilizá-la, quando necessário²⁶. E é perfeitamente aceitável, linguisticamente, a utilização de mais de uma variante ou de uma língua por uma comunidade de falantes.

Nos dias atuais, a língua inglesa vem, cada vez mais, adquirindo características de uma língua diglóssica, isto é, a língua que possui uma variante ou variantes que são usadas concomitantemente em uma sociedade. Crystal sugere que analisemos nações como Cingapura e as Filipinas. Na Cingapura existe o inglês padrão (britânico) e sua variante o *Singlish*, que é a língua de identidade. Nas Filipinas existe também o inglês padrão e o *Taglish*.

Como apresentado no capítulo anterior, uma das razões principais para o fracasso de todos os projetos de língua universal foi o fato de ser impossível dissociar uma língua das características culturais e sociais de seus falantes. As línguas são vivas, dinâmicas e socialmente transmitidas e a tentativa de criar uma língua neutra de comunicação que possa ser utilizada por qualquer falante em qualquer lugar do mundo, sem ter suas características alteradas, parece ser algo utópico. Crystal e o seu projeto, ainda não completamente desenvolvido, do *World Standard Spoken English* deixam claro que a busca por uma língua universal ainda não terminou, mesmo depois de todos os fracassos dos projetos anteriores.

É importante ressaltar que não somente Crystal, mas outros linguistas sugerem projetos de uma língua inglesa única de comunicação. Discussões de outros dois linguistas sobre o papel do inglês no presente também serão levadas em consideração a seguir.

3.2. A língua franca de Seidlhofer

Seidlhofer (2005, 2004, 2003, 2002, 2001) também sugere a utilização de uma língua inglesa padrão como língua de comunicação na contemporaneidade. No entanto, assim como Crystal, Seidlhofer não apresenta sua sugestão como um projeto. Pelas mesmas razões que me fizeram chamar o *World Standard Spoken English* de Crystal de um projeto, creio que Seidlhofer esteja apresentando um projeto de língua inglesa única como solução para os problemas de comunicação gerados pelas inúmeras variantes da língua inglesa encontradas nos dias de hoje. É importante ressaltar que as considerações desses dois linguistas possuem alguns pontos divergentes, a começar pelo termo usado para se referir à língua inglesa utilizada no mundo contemporâneo. O que Crystal batizou de inglês global, Seidlhofer chama de *English as a Lingua Franca* (ELF). Apesar de utilizarem termos diferentes, esses dois linguistas estão falando do mesmo uso da língua inglesa. Veremos a seguir em quais momentos as discussões de Seidlhofer se assemelham ou divergem das considerações de Crystal.

De acordo com Seidlhofer (2005), o *English as a Lingua Franca* se refere à língua inglesa utilizada durante a comunicação entre falantes de culturas diversas

não-nativos de inglês. Esta língua, também chamada por ela de "língua de contato", é flexível e tem a capacidade de se moldar de acordo com o grupo de falantes que a utiliza. Isto quer dizer que o *English as a Lingua Franca* sofre alterações sintáticas, lexicais e fonéticas, de acordo com a língua materna de um determinado grupo de falantes. Tais alterações são relevantes, mas não o suficiente para impedir a comunicação entre falantes que possuam línguas maternas distintas. No entanto, podem gerar algumas dificuldades durante o processo de comunicação.

Assim como Crystal, Seidlhofer (2005) afirma que, nos dias atuais, a língua inglesa não pertence mais aos seus falantes nativos. Esta língua já pertence a todas as nações que a utilizam, seja como língua materna, como língua estrangeira ou como língua franca. Desta forma, a apropriação²⁷ de qualquer língua, ou como explica Seidlhofer (2003), os poderes de adaptar, moldar e mudar uma língua, estão ligados aos seus usuários e o fato destes serem nativos, não-nativos, bilíngues ou plurilíngues não é relevante. Além disso, ela enfatiza que a apropriação que os falantes não-nativos fazem da língua inglesa não significa uma ameaça para outras línguas, isto quer dizer que o papel do English as a Lingua Franca está bem definido. O que realmente merece ser destacado é o fato de que o número de falantes não-nativos de inglês já ultrapassou o número de falantes nativos desta língua. Sendo assim, o poder de alterar ou de moldar a língua inglesa está predominantemente nas mãos de seus usuários não-nativos. Estes ditarão os rumos do inglês no futuro. Como afirma Seidlhofer (2003, p.11)²⁸: "o inglês está aqui para ficar.", mesmo que não seja do agrado de todas as nações e de todos os seus usuários. Em outras palavras, o papel do inglês como língua de comunicação nos dias atuais é inegável e este fato parece ser inquestionável tanto para Crystal quanto Seidlhofer. De acordo com esta premissa, o English as a Lingua Franca, assim como o inglês global descrito por Crystal, absorvem características culturais e sociais de seus usuários.

Seguindo o mesmo caminho percorrido por Crystal, Seidlhofer (2003) descreve algumas reações em relação ao uso da língua inglesa como língua franca e oferece suas contribuições para que esta seja usada de forma mais eficiente. Na realidade, como será argumentado abaixo, Seidlhofer também desenvolve um projeto de língua inglesa padrão. Veremos nas próximas seções as razões que me

²⁷ Seidlhofer (2003) utiliza a expressão "the ownership of language" para se referir à apropriação de uma língua.

⁸ "English is here to stay." (tradução minha)

levaram a concluir que Seidlhofer também está propondo um projeto de língua inglesa. Sua proposta vai além do projeto de elaboração de uma língua inglesa padronizada e aborda a questão do ensino desta língua mundialmente.

3.2.1. O ensino do *English as a Lingua Franca* para não-nativos como alternativa de comunicação universal eficaz

Conforme discutido anteriormente, após a II Guerra Mundial, os Estados Unidos se firmaram como a nação mais poderosa do mundo, tanto política quanto economicamente. Como consequência, o ensino da língua inglesa para não-nativos se espalhou pelo mundo. Seidlhofer (2003) afirma que o foco do ensino da língua inglesa desde então é equivocado. A autora justifica este equívoco afirmando que o objetivo principal da grande maioria dos professores, educadores, editores e aprendizes está voltado para a proficiência nativa, ou seja, a preocupação principal ao ensinar ou aprender a língua inglesa como língua estrangeira é se aproximar ao máximo possível do *English as a Native Language* (ENL), isto é, do inglês utilizado pelos falantes nativos. Com o intuito de explicitar tal equívoco, a autora destaca alguns pontos que devem ser levados em consideração quando se trata do ensino eficaz da língua inglesa como língua franca no mundo. Dentre estes pontos, destacarei 2 durante esta exposição.

Os materiais didáticos são de extrema importância durante o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Este é o primeiro ponto destacado por Seidlhofer e é chamado por ela de <u>ponto pedagógico</u>. Na grande maioria das vezes, somente o inglês como língua nativa parece ser importante durante a elaboração dos materiais didáticos usados no ensino da língua inglesa para falantes não-nativos. Um dos maiores enganos desses materiais didáticos na visão de Seidlhofer é o de focar prioritariamente os aspectos culturais dos norte-americanos. Com o intuito de dominar a língua inglesa, os aprendizes não-nativos sentem a necessidade de se aproximarem ao máximo dos nativos, neste caso, dos norte-americanos, tendo em vista que estes são tidos como modelos de falantes nativos ideais. Além deste fato, é preciso lembrar também que a maioria dos falantes nativos de língua inglesa se encontra nos Estados Unidos da América. A constante busca pela competência nativa enfatiza o corretismo e não a inteligibilidade da

língua inglesa utilizada pelo falante não-nativo, o que Seidlhofer considera um equívoco. Além disso, relacionar a noção de corretismo somente a uma variante da língua inglesa, o inglês americano, parece ser uma atitude completamente fora da realidade. Nos dias de hoje, é impossível ignorar as inúmeras variantes existentes da língua inglesa, nas mais diferentes partes do mundo. Seidlhofer alega, portanto, que o foco do ensino de língua inglesa para não-nativos não deve ter como objetivo principal chegar à fluência nativa, mas alcançar um bom nível de competência no English as a Lingua Franca. Sendo assim, ela sugere que esta questão seja revista e que os educadores entendam bem as diferenças entre ensinar a língua inglesa como língua franca e como língua materna. Para tanto, é necessário reconsiderar o foco de ensino da língua inglesa para não-nativos, e esta reconsideração envolve muito mais do que questões somente linguísticas e culturais; representa questionar o poder linguístico dos norte-americanos e de seus educadores, tirar o foco central da cultura norte-americana e lutar com grandes e renomadas editoras. Neste último caso, seria necessário que as editoras investissem em um longo processo de criação, confecção, edição, divulgação, distribuição, e venda de novos materiais didáticos. Independentemente destas barreiras, Seidlhofer ressalta a necessidade e urgência de os educadores focarem no ensino do English as a Lingua Franca e não do English as a Native Language.

Além dos materiais didáticos, Seidlhofer assinala que para se aprimorar o ensino do *English as a Lingua Franca* é necessário saber como esta língua realmente funciona. Isto quer dizer que, visando aprimorar o ensino desta, é preciso entender como sua estrutura funciona na fala e na escrita, e quais são as características particulares e principais que a distinguem do *English as a Native Language*. Este é o segundo ponto apontado por Seidlhofer e é chamado por ela de ponto linguístico. A importância de se entender melhor o funcionamento do *English as a Lingua Franca* é justificada pelo fato de o "E" do *English as a Native Language* ser completamente diferente do "E" do *English as a Lingua Franca*. Tais diferenças não devem ser ignoradas.

Seidlhofer afirma que os principais pontos a serem investigados em relação ao *English as a Lingua Franca* são: as construções gramaticais e as escolhas lexicais mais apropriadas que facilitariam o uso desta língua; os fatores que possivelmente dificultam a comunicação e causam mal-entendidos; as construções que são consideradas desvios da norma no *English as a Native Language*, mas não

causam problemas no *English as a Lingua Franca* e; finalmente, as construções simplificadas do *English as a Native Language* que foram incorporadas sistematicamente ao *English as a Lingua Franca*.

Seidlhofer (2003) denomina esta investigação de <u>codificação do English as a Lingua Franca</u>. Veremos na seção que se segue que, ao propor esta codificação, Seidlhofer está sugerindo a uniformização da língua inglesa para que esta seja usada em qualquer parte do mundo, da mesma forma, como língua de comunicação. Apesar de chamar essa codificação do *English as a Lingua Franca* de "modelo de língua" ou "proposta de língua", parece-me que ela nada mais é do que um projeto que resultaria na universalização da língua inglesa. Veremos, brevemente, as proposições de Seidlhofer na próxima seção.

3.2.2. O projeto de *English as a Lingua Franca* de Seidlhofer

O projeto de padronização da língua inglesa criado por Seidlhofer (2003) é um trabalho detalhado de análise de um corpus bem variado e extenso do *English as a Lingua Franca*²⁹. Definitivamente, trata-se de um projeto longo, trabalhoso e ousado que tem como principal objetivo detectar as semelhanças e as diferenças entre o *English as a Lingua Franca* e o *English as a Native Language*. Como é inviável que uma língua mantenha as mesmas características ao mudar de contexto, a sugestão de Seidlhofer é que os falantes e aprendizes do *English as a Lingua Franca* foquem na eficiência, na relevância e na praticidade desta língua, ao invés de tentarem se aproximar cada vez mais do *English as a Native Language*. Em outras palavras, seria passar do <u>inglês real</u> (*English as a Native Language*) para o <u>inglês realístico</u> (*English as a Lingua Franca*), isto é, seria adaptar e simplificar a língua inglesa para que esta se torne mais eficaz no seu papel de língua universal da contemporaneidade, como nos leva a crer Seidlhofer.

Para mais detalhes sobre a pesquisa realizada por Seidlhofer acessar http://www.univie.ac.at/voice/page/what is voice. Este site se refere ao grupo de pesquisa VOICE (Vienna-Oxford International Corpus of English) que já possui um corpus coletado a partir de interações naturais que utilizaram o ELF. Foram feitas gravações de entrevistas, seminários, palestras, workshops e outros eventos acadêmicos e de negócios com falantes de aproximadamente 50 línguas diferentes e que estavam utilizando o ELF durante tais eventos. No momento, o VOICE conta com mais de 120 horas de gravações de mais de 1250 falantes de ELF, contabilizando mais de 1 milhão de palavras.

Assim como o projeto do *World Standard Spoken English* (WSSE) de Crystal (2003), o projeto de codificação do *English as a Lingua Franca* imobilizaria a língua inglesa e a tornaria neutra, sendo utilizada da mesma forma por qualquer grupo de falantes de qualquer parte do mundo. Acredito que o sucesso dessa codificação seja inviável pois, como discutido no capítulo anterior, as diversas línguas naturais existentes no mundo são socialmente transmitidas e possuem características culturais, políticas, sociais e históricas que variam de acordo com sua comunidade de origem.

Diferentemente de Crystal (2003), que, como vimos nas seções anteriores, não oferece detalhes a respeito do seu projeto *World Standard Spoken English*, Seidlhofer (2002) desenvolve substancialmente seu projeto de codificação do *English* as a *Lingua Franca* de acordo com 4 critérios:

- 1) Uso endonormativo (endonormative) do English as a Lingua Franca. Isto quer dizer que o ensino e a utilização desta língua não devem ser voltados para os falantes nativos. Este uso permite a adaptação de normas já existentes no English as a Native Language e o desenvolvimento de novas regras.
- 2) Criação de um corpus de English as a Lingua Franca. Este critério está ligado ao ponto linguístico, destacado por Seidlhofer. Este corpus permitirá a comparação do English as a Native Language e do English as a Lingua Franca e é considerado um pré-requisito para o sucesso do projeto de codificação.
- 3) Neutralidade cultural: a completa neutralidade cultural em uma língua é um fator inviável, pois toda e qualquer língua está diretamente ligada à cultura de seus falantes. No entanto, Seidlhofer (2004) alega que existem níveis realizáveis de neutralidade cultural e que o English as a Lingua Franca deve permanecer o mais longe possível da bagagem cultural préfabricada pelo English as a Native Language. Como exemplo deste tipo de bagagem cultural, ela destaca os provérbios e as expressões idiomáticas, que devem ser eliminados do English as a Lingua Franca.

4) Este último critério defende que o *English as a Lingua Franca* não deve, em hipótese alguma ser guiado, analisado e codificado por um falante nativo de língua inglesa. A codificação deve seguir princípios pedagógicos, mais do que linguísticos. Sendo assim, a codificação deve ser feita por um falante não-nativo de língua inglesa que seja especialista em educação e ensino do inglês como língua estrangeira. Este critério está ligado ao ponto pedagógico de Seidlhofer (2003) e critica o fato de o ensino do *English as a Lingua Franca* ter como meta uma maior aproximação em relação ao *English as a Native Language*. O objetivo principal deve ser a inteligibilidade e, para tal, a quebra ou criação de novas regras são aceitáveis e necessárias.

Vejamos a seguir como Seidlhofer justifica a viabilidade do seu projeto de codificação do *English* as a *Lingua Franca*.

3.2.2.1. Uma real possibilidade do inglês como língua franca?

Seidlhofer (2002) apresenta outras vantagens referentes ao que denomino projeto de língua inglesa de comunicação, comparando-o com o projeto criado por Crystal (2003), o *World Standard Spoken English*. A partir desta comparação e da crítica que faz ao projeto de Crystal (2003), ela reforça sua teoria de que a codificação do *English as a Lingua Franca* é a alternativa mais apropriada para a comunicação eficiente. Além disso, Seidlhofer explica as razões pelas quais escolheu a língua franca chamada BASIC English³⁰, criada por Charles Kay Ogden em 1930, como inspiração para o seu projeto de codificação do *English as a Lingua Franca*. É importante destacar que ela utiliza os termos proposta e modelo para se referir aos projetos de Crystal e de Ogden.

Seidlhofer alega que o *World Standard Spoken English* de Crystal (2003) é limitado e incompleto, motivo pelo qual ainda não deve ser considerado realmente um modelo ou proposta, como ela afirma. Outra característica criticada é a

_

³⁰ Para uma compreensão mais detalhada da estrutura desta língua acessar http://ogden.basic-english.org/

tendência de Crystal de seguir o modelo do *English as a Native Language* americano ou britânico, preferencialmente o americano. Como pode ser observado:

"O inglês americano parece ser o de maior influência no desenvolvimento do WSSE... Muitas questões gramaticais no uso do inglês britânico contemporâneo mostram a influência das formas do inglês americano, a ortografia do inglês americano vem sendo mais e mais utilizada (especialmente em contextos no computador)..." (Crystal, 2003, p. 188)³¹

Tal persistência na perspectiva do inglês nativo americano faz com que o *World Standard Spoken English* não se encaixe nos 4 critérios determinados por Seidlhofer (2002), não sendo, portanto, um modelo eficaz e viável de *English as a Lingua Franca*.

Por outro lado, Seidlhofer defende um modelo de *English* as a Lingua Franca não muito inovador, mas, em sua opinião, muito mais eficiente do que o *World Standard Spoken English* de Crystal e que pode ser perfeitamente aceitável nos dias de hoje: trata-se do BASIC English. O acrônimo BASIC significa *British American Scientific International Commercial*. Este foi criado logo após a II Guerra Mundial, quando aumentou a necessidade de comunicação entre falantes de nações diversas.

O BASIC foi chamado de a "língua franca do mundo" por George Wells em sua obra *The shape of things to come* (2005/1933), no qual é considerada uma língua conveniente, de comunicação, que pode ser utilizada universalmente. De acordo com Seidlhofer, Wells (2005/1933) chamou a atenção de seus leitores, em sua obra, por apontar um modelo muito pertinente de língua inglesa universal como uma possível língua franca para o futuro. Em seu livro, Wells especula sobre as possíveis mudanças que ocorreriam no futuro entre 1933 e 2106, sob vários aspectos. No aspecto linguístico, o BASIC foi escolhido por não oferecer soluções prontas e modelos fechados e inflexíveis. As características principais do BASIC e as previsões de Wells (1933) parecem fazer muito sentido nos dias de hoje, como aponta Seidlhofer (2002). Vejamos os motivos mais relevantes.

A natureza do BASIC é oferecer a possibilidade de os falantes de qualquer língua utilizarem uma segunda língua, isto é, uma língua franca para comunicação pessoal e profissional. Inicialmente, esta língua não parece ser tão diferente do

_

³¹ "US English does seem likely to be the most influential in the development o WSSE...Many grammatical issues in contemporary British usage show the influence of US forms, US spellings are increasingly widespread (especially in computer contexts)..." (tradução minha)

English as a Native Language. No entanto, uma análise mais cuidadosa revela que o BASIC nada mais é do que uma simplificação do English as a Native Language. O léxico do BASIC é composto somente de 850 palavras. A expansão do léxico é feita pela combinação dessas 850 palavras e pelo uso constante de palavras denominadas internacionais como: radio, hotel, telephone, bar, club. Além disso, as regras gramaticais são simplificadas e as exceções abolidas. Estas características são viáveis, pois o BASIC não se prende ao English as a Native Language, mas ao inglês realístico descrito por Seidlhofer (2003), ou seja, o inglês utilizado como língua de comunicação. O objetivo é simplicidade e clareza.

O fato é que, diferentemente do *World Standard Spoken English* de Crystal, o BASIC se encaixa nos critérios criados por Seidlhofer (2002). Com o intuito de confirmar a viabilidade de suas características na contemporaneidade, é necessário que o segundo critério sugerido por Seidlhofer (2003), isto é, o critério do ponto linguístico, seja colocado em prática. Desta forma, a análise de um corpus variado do *English as a Lingua Franca* indicará as reais características desta língua nos dias de hoje e determinará se ainda são as mesmas do BASIC ou similares. Além disso, este critério vai servir para verificar se realmente a codificação do *English as a Lingua Franca* sugerido por Seidlhofer (2003) é o melhor caminho para se chegar a uma comunicação eficiente entre os falantes do mundo.

Seidlhofer (2002) tem uma posição positiva em relação ao uso da língua inglesa como a língua franca do mundo e a considera necessária e muito importante nos dias atuais. A partir da análise do *World Standard Spoken English* de Crystal e do modelo de codificação do *English as a Lingua Franca* de Seidlhofer, é possível perceber que ambos os linguistas estão propondo projetos de língua inglesa única visando a comunicação universal. A diferença principal entre estes projetos e aqueles dos séculos XVIII, XIX e início do século XX são as formas pelas quais essas línguas projetadas emergem. No caso dos projetos de Crystal e Seidlhofer, a língua de comunicação está sendo projetada a partir de uma língua natural, a língua inglesa. Desta forma, esta língua mantém um número razoável de características de uma língua natural. Em contrapartida, os projetos discutidos no capítulo anterior não tinham como base uma língua natural, ou seja, a língua tinha que ser projetada do início ao fim artificialmente. Mesmo tendo algumas características de uma língua natural, creio que os projetos de Crystal e Seidlhofer também podem ser considerados projetos de línguas artificiais, pois possuem regras fechadas, que não

devem ser alteradas independentemente de seus usuários e do local de origem destes. Como diz Chomsky (2005), as línguas naturais são voluntárias, não são perfeitas e apresentam problemas para seus aprendizes. Além disso, estas línguas são dinâmicas, flexíveis e estão sempre sofrendo alterações e modificações. Apesar destas diferenças e dos inúmeros fracassos dos projetos que vêm, através dos tempos, tentando encontrar uma língua única de comunicação, a busca por esta prossegue nos dias de hoje.

As questões políticas referentes ao uso da língua inglesa como língua universal não são abordadas por Crystal e Seidlhofer. Tendo a ausência dessa discussão como motivação, selecionei um terceiro linguista, que também discute a questão da língua inglesa como língua única de comunicação, mas tem como foco principal as questões políticas. Veremos na seção que se segue o *World English* de Rajagopalan (2005), o qual também pode ser considerado um projeto de língua universal.

3.3.O World English de Rajagopalan

As discussões de Rajagopalan (2005, 2004a, 2004b) também são relevantes e auxiliam na constatação do fato de que a busca por uma língua única de comunicação ainda não cessou. De modo análogo ao de Seidlhofer (2005), Rajagopalan chama de "língua de contato" o inglês contemporâneo que vem se expandindo pelo mundo inteiro como língua internacional de comunicação. No entanto, à semelhança de Crystal (<u>inglês global</u>) e Seidlhofer (<u>English as a Lingua Franca</u>), ele também cria seu próprio termo para se referir a essa língua: <u>World English</u>. Vejamos como a língua inglesa adquiriu o status de World English, na visão de Rajagopalan (2005).

Rajagopalan (2004b) descreve o *World English* como sendo um fenômeno linguístico que nunca ocorreu anteriormente. Ele também chama esta língua de "world language", "língua de comunicação internacional", "nova língua" e "lingua mundi". Com base no raciocínio de Rajagopalan, é possível afirmar que o *World English* é uma língua que perdeu qualquer ligação com o mundo anglo-saxão. Isto quer dizer que, por ter se espalhado por várias partes do mundo, o *World English*

pertence a qualquer grupo de falantes que o utilizem. Rajagopalan, Crystal e Seidlhofer estão de acordo quando abordam a questão da apropriação da língua inglesa. Nos dias de hoje, não é mais possível afirmar que esta língua pertença a um grupo de falantes ou região específicos. Rajagopalan vai além dessa constatação ao afirmar que o inglês não é mais a língua materna de nenhum falante. Esta afirmação é justificada por ele, ao afirmar que o falante nativo de língua inglesa é aquele que nasce e cresce em um ambiente monolíngue, sem qualquer exposição a outra língua. Na visão de Rajagopalan, este falante nativo de inglês não existe mais na atualidade, pois os meios de comunicação, as mídias digitais e o elevado número de falantes não-nativos de inglês impedem que haja um falante nativo de língua inglesa completamente monolíngue. É possível observar que a língua inglesa vem sendo usada, ao mesmo tempo, como língua materna e como língua de comunicação por seus falantes nativos. Certamente são duas línguas distintas que podem ser perfeitamente utilizadas de acordo com as necessidades dos falantes.

Conforme discutido anteriormente, Crystal afirma que o ser humano é naturalmente multidialetal, já que utiliza diferentes dialetos de sua língua materna de acordo com seu interlocutor e o local onde esteja. Desta forma, existem os dialetos da casa, do trabalho, do turismo, das conferências, etc. Já vimos nas seções anteriores que os falantes convivem muito bem com os diferentes dialetos e os utilizam em seu benefício. Rajagopalan explica que o World English seria a língua utilizada universalmente nos balcões de embarque e salas de espera dos aeroportos, hotéis, conferências de negócios ou acadêmicas, Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de futebol, feiras internacionais, etc. Ele prossegue seu raciocínio afirmando que o World English é uma língua híbrida, multidialetal e multicultural em constante mutação a partir das influências recebidas de seus inúmeros falantes. Este fato também foi constatado por Crystal e Seidlhofer, que sugeriram o que chamei de projetos, visando solucionar os problemas de comunicação gerados pela extensiva variação estrutural sofrida pela língua inglesa contemporânea. É relevante investigar se Rajagopalan também apresenta sugestões para tentar solucionar essa diversidade.

3.3.1. Os motivos que levaram ao surgimento do *World English*

O mundo globalizado dos dias de hoje propicia a interação entre povos dos mais diversos lugares. Estes estão cada vez mais próximos e interligados. Esta proximidade se explica pelo rompimento das barreiras, gerado pela globalização, fato que até pouco tempo atrás parecia inimaginável. Rajagopalan (2004a) se refere às barreiras políticas, econômicas e culturais. Todas essas mudanças em curso certamente afetam a identidade linguística de inúmeros falantes no mundo. "Nunca na história da humanidade a identidade linguística das pessoas esteve tão sujeita como nos dias de hoje às influências estrangeiras." (Rajagopalan, 2004a, p. 59). Ele diz ainda que as marcas do mundo pós-moderno são a volatilidade e instabilidade. Parece que essas afirmações se devem ao fato de, na atualidade, sermos bombardeados com um número imenso de informações através das mais variadas fontes (jornais impressos, televisão, rádio, Internet, etc.) e, muitas vezes, em tempo real. Desta forma, o isolamento e a desinformação são difíceis no mundo contemporâneo, pois parece ser praticamente impossível ficar alheio aos acontecimentos. Isto quer dizer que "estamos vivendo a era da informação - hoje somos o que sabemos." (Rajagopalan, 2004a, p. 59). Em face a todas essas mudanças, certamente a linguagem também é afetada. Rajagopalan constata que a linguagem está ocupando o epicentro de todas as alterações geradas pela globalização, as quais ele compara a um abalo sísmico.32

De acordo com Rajagopalan (2005), uma das consequências mais importantes dessas mudanças que ocorreram após a globalização foi o considerável aumento do número de usuários de língua inglesa no mundo. Como já mencionado, após o fim da II Guerra Mundial, os Estados Unidos se firmaram tanto política quanto economicamente como a nação mais poderosa do mundo e, como consequência, a língua inglesa se espalhou de forma mais rápida e consolidou seu status de língua de comunicação internacional. Tal acontecimento é considerado um malefício por Rajagopalan:

³² Nicolaci-da-Costa (2005b) complementa as considerações de Rajagopalan afirmando que a globalização também fez surgir a ausência de demarcações sociais, a crescente mobilidade, o nomadismo e a fluidez. A partir de então, surgiram novas necessidades e novas regras de produção, sociabilidade e sobrevivência.

"Sabe-se, por exemplo, que o avanço triunfante da língua inglesa como meio preferido de comunicação internacional está afetando diretamente as demais línguas do mundo. Em tom propositadamente alarmante, Phillipson (1992) discute o fenômeno de "imperialismo linguístico" e fala da "invasão linguística" a que vêm sendo submetidas as demais nações, mediante os empréstimos linguísticos em grandes quantidades. Há quem fale em termos de "glotofagia" (Calvet, 1974), "linguicídio", "matança linguística", "canibalismo linguístico" (Phillipson e Skutnabb-Kangas, 1995) e "genocídio linguístico" (Day, 1980) etc... a identidade linguística do cidadão do mundo globalizado também se acha rasgada ao meio pelas forças de submissão ao poder avassalador da influência estrangeira (representada pela língua inglesa) e de resistência e enfrentamento com ingerências sofridas." (Rajagopalan, 2004a, p. 60)

Rajagopalan parece estar percebendo o domínio da língua inglesa como um adversário a ser combatido, na medida em que se concentra nas consequências negativas geradas pelo domínio da língua inglesa no período de globalização. Este período está ligado à emancipação e liberdade dos homens³³. Este conceito se aproxima das ideias de Kant, pois o desejo por liberdade se acentuou muito após a II Guerra Mundial.

De qualquer modo, não se pode negar o status da língua inglesa como a língua global do mundo contemporâneo. Existe na contemporaneidade o que Rajagopalan (2005) chama de "invasão" da língua inglesa e isto é incontestável. Assim como Crystal, Rajagopalan descreve e analisa brevemente as possíveis atitudes de linguistas, pesquisadores e falantes não-nativos em relação à língua inglesa no seu papel de língua de comunicação.

3.3.2. A rejeição declarada, a aceitação resignada, o esperanto e o multilinguismo

Como já foi visto, Rajagopalan (2005) afirma que a "invasão" da língua inglesa no mundo está afetando diretamente as outras línguas, o que poderia enfraquecêlas e até levá-las à extinção. Segundo ele, uma das atitudes mais comuns de encarar esta "invasão" é rejeitando a língua inglesa. Como afirma:

٠,

³³ Bauman (2001) enfatiza que a modernidade se inicia quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si e prossegue afirmando que a modernidade é, acima de tudo, a história do tempo, pois este passa a ter um predomínio sobre o espaço. Ele afirma que libertar-se quer dizer se livrar de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a *sentir-se* livre para se mover ou agir. Este "sentir-se livre" significa não experimentar dificuldade, obstáculo ou resistência.

"A língua é muito mais que um simples código ou um instrumento de comunicação. Ela é antes de qualquer outra coisa, uma das principais marcas de identidade de uma nação, um povo. Ela é uma bandeira política." (Rajagopalan, 2004a, p.93)

Rajagopalan acredita que, ao rejeitar o inglês, os falantes estão rejeitando a posição política dos países de língua inglesa, em especial, as pretensões políticas dos Estados Unidos. Ignorar a posição que a língua inglesa ocupa na contemporaneidade significa, contudo, colocar-se à parte e, certamente em uma posição desvantajosa em relação às outras nações no mundo.

Existe, no entanto, outro tipo de reação em relação à língua inglesa como língua de comunicação. Esta é chamada por Rajagopalan de aceitação resignada do inglês. Ele explica que os que aceitam prontamente o inglês como língua de comunicação têm uma atitude derrotista e argumenta que não há nada a se fazer a esse respeito. Essa atitude começou a surgir a partir da rápida expansão do inglês após a II Guerra Mundial.

Além dessas duas atitudes, Rajagopalan menciona uma terceira que é a de acreditar na possibilidade de adoção de outra língua de comunicação e de grande aceitação no mundo, que não seja a língua inglesa. O difícil é imaginar qual língua poderia assumir esse papel. De acordo com Rajagopalan, as candidatas mais fortes são o francês – que já ocupou esse espaço – e o espanhol. É, porém, difícil imaginar essas línguas substituindo a língua inglesa no seu papel de língua de comunicação. Este papel já está muito enraizado e não existem indícios de algo que possa ameaçá-lo.

A quarta reação à extensiva utilização da língua inglesa destacada por Rajagopalan é a possibilidade do retorno de um dos projetos de língua universal artificial do século XIX: o esperanto. Esta posição está ligada ao fato de o esperanto não privilegiar nenhuma cultura em detrimento de outra e não ser a língua materna de ninguém. Desta forma, seria a língua de comunicação realmente neutra. Rajagopalan afirma que esta é uma ideia utópica, já que pretende igualar todas as culturas e acabar com as desigualdades dentre os povos. Para ele, é impossível negar as desigualdades presentes em todas as línguas do mundo, pois estas carregam as características culturais e sociais de seus falantes.

Finalmente, Rajagopalan comenta a quinta reação à invasão do inglês. Afirma que a União Européia tem discutido a viabilidade de adotar o multilinguismo como forma de enfrentar a hegemonia da língua inglesa na contemporaneidade.

Neste caso, três línguas seriam adotadas como línguas de comunicação oficiais, incluindo a língua inglesa. Rajagopalan (2005) não acredita que essa possibilidade se concretize, pois acha muito pouco provável que os falantes queiram se dedicar aos estudos de mais duas línguas além do inglês. Além disso, ele teme que quem já sabe inglês muito provavelmente não se interessará em aprender as outras duas línguas.

Rajagopalan defende o *World English*, considerado por ele uma nova língua, como uma real possibilidade de vencer o que ele considera um grande adversário: a hegemonia da língua inglesa na contemporaneidade.

3.3.3.O World English e a atitude realista como ideal

O aumento da comunicação e das relações entre povos de culturas diversas e de lugares mais variados possíveis é considerado por Rajagopalan um fenômeno linguístico que gera uma nova língua: o *World English*. Conforme ele afirma, esta língua é o inglês sendo usado como língua de comunicação internacional em várias partes do mundo.

Como mencionado na seção anterior, Crystal (2003) é criticado por Seidlhofer (2002) ao enfatizar que o inglês americano parece ser o predominante no seu projeto *World Standard Spoken English*. Rajagopalan (2005) não critica Crystal (2003) diretamente, mas faz questão de enfatizar que o *World English* não deve ser confundido com a língua inglesa usada nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália ou em lugares nos quais a língua inglesa é a língua nativa. O *World English*, como garante Rajagopalan, já é a língua de comunicação utilizada por falantes não-nativos de língua inglesa. Consequentemente, o *World English* se tornou uma língua de todos e sem uma região definida.

Na visão de Rajagopalan, as reações descritas na seção anterior têm suas limitações. Ele afirma que é necessário ter uma atitude realista em relação ao papel do inglês como língua de comunicação e utilizá-lo quando necessário. Assim como Crystal, Rajagopalan (2005) não desenvolve o *World English* e não oferece muitos detalhes em relação à estrutura desta língua a qual ele considera um novo fenômeno linguístico.

Rajagopalan se contradiz ao afirmar que a melhor maneira de lidarmos com a posição dominante da língua inglesa nos dias atuais é assumirmos uma atitude realista e pragmática, sem subserviência ou rejeição, cientes de que podemos utilizar o *World English* em nosso benefício, sem perda de ideais políticos, características culturais, língua materna e identidade. Podemos perceber que, como mostrado na seção anterior, a língua inglesa era, na concepção de Rajagopalan, um adversário a ser combatido. Contraditoriamente, ele afirma que utilizar o *World English* seria a atitude mais coerente na atualidade, já que os números mostram que praticamente 1,5 bilhões de pessoas no mundo, isto é, ¼ da população mundial, já possui algum domínio da língua inglesa ou já a utiliza em seu dia a dia. Além disso, 80 a 90% da divulgação de trabalhos científicos é feita em língua inglesa. Estes números confirmam que:

"... quem se recusa a adquirir um conhecimento mínimo da língua inglesa corre o perigo de perder o bonde da história... De nada adianta nadar contra a maré, se soubermos de antemão que isso não vai fazer com que o mar mude seu comportamento." (Rajagopalan, 2005, p.149)

O World English é considerado por Rajagopalan uma língua híbrida, isto é, que absorve características linguísticas, culturais e sociais de seus falantes nãonativos. Por esse motivo, Rajagopalan afirma que esta língua deve ser vista como um espaço de contestação, de reivindicação dos direitos da periferia, de subversão e não de submissão. Os falantes não-nativos têm a possibilidade de se apropriar da língua inglesa e de incluir nesta suas próprias características.

Na visão de Rajagopalan, qualquer projeto de língua inglesa como língua de comunicação pode ameaçar qualquer outra língua. Para evitar qualquer ameaça, a atitude sugerida por ele é dominar o *World English*, e não ser dominado por este. Além disso, é necessário usar muito bom senso e assumir uma atitude crítica sempre, para que os patrimônios linguístico e cultural de cada nação não sejam perdidos em prol da língua inglesa. Se os falantes não-nativos passarem a dominar o *World English* e a utilizá-lo como língua de comunicação universal não estarão colocando em risco suas próprias línguas e culturas (Rajagopalan, 2005).

Tal como Crystal, Rajagopalan não oferece nenhum detalhe em relação à estrutura e ao uso do *World English.* E também, tal como Crystal, parece propor mais um projeto do inglês como língua de comunicação, pois para advogar o uso desta universalmente, é necessário um nível considerável de padronização. A

conclusão a que se pode chegar é a de que se trata de mais um projeto visando a criação de uma língua universal.

3.4. A incessante busca pela língua única de comunicação

Fica claro, no decorrer deste capítulo, que Rajagopalan complementa as visões de Crystal e de Seidlhofer e nos mostra que, ao dominarmos o inglês como língua de comunicação, estamos abrindo caminhos para a quebra da barreira linguística que ainda resiste, mesmo após o processo de globalização no mundo. Além disso, esse domínio parece nos levar aos ideais iluministas, discutidos no Capítulo II deste trabalho. Isto quer dizer que, os homens, ao dominarem a língua inglesa e não serem dominados por esta, podem atingir o nível de igualdade tão almejado pelos filósofos do Iluminismo. O domínio de uma única língua de comunicação possibilitaria uma comunicação maior entre aos homens, sem que estes tivessem que abdicar de suas línguas maternas, culturas ou identidades.

Os projetos do *World Standard Spoken English*, da codificação do *English as a Lingua Franca* e do *World English* descritos nesse capítulo deixam claro que a busca por uma língua universal não cessou na primeira metade do século XX com os projetos de língua universal artificial. A diferença na contemporaneidade é que a busca por uma língua única parte de uma língua natural e amplamente disseminada no mundo: a língua inglesa. Tendo em vista a relevância desta língua, é importante investigar o papel desempenhado pelo inglês após o surgimento da Internet. Isso porque, nessa nova era digital, a necessidade de comunicação entre pessoas de todas as partes do mundo é cada vez maior.

A questão que deve ser analisada é se o inglês também exerce o papel de língua de comunicação dentro da Rede e se existe a tentativa de se criar algum projeto de língua única de comunicação on-line. Este fato será explorado no próximo capítulo.

4. A comunicação na Rede

"Tentei diversos idiomas e não nos entendemos. Quando ele falou, fê-lo em latim. Reuni minhas já distantes lembranças de estudante e me preparei para o diálogo.

Dando continuidade à investigação do papel da língua inglesa como língua única de comunicação da contemporaneidade, inicio a análise do papel desta língua após o advento da Internet.

Já vimos no capítulo anterior que, de acordo com as obras de Crystal, Seidlhofer e Rajagopalan a busca por uma língua universal de comunicação ainda existe e tem como base uma língua natural: a língua inglesa. Dando continuidade à investigação cronológica desta tese, meu interesse neste capítulo é desenvolver um estudo a respeito do papel da língua inglesa após o surgimento da Internet e o rumo que esta língua está tomando na Rede nos dias atuais. É importante questionar se também existem tentativas de se criar uma língua única de comunicação on-line. Para tal, continuarei lançando mão das discussões de Crystal (2008, 2006, 2005, 2003). No entanto, o uso da língua inglesa na Internet e a comunicação na Rede são assuntos discutidos não somente por linguistas como também por historiadores, psicólogos, filósofos e sociólogos. Sendo assim, decidi utilizar as considerações de Crystal como ponto de partida para as discussões do presente capítulo, pois ele tem uma obra dedicada somente à análise dos efeitos da Internet nas línguas, especialmente na língua inglesa, que se chama Language and the Internet (2006). A presente discussão será complementada com reflexões relevantes de estudiosos de áreas variadas citadas acima como: Danet & Herring (2007), Paolillo (2007), Di Luccio (2005, 2003), Wright (2004), Nunberg (2002), Nicolaci-da-Costa (2005, 1998), Alfaro & Dias (1998), Santos (1999a, 1999b), dentre outros.

⁻ Pela roupa – disse-me -, vejo que chegas de outro século. A diversidade das línguas favorecia a diversidade dos povos e mesmo das guerras; a terra regressou ao latim. Há quem tema que volte a degenerar em francês, em limusino ou em paiamento, mas o risco não é imediato." (Jorge Luis Borges, Utopia de um homem que está cansado. In: O livro de areia, 2001)

4.1. O uso da língua inglesa na Rede e a comunicação on-line na visão de Crystal

Crystal (2005) afirma, que apesar de a Internet como tecnologia existir desde a década de 1960 nos Estados Unidos, onde foi desenvolvida, a aquisição desta pelo público somente ocorreu a partir da década de 1990. A popularização da Rede contribuiu fortemente para o que ele denomina de "caráter revolucionário linguístico" da década de 1990. Esta revolução atingiu, inicialmente, a língua inglesa, pois esta é a língua mãe da Internet. Vejamos os motivos que fizeram com que mais uma vez a língua inglesa estivesse no lugar certo e na hora certa, desta vez on-line.

O ARPANET (*Advanced Research Project Network*) foi desenvolvido em 1969 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com o intuito de aproximar instituições acadêmicas e governamentais americanas de forma que estas pudessem sobreviver em caso de guerra, como explica Crystal (2003). Este projeto, também conhecido como a mãe da Internet, foi criado para ser usado exclusivamente em língua inglesa. No início da década de 1970, algumas universidades e centros de pesquisas americanos tiveram permissão de se conectar ao ARPANET e, em 1980, o serviço foi aberto para organizações privadas e comerciais de outros países que já estivessem se comunicando prioritariamente em língua inglesa, como Inglaterra, Canadá, Austrália, dentre outros. Estes fatores reforçaram ainda mais o domínio da língua inglesa como língua única de comunicação, não somente fora da Rede, como também on-line.

Além disso, é importante mencionar as questões técnicas, já que a Internet foi desenvolvida inicialmente para receber, armazenar e processar informações em língua inglesa. Posteriormente, o sistema foi aperfeiçoado, passando a aceitar informações em outras línguas e a se tornar multilíngue. No entanto, a língua inglesa já tinha se consolidado como a língua mãe e dominante da Rede. Crystal não parece muito otimista em relação ao movimento multilíngue que passou a ocorrer na Internet após o aperfeiçoamento do sistema e, principalmente, a partir da globalização. Ele afirma que a maioria dos navegadores da Internet ainda não é capaz de lidar com apresentações multilíngues, principalmente se línguas como o árabe, chinês, coreano, tailandês ou hindu forem utilizadas. Desta forma, Crystal acredita que a possibilidade de a Internet ser verdadeiramente multilíngue ainda está longe de se concretizar na contemporaneidade, devido à impossibilidade de o sistema lidar com

informações em línguas diferentes. Como pode ser observado abaixo, ele ressalta que:

"No presente, a verdadeira Rede multilíngue permanece um objetivo a longo prazo – uma Rede na qual os usuários finais possam inserir informações em uma determinada língua escolhida de forma rotineira e esperar que qualquer servidor receba e disponha as informações sem problemas" (Crystal, 2003, p. 117)³⁴

Para Crystal, isso ainda está longe da realidade. Consequentemente de acordo com ele, o inglês continua sendo a língua franca principal da Internet. Este papel passou a ser comentado e admitido pela mídia popular a partir da década de 1990, quando a Internet começou a ser utilizada pelo público. Um exemplo interessante oferecido por Crystal ocorreu em 1996, quando o jornal The New York Times publicou um artigo do jornalista americano Michael Specter que tinha como título: "World Wide Web: 3 English Words"35. Neste artigo, o jornalista destaca o papel do inglês na Internet e afirma que se um usuário quiser tirar proveito máximo da Rede precisa dominar a língua inglesa em primeiro lugar. Este artigo sugere uma unidade linguística on-line ao apresentar como subtítulo: "A force for global unity (if you know the language)"36. É possível afirmar, portanto, que desde o surgimento da Internet, e principalmente da Internet comercial, já existia a tendência de adotar a língua inglesa como língua única de comunicação on-line. É, no entanto, fato incontestável que outras línguas estão presentes na Rede, mas parece que, para Crystal, nenhuma delas vai abalar o domínio da língua inglesa on-line:

"Algum dia, alguém vai achar relevante colocar Dostoievsky em Russo na Internet. Pode ser que isso já esteja acontecendo. Conforme aumenta a demanda por material em outras línguas, aumenta também o abastecimento desses materiais na Rede. Nada disso vai eliminar o domínio da língua inglesa na Rede, mas vai reduzir o risco do surgimento de guetos intelectuais internacionais" (Crystal, 2003, p. 118)³⁷

Parece claro que, para Crystal, o papel do inglês como língua global dominante na Rede é um fato difícil de ser revertido, independentemente do número de línguas que já são utilizadas nos dias de hoje na Rede. Conforme ele

³⁴ "At present a truly multilingual World Wide Web remains a long-term goal – a Web where end users can expect to input data using their language of choice in a routine way, and can expect any server to receive and display the data without problems" (tradução minha)

 ^{35 &}quot;Rede Mundial de Computadores: 3 palavras em inglês" (tradução minha)
 36 "Uma força para a unidade global (se você souber a língua)" (tradução minha)

³⁷ "Eventually, someone will find it worthwhile to put Dostoyevsky in Russian on the Net. It may well be happening already. As the demand for material in other languages grows, so will the supply. None of this will remove the dominance of English on the Net, but it will reduce the risk of international intellectual ghettoes." (tradução minha)

aponta, 80% das informações armazenadas na Internet são em língua inglesa. Trata-se de um número alto, que confirma, na visão de Crystal, a quase inexistente possibilidade de a língua inglesa ser retirada de seu status de língua dominante on-line. De forma contraditória, Crystal afirma que o número de usuários na Internet que não utilizam a língua inglesa vem crescendo vertiginosamente. Em 1999, havia previsões afirmando que, no início dos anos 2000, o número de não-usuários de língua inglesa na Internet seria maior do que o de usuários de inglês. Para Crystal, o caminho da língua inglesa on-line não é nada diferente do que ocorreu off-line. Conforme apresentado no capítulo anterior, ao analisarmos o número de falantes não-nativos de língua inglesa fora da Rede, chegamos à conclusão de que este é consideravelmente maior do que o número de falantes nativos em todo o mundo. Parece que a tendência é a mesma on-line, pois após o movimento de globalização que acarretou um rápido aumento do acesso à Internet, outras línguas passaram a encontrar seus espaços na Rede. Esta abertura e diversidade intensificam, na visão de Crystal, a necessidade de uma língua única de comunicação na Rede, isto é, da língua inglesa.

A Internet é extremamente dinâmica, democrática e vem crescendo muito rápido. Nos dias de hoje, é praticamente impossível imaginar a vida sem ela. A inclusão digital é um fato no mundo todo. Em países como o Brasil, existem alguns projetos³⁸ que têm como preocupação principal a inclusão digital. Não estar conectado hoje parece mais uma opção do que uma falta de oportunidade. O multilinguismo na Rede vem se fortalecendo cada vez mais e, diferentemente das afirmações de Crystal, já pode ser considerado um fato dentro da Internet. A língua inglesa como língua única de comunicação on-line parece uma alternativa viável para a diversidade linguística já existente. Como constatado no capítulo anterior, a língua inglesa já é utilizada no mundo todo como língua de comunicação. Este uso, no entanto, não ameaça a existência de outras línguas. É possível perceber também que a Rede oferece novas possibilidades de comunicação que vão além do uso de uma única língua. As pessoas ganharam mobilidade e a possibilidade de se transportar para qualquer parte do mundo e de se comunicar com qualquer pessoa, ou seja, podem fluir em um espaço híbrido (Nicolaci-da-Costa, 2005b). Estas facilidades levaram ao surgimento da

8 -

³⁸ Para mais detalhes verificar a página do Observatório Nacional de Inclusão Digital (ONID) http://onid.org.br/portal/programas/. Neste site pode ser encontrada a lista dos principais centros de inclusão digital espalhados por todo o Brasil.

chamada "global village" (McLuhan & Powers, 1986)³⁹. Isto quer dizer que se comunicar na Internet com qualquer pessoa em qualquer parte do planeta é tão simples quanto se comunicar com um vizinho, como constata Crystal:

"As pessoas ganharam mais mobilidade, tanto fisica quanto eletronicamente... É possível agora, utilizando o email, copiar uma mensagem virtualmente a centenas de locais em todo o mundo simultaneamente. É tão fácil enviar uma mensagem da minha casa na pequena cidade de Holyhead, no norte do País de Gales, para um amigo em Washington como enviar a mesma mensagem para alguém que more a algumas ruas de minha casa. Na realidade. É provavelmente mais fácil mandar pela Internet. Por esse motivo, as pessoas têm falado muito da "aldeia global" quando se referem à Rede." (Crystal, 2003, p. 13)

O rápido crescimento da Rede e o acesso desta por pessoas de inúmeras partes do mundo acarretaram mudanças consideráveis na comunicação, assim como uma abertura linguística na Rede, fazendo com que esta esteja cada vez mais multilíngue. Crystal nos lembra que:

"Não existem precedentes na história humana para o que está acontecendo com as línguas, no que se refere às rápidas modificações que estas vêm sofrendo. Nunca houve um momento no qual tantas nações precisassem se comunicar tanto. Nunca houve um momento no qual as pessoas desejassem viajar a tantos lugares. Nunca houve tanta demanda dos recursos convencionais de tradução e interpretação. Nunca houve tanta necessidade de propagação do bilinguismo, visando aliviar o peso colocado em alguns profissionais da área. E nunca houve a necessidade tão urgente de uma língua global." (Crystal, 2003, p. 14)⁴¹

Apesar de Crystal reconhecer o caráter cada vez mais multilíngue da Rede, ele reforça que este fato torna cada vez mais necessária a utilização de uma língua única na comunicação, não só on-line, mas também off-line. Acontece, porém, que inúmeras questões surgem quando se trata da comunicação on-line. O bilinguismo, o multilinguismo e a língua global são somente algumas das várias questões levantadas por Crystal ao discutir a

⁴⁰ "People have, in short, become more mobile, both physically and electronically...It is now possible, using electronic mail, to copy a message to hundreds of locations all over the world virtually simultaneously. It is just as easy for me to send a message from my house in the small town of Holyhead, North Wales, to a friend in Washington as it is to get the same message to someone living just a few streets away from me. In fact, it is probably easier. That is why people so often talk, these days, of the 'global village'". (tradução minha)

³⁹ McLuhan escreveu em 1959 que o mundo é uma pequena aldeia na qual o que acontece com uma pessoa acontece com todos. Ele quis dizer com isso que o mundo encolheu a partir do surgimento de novas formas de transporte e telecomunicações, fazendo surgir assim a "aldeia global".

⁴¹ "There are no precedents in human history for what happens to languages, in such circumstances of rapid change. There has never been a time when so many nations were needing to talk to each other so much. There has never been a time when so many people wished to travel to so many places. There has never been such a strain placed on the conventional resources of translation and interpreting. Never has the need for more widespread bilingualism been greater, to ease the burden placed on the professional few. And never has there been a more urgent need for a global language." (tradução minha)

comunicação na Rede e suas inúmeras possibilidades. Com isso ele desviou, por certo momento, seu foco de discussão do inglês como a língua global de comunicação da Rede ou da possibilidade de criação e/ou utilização de uma língua única na Internet, para os efeitos causados em uma língua, seja ela qual for, pela comunicação on-line. Vejamos suas considerações na seção que se segue.

4.1.1. Um novo tipo de comunicação

De acordo com Crystal (2006, 2005), a Internet nos proporcionou um meio linguístico novo, com várias possibilidades de expressão, comunicação e novas maneiras de usar a língua. Farei a seguir uma breve apresentação, com base nas obras dele, de como ocorre a comunicação na Internet, chamada de comunicação mediada pelo computador (CMC), e da posição que a língua inglesa ocupa nessa comunicação.

Crystal (2005) descreve a Internet como um veículo eletrônico, global, interativo e extremamente fluido. Este veículo permite que os usuários explorem inúmeras possibilidades de expressão e de comunicação e introduzam novas combinações de elementos. Essa exploração pode ocorrer a partir de diversas ferramentas de comunicação oferecidas pela Rede. Entre elas estão o e-mail, as salas de bate-papo⁴², os *blogs*⁴³, o *Orkut*⁴⁴, o *MSN Messenger*⁴⁵, o *Facebook*⁴⁶, o Twitter⁴⁷ e o Skype⁴⁸. Estas ferramentas podem ser síncronas, permitindo que a interação entre seus usuários ocorra em tempo real, ou assíncronas, ou seja, em

⁴² Chat ou bate-papo é um tipo de comunicação escrita on-line e em tempo real entre dois ou mais usuários (Nicolaci-da-Costa, 1998).

43 O termo *blog* ou *weblog* foi criado por Jorn Barger, editor do site *Robot Wisdom*, em 1997. Jorn

Barger explica em seu site que um weblog é uma página da web onde um weblogger (também chamado de blogueiro) publica informações, imagens e/ou vídeos. Os blogs possibilitam conversas interativas entre os blogueiros e os leitores através de um link chamado comments ou comentários. (Di Luccio, 2005)

O Orkut (www.orkut.com) é uma rede social afiliada ao Google, com o objetivo de ajudar seus membros a criar e/ou manter amizades e relacionamentos on-line.

⁴⁵ MSN *Messenger* (www.download.live.com/messenger) é um programa de conversação on-line e em tempo real. Os usuários têm a possibilidade de se comunicar por escrito ou oralmente.

⁴⁶ Trata-se de uma rede social, na qual as pessoas podem se encontrar, conversar e se informar

sobre amigos e familiares, publicar fotos, vídeos e música (www.facebook.com).

47 O *Twitter* (www.twitter.com) surgiu em 2006 e permite que os usuários troquem mensagens curtas, que contenham no máximo 140 caracteres. O usuário também tem a possibilidade de publicar links para fotos, vídeos, outros sites, blogs e textos on-line. O Twitter também é chamado de microblogging por oferecer aos usuários possibilidades similares as de um blog de forma mais

compacta. 48 O Skype é um programa de conversação on-line e em tempo real. Assim como no MSNMessenger, os usuários têm a possibilidade de se comunicar por escrito ou oralmente.

tempo postergado, como afirma Crystal. Ele prossegue dizendo que as ferramentas utilizadas durante a CMC podem facilitar ou dificultar nossa capacidade de comunicação, isto porque, inicialmente, as pessoas percebem que têm que lidar com um novo tipo de comunicação e se deparam, assim, com um problema inicial: elas precisam aprender novas regras, as regras de comunicação na Internet. Além disso, como diz Crystal, precisam aprender o netspeak⁴⁹, que é um novo tipo de linguagem usado durante a comunicação na Rede. A seção que se segue dedicará maiores detalhes a respeito dessa nova linguagem surgida a partir da comunicação on-line.

4.1.1.1. Uma nova linguagem para um novo tipo de comunicação

O netspeak é um tipo de linguagem cheia de abreviações e símbolos, que possibilita a agilidade na comunicação on-line. Este termo é uma variação das expressões netlish, weblish, internet language, cyberspeak, electronic discourse, dentre outros. Cada termo tem uma justificativa, como afirma Crystal. Os dois primeiros termos citados estão diretamente ligados à língua inglesa. O netlish é derivado das palavras net e English e o weblish das palavras web e English. A respeito desses dois termos, especificamente, Crystal afirma que se tornaram sem sentido nos dias de hoje, devido à tendência multilíngue da Rede. Desta forma, qualquer língua ao ser utilizada durante a comunicação on-line é passível de sofrer alterações com o intuito de se adaptar às necessidades da CMC. Seguindo esse raciocínio, a utilização de termos como netspeak, internet language, cyberspeak e electronic discourse parece ser uma forma neutra de se referir a qualquer língua, falada por qualquer pessoa em qualquer parte do mundo que se molda às características da comunicação on-line.

O grande diferencial do *netspeak* é que se trata de uma linguagem escrita com elementos distintivos da linguagem oral. Crystal questiona se o *netspeak* deve ser considerada uma linguagem oral ou escrita. Parece-me, entretanto, que este deve ser definido como uma mistura das duas linguagens. Seria, então, um discurso oral-escrito, extremamente dinâmico, flexível e que está em constante variação, como qualquer linguagem oral utilizada por um grupo de falantes. Crystal afirma que o *netspeak* será sempre uma linguagem escrita empurrada

_

⁴⁹ O termo equivalente ao *netspeak* usado em português é *internetê*s ou português digital.

em direção à fala. Características interessantes do netspeak são destacadas por Crystal. A seguir são apresentadas algumas.

Assim como ocorre off-line, os usuários das ferramentas de comunicação on-line utilizam diferentes estilos durante a comunicação. O falante escolhe ser mais formal, coloquial, poético, técnico, direto, prolixo, claro, delicado ou rude, de acordo com o contexto, local e com o seu interlocutor. Esta escolha não é diferente na Rede. Tendo como ponto de partida a ferramenta de comunicação utilizada (e-mail, as salas de bate-papo, os blogs, o Orkut, o MSN Messenger, o Facebook, o Twitter ou o Skype), o usuário decide o estilo de comunicação escrita a ser utilizado.

A primeira grande diferença introduzida pela comunicação mediada pelo computador e descrita por Crystal são as limitações temporais da tecnologia; o ritmo de uma interação na Internet é muito mais lento do que o de uma interação face a face. A interação on-line depende da disponibilidade do receptor e do emissor da mensagem, ou seja, do tempo que eles vão levar para checar suas mensagens recebidas e para respondê-las, e da tecnologia utilizada por eles. O tempo de espera é denominado lag (atraso) e para Crystal o lag pode gerar frustrações em ambos os lados na cadeia de comunicação. Estas frustrações podem aumentar a partir do momento em que mais pessoas participam de uma mesma interação. O lag interfere, assim, em uma característica importante da interação face a face: a vez de falar, ou seja, os turnos da fala. Crystal explica que estes são tão fundamentais durante uma conversa e que parece que os interlocutores não têm muita noção disso, pois acabam demorando para responder ou falando ao mesmo tempo que o interlocutor.

No que diz respeito ao lag, Crystal afirma que o sucesso de uma conversa depende de os participantes fornecerem retorno imediato um ao outro. Na CMC, um participante digita sua mensagem e o outro fica em silêncio esperando por esta, não existe back-chanelling⁵⁰, como ocorre ao vivo, isto é, expressões como "yeah", "sure", "great", "really?", "uau", "oops", "umm", "hum"51 e diversas outras durante a confecção de uma mensagem. Ao vivo, tais expressões ajudam os falantes e direcionam a conversa.

Além disso, a CMC não permite que as expressões faciais interfiram no discurso. Para Crystal, esses fatores podem tornar a conversa mais formal e pouco interessante. Acontece, porém, que em ferramentas de comunicação on-

⁵⁰ Comentários emitidos durante uma interação pelo receptor da mensagem e que confirmam que este está atento e acompanhando o que está sendo dito. (Crystal, 2006)

Exemplos oferecidos por Crystal (2006) e tirados da língua inglesa.

line assíncronas, como o e-mail, o Orkut, o Facebook, o Twitter e o blog, não existe a preocupação com o ritmo da comunicação como nas ferramentas síncronas, como o MSN Messenger, o Skype e as salas de bate-papo. Ao utilizar uma ferramenta síncrona para se comunicar, o interlocutor precisa aguardar uma mensagem ser enviada por completo para que a conversa flua naturalmente, como um bate-papo off-line. A consequência negativa ressaltada por Crystal é que qualquer espera superior a 10 segundos durante uma conversa on-line é capaz de gerar frustração nos interlocutores e até fazer com que estes enviem mensagens pedindo que o participante da conversa on-line seja mais ágil e não o deixe esperando muito. Por essa necessidade, a linguagem na Rede - o netspeak - se tornou rápida, abreviada, cortada e cheia de neologismos⁵², acrônimos⁵³ e de símbolos que tentam representar expressões faciais, gestos, emoções, tom de voz, postura corporal, entonação e ritmo da fala (elementos paralinguísticos). Estas características, como nos mostra Crystal, são capazes de capturar a noção de: "não é o que você diz, mas como você diz." Como exemplos é possível citar a repetição de vogais ou consoantes em uma palavra, uso exagerado de pontuações, letras maiúsculas, espaçamento e símbolos como em: aaaaaahhhhhhhh, uauuuuuuuuuuuuu, ooooopsssss, hiiiiiiiiii!!!!!!!, hey!!!!!!!!!, HELLO!!!!!!!!!, what???????? no????!!!!!!!!⁵⁴. Ainda em relação a esse tópico, existe uma tentativa de suprir a carência de expressões faciais, gestos e postura corporal no netspeak com a criação de smileys, também chamados de emoticons (© ⊗).

Crystal (2006) ressalta que os *emoticons* utilizados durante a CMC não devem ser comparados aos elementos paralinguísticos de uma conversa face a face. Neste caso um interlocutor pode sorrir várias vezes em uma conversa e possivelmente os sorrisos irão caracterizar reações diferentes como: ironia, alegria, nervosismo, constrangimento, etc. Por outro lado, utilizar várias vezes um *emoticon* sorrindo durante a CMC não garante que o interlocutor perceba as possíveis variações de significado do sorriso durante a interação. Assim como não é possível saber ao certo se a pessoa realmente está sorrindo. De acordo com Crystal, utilizar *emoticons* durante uma conversa on-line não acrescenta tanta emoção quanto um sorriso, gestos, tom de voz, entonação, velocidade e ritmo da fala de um interlocutor durante uma conversa face a face.

⁵² Criação de novas palavras ou atribuição de novos sentidos para as que já existem na língua. (Crystal. 2006)

⁽Crystal, 2006) ⁵³ Palavras formadas pela inicial ou mais de cada um dos segmentos de uma locução. (Crystal, 2006)

⁵⁴ Exemplos oferecidos por Crystal (2006) e tirados da língua inglesa.

Apesar de os *emoticons* parecerem formas úteis de suprir as carências dos elementos paralinguísticos na CMC, ainda são considerados grosseiros por Crystal, como pode ser observado no trecho a seguir:

"Centenas de formas e sequências lúdicas têm sido inventadas e reunidas em dicionários de *smiley*, algumas extremamente engenhosas e artísticas, mas quase nunca usadas em comunicações sérias. Fica claro que elas são uma maneira potencialmente útil, mas muito grosseira, de capturar algumas das características básicas da expressão facial. Elas podem prevenir uma percepção errada das intenções de um falante, mas um smiley individual ainda permite um vasto número de leituras (felicidade, piada, simpatia, bom humor, deleite, diversão, etc.) que só podem ser despidas de ambiguidade com uma referência ao contexto verbal. Sem cuidado, elas podem levar até à sua má interpretação: acrescentar um sorriso a uma fala que é claramente irritada pode aumentar em vez de diminuir a força da "chama". É uma experiência comum que um sorriso possa tomar um caminho errado." (Crystal, 2005, p. 86)

No entanto, parece intrigante que os *smileys* e os *emoticons* sejam considerados formas grosseiras de expressão durante uma interação on-line. Crystal está se referindo à ambiguidade que tais formas trazem ao discurso e, consequentemente, às possíveis más interpretações, mas, ao que tudo indica, são alternativas vantajosas que só tendem a colaborar com a comunicação on-line, minimizando o espaço vazio e inevitável causado pelo *lag*.

Apesar de, como já comentado anteriormente, existirem ferramentas síncronas de comunicação, Crystal afirma que a comunicação on-line estará sempre muito distante de uma comunicação face a face e não haverá um retorno simultâneo como existe em uma conversa na qual os interlocutores estão frente a frente. Crystal ressalta que uma mensagem digitada por um usuário somente é visualizada por seu interlocutor após ser por completo, isto quer dizer que não é possível reagir à mensagem enquanto esta é digitada. Aquele que escreve não tem como prever ou sentir se será entendido. Não existe fala sobreposta on-line ou expressões faciais. Desta forma, o *lag* prejudica o andamento de uma conversa on-line e faz com que esta seja pouco natural. De acordo com Crystal:

"Comunicar-se com alguém na Internet é um pouco como ter uma conversa telefônica na qual o ouvinte não está lhe dando nenhuma resposta: é uma situação desconfortável e artificial. Na ausência de *feedback*, a própria língua do falante se torna mais estranha do que nunca. Embora o *netspeak* tente parecer com a fala, no e-mail, salas de bate papo, mundo virtual e encarnações de mensagens instantâneas, este mantém alguma distância da fala..." (Crystal, 2006, p. 44)⁵⁵

_

⁵⁵ "Addressing someone on the Internet is a bit like having a telephone conversation in which a listener is giving you no reactions at all: it is an uncomfortable and unnatural situation, and in the absence of such feedback one's own language becomes more awkward than it might otherwise

A consequência disso é o aumento considerável de abreviações, símbolos e imagens nas línguas, em geral visando satisfazer as necessidades da CMC, isto quer dizer, uma comunicação rápida e que ocupa pouco espaço.

Crystal também assinala uma segunda grande diferença entre a conversa face a face e a CMC, desta vez uma diferença que para ele é positiva. As salas de bate-papo, o Orkut, o MSN Messenger, os blogs e as outras ferramentas de comunicação on-line permitem que o usuário converse com várias pessoas ao mesmo tempo e que participe de várias conversas simultâneas. Isso nunca foi possível na história da comunicação escrita e esta característica da CMC também contribui para o caráter revolucionário da Internet. A consequência desta possibilidade é que a linguagem utilizada durante a CMC, seja ela qual for, se torna cada vez mais abreviada, cortada, cheia de símbolos e pouco planejada e elaborada. Na CMC não há tempo para revisões e pontuações e, segundo Crystal, o entendimento não é comprometido por isso.

Crystal (2008, 2006) oferece muitos exemplos das influências causadas pelo netspeak na língua inglesa. Dentre eles estão: bbl (be back later), b4 (before), brb (be right back), btw (by the way), cu (see you), u2 (you too), t2ul (talk to you later), tx (thanks), lol (laughing out loud), ic (I see), omg (oh my God), j4f (just for fun), np (no problem), b4n (bye for now), w4u (waiting for you)⁵⁶. Além disso, ele afirma que um vasto número de palavras e expressões ganharam novos significados na língua inglesa a partir da CMC, visando dar conta de uma nova realidade⁵⁷. Como exemplos estão: file, edit, view, insert, paste, format, tools, window, search, send, save, open, etc⁵⁸. Como já mencionado, neologismos também surgiram a partir da comunicação on-line: webcam, webmail, webmaster, cyberspace, cyberculture, cybersex, hypertext, etc⁵⁹. Finalizando a exposição de exemplos apresentados por Crystal estão os seguintes acrônimos, que podem representar termos técnicos ou frases completas: FAQ (frequently asked questions), HTML (hypertext markup language), ISP (Internet service provider), URL (uniform resource locator), AYSOS (Are you stupid or something?), CID (consider it done), CIO (check it

be. Although Netspeak tries to be like speech, in its e-mail, chatgroup, virtual-world, and instant messaging incarnation, it remains some distance from it..." (tradução minha) ⁵⁶ Volto mais tarde, antes, volto logo, a propósito, até mais, você também, falo com você depois,

obrigada, gargalhando, entendo, meu Deus, brincadeira, sem problemas, tchau, esperando você. (tradução minha)

Para mais detalhes verificar Nicolaci-da-Costa (2009a).

⁵⁸ Arquivo, apagar, visualizar, inserir, colar, formatar, ferramentas, janela, buscar, enviar, salvar,

abrir. (tradução minha) 59 Webcam, webmail, webmaster, ciberespaço, cibercultura, cibersexo, hipertexto. (tradução minha)

out), GTG (got to go), WDYS (what did you say?)⁶⁰. Com base em seus exemplos, Crystal ressalta que o *netspeak* age com maior frequência na ortografia das palavras e no vocabulário, mas raramente nas estruturas gramaticais de uma língua.

Apesar das desvantagens no uso do *netspeak* citadas por Crystal, ele afirma que é possível manter um diálogo on-line utilizando este tipo de linguagem se os interlocutores seguirem as 4 máximas de Grice (1975). A primeira é a máxima da qualidade, isto é, dizer a verdade e abolir informações falsas e sem evidências. A segunda máxima é a da relevância e prega que qualquer contribuição do falante deve ser importante e que informações desnecessárias devem ser deixadas de lado. Seguindo este raciocínio, a terceira máxima é a da quantidade, isto quer dizer que o falante não deve fornecer informações além do que é requisitado. A quarta e última máxima é a máxima do modo. De acordo com esta, o falante deve ser direto, específico, breve, ter um discurso organizado e evitar obscuridade ou ambiguidade. Na visão de Crystal, se estas máximas forem seguidas, independentemente da língua, das ferramentas de comunicação on-line utilizadas e do sincronismo ou assincronismo, a conversa será eficiente e colaborativa.

Para Crystal, a CMC e o surgimento do *netspeak* não seriam possíveis sem o caráter hipertextual da Rede. A revolução digital trouxe consigo o hipertexto e a hiperleitura (Di Luccio, 2005). Por hipertexto entende-se um texto não linear e não sequencial, repleto de *links*⁶¹, que permita uma hiperleitura, ou seja, uma leitura também não linear e não sequencial e que irá depender das escolhas do leitor. Percebemos, então, que a CMC difere consideravelmente da escrita convencional. O texto na Rede não é estático e pode ser alterado pelo usuário que tem a possibilidade de cortar, revisar, reestruturar, atualizar ou copiar textos encontrados on-line. Esta característica hipertextual contribuiu para o crescimento das ferramentas de comunicação on-line, como o *Orkut, Facebook* e *blogs*. Ainda de acordo com Crystal, o hipertexto e os *links* são os elementos mais fundamentais da Rede, sem os quais ela não existiria. Como afirma:

"O hipertexto é a estrutura mais fundamental da Rede, sem o qual esta não existiria. Existem paralelos entre o hipertexto e os textos tradicionais escritos

⁶⁰ Perguntas feitas com frequência, linguagem de marcação hipertextual, provedor de serviço de Internet, recurso localizador uniforme, você é estúpido ou o que?, considere feito, verifique, tenho que ir, o que você disse? (tradução minha)

⁶¹ Na Internet, um *link* é qualquer elemento de uma página na *web* que possa ser clicado com o *mouse*, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, figura, documento, etc. Permitindo assim, que o leitor se desloque de uma tela para outra e leia ou escreva documentos de forma não sequencial. (Nicolaci-da-Costa, 1998)

(off-line) — especialmente no que diz respeito ao uso de notas de rodapé e citações bibliográficas, que possibilitam a movimentação do leitor de um lugar para o outro no texto durante a leitura — mas essas são características opcionais, e nada na linguagem escrita tradicional (off-line) se assemelha à flexibilidade e dinamismo da Rede." (Crystal, 2006, p. 210)⁶²

Crystal ressalta que outra consequência relevante da CMC, além do netspeak, é a possibilidade que a Internet tem de oferecer um lar para toda e qualquer língua, uma vez que os usuários de uma determinada língua disponham de um computador conectado à Rede.

Em resumo, como foi possível observar nessa seção, Crystal descreve o netspeak e sua influência na língua inglesa, mas é inquestionável que este também vem agindo em outras línguas que têm sofrido modificações para se adaptarem à CMC. Na seção a seguir veremos alguns números oferecidos por Crystal que comprovam que a língua inglesa não é mais a língua dominante da Rede. Estes dados reforçam as contradições que podem ser detectadas em seu discurso, pois ao mesmo tempo em que ele defende o uso da língua inglesa como a língua única de comunicação on-line, também reconhece o caráter indiscutivelmente multilíngue da Rede.

4.1.1.2. O caráter multilíngue da Rede

Como já foi dito, a Rede no dias de hoje é incrivelmente multilíngue e, apesar de Crystal afirmar que o inglês é a língua global da Web, esta vem se tornando cada vez mais multilíngue. Não é possível contestar que, no início, a língua inglesa realmente dominava a Internet. No entanto, o processo de globalização permitiu e aumentou a presença de outras línguas on-line. Como o próprio Crystal (2005) afirma, até 1998, 80% das páginas existentes na Rede eram em inglês e, desde então, as estimativas para o inglês vêm caindo consideravelmente. A *Global Rearch*⁶³ recentemente estimou que o número de pessoas com acesso à Internet em países que não falam inglês aumentou, entre

⁶² "The hypertext link is one of the most fundamental structural property of the Web, without which the medium would not exist. It has parallels in some of the conventions of traditional written text – especially in the use of the footnote number or of the bibliographical citation, which enables the reader to move from one place in a text to another – but these are optional features, and nothing in traditional written language remotely resembles the dynamic flexibility of the Web." (tradução minha)

⁶³ A *Global Reach* era uma empresa especializada em marketing on-line que rastreava a presença de diferentes línguas na Rede entre 1995 e 2004. Para mais detalhes checar: http://web.archive.org/web/20030626212942/global-reach.biz/eng/backgrounder.php3

1995 e 2000, de 7 para 136 milhões⁶⁴. Em 1998 ocorreu outra mudança: o número de websites criados em outras línguas ultrapassou o total de websites criados em inglês. Em 2000, durante uma conferência sobre estratégias para ferramentas de busca em Londres, um representante do Alta Vista previu que até o fim de 2002 menos de 50% das páginas da Rede seria em inglês. Isso realmente aconteceu. Crystal revela que uma pesquisa da Global Reach em 2004 mostrou que, da população total on-line (na época 801,4 milhões de usuários), 64,8% estavam em países nos quais a língua inglesa não era a língua nativa. Desta forma, em muitas partes do mundo a língua local já é dominante na Rede. O português do Brasil é um bom exemplo disso, assim como o japonês (90% das páginas da Web no Japão são em japonês). Com o desenvolvimento da infraestrutura de comunicação na Ásia, África e América do Sul a Internet foi se tornando não-inglesa nesses lugares.

A Web vem refletindo a distribuição da presença linguística no mundo offline. Inúmeras empresas e instituições de ensino vêm apresentando uma identidade multilíngue ao confeccionarem suas páginas na Rede. O site da Universidade de Oregon nos Estados Unidos oferece 112 fontes de impressão para mais de 40 línguas e o site World Language Resources listava, em 2001, produtos em 728 línguas diferentes. Crystal lamenta que ainda não haja um estudo que indique com mais precisão quantas línguas estão presentes na Rede nos dias de hoje. Ele mesmo decidiu listar as línguas presentes na Internet, mas parou quando chegou ao milésimo item de sua lista. A partir desta constatação, Crystal conclui que, atualmente, ¼ das línguas no mundo têm algum tipo de presença na Rede e que a tendência multilíngue desse espaço oferece uma chance para as línguas minoritárias ameaçadas de extinção antes do surgimento da CMC. Crystal ressalta que, desta forma, o inglês utilizado como língua global da Rede não ameaça as línguas minoritárias de extinção, como afirmou ocorrer off-line. Esta ameaça, denominada por Crystal de morte linguística e apresentada no capítulo anterior, não parece ser um perigo on-line, pois a Internet oferece um lar para qualquer língua.

Embora afirme e evidencie a existência de cerca de 1500 línguas na Rede nos dias de hoje, Crystal destaca que ainda há um problema prático, já que a tecnologia não está totalmente desenvolvida para receber toda e qualquer língua. A primeira codificação desenvolvida na Rede para receber informações, o ASCII (American Standard Code For Information Exchange)⁶⁵, foi programada

 ⁶⁴ Crystal (2006) não especifica quando a pesquisa do *Global Rearch* foi feita.
 ⁶⁵ "Código Padrão Americano para Intercâmbio de Informações" (tradução minha)

para aceitar somente a língua inglesa. A partir da metade dos anos de 1990, foi desenvolvida uma extensão do ASCII e este passou a aceitar acentos e diacríticos não pertencentes à língua inglesa. Esta extensão comportava somente 256 caracteres novos, ou seja, um número muito baixo, se levarmos em conta os caracteres distintivos do árabe, híndi, chinês, coreano, japonês e de muitas outras línguas que não utilizam o alfabeto latino. Outro sistema de codificação chamado UNICODE versão 4.1 tem capacidade para lidar com 97.655 caracteres não pertencentes ao alfabeto latino. Nos dias de hoje, a *Web Consortium* por Tim Berners-Lee nos início dos anos de 1990, trabalha com a internacionalização da Web, isto é, visa permitir a utilização das tecnologias da Rede em diversas línguas e por várias culturas. Isto quer dizer que os sistemas operacionais teriam capacidade de armazenar uma página independentemente do alfabeto utilizado.

De acordo com Crystal, há muito por fazer até que os planos de Tim Berners-Lee se concretizem totalmente. Ainda existe uma lacuna tecnológica muito grande, principalmente no que diz respeito à semântica, pragmática, grafologia e lexicografia, pois a maioria dos termos técnicos em inglês ainda não foi traduzida para outras línguas. Por outro lado, devido à globalização da Rede e seu caráter cada vez mais multilíngue, os usuários passaram a utilizar mais os tradutores automáticos⁶⁸. Atualmente vários sites já oferecem a possibilidade de tradução de seus conteúdos para diversas línguas.

Em sua conclusão, Crystal afirma que o caráter multilíngue da Rede ainda está se desenvolvendo. No entanto, os números oferecidos por ele mesmo deixam claro que a Web já é multilíngue. E parece que esta característica só tende a se desenvolver cada vez mais no futuro, o que significa que a CMC já acolhe a diversidade linguística. É bem provável que a língua inglesa, ao invés de ameaçar a existência de outras línguas esteja correndo o risco de perder seu status de língua única de comunicação on-line.

A conclusão é que a língua inglesa continua, possivelmente, a desempenhar o papel de língua auxiliar de comunicação na Rede. No entanto, considerá-la a língua única de comunicação da Web não parece ser a visão mais apropriada na contemporaneidade.

Diacríticos são sinais gráficos que imprimem às letras ou conjunto de letras um valor fonológico especial. (Câmara, 1986)

⁶⁷ Para mais informações ver: http://www.w3.org/Consortium/mission

⁶⁸ A questão dos tradutores automáticos será discutida com mais detalhes nas próxima seção deste capítulo.

4.2. A tradução automática e sua contribuição ao caráter multilíngue da Rede

Certamente as ferramentas de tradução automática merecem atenção nesta investigação, pois vêm se aprimorando rapidamente e desempenhando um papel relevante na CMC. É, portanto, importante iniciar a discussão desta seção com alguns exemplos relevantes de tradutores existentes e utilizados com frequência na Rede nos dias de hoje. Por fim, será feita uma breve discussão sobre a relevância da tradução automática para os usuários durante a CMC.

O primeiro exemplo é o dicionário on-line chamado *Dictionary.com*⁶⁹. Este site oferece um dicionário multilíngue bem desenvolvido e com um número razoável de recursos. Basta digitar a palavra, expressão ou texto com até 2000 caracteres e escolher uma dentre as 85 línguas oferecidas para tradução. O segundo exemplo está no Google, onde também é possível encontrar um tradutor chamado *Google Translator*⁷⁰. Este parece mais amplo do que o *Dictionary.com* e tem capacidade de traduzir documentos ou páginas da Web, independentemente da extensão, para mais de 50 línguas. Além dessas duas ferramentas de tradução existem inúmeras outras como o *Yahoo Babel Fish*⁷¹ e o *Babylon*⁷². A primeira pode traduzir textos de até 150 palavras ou páginas completas da Internet para mais de 10 línguas; já a segunda, é capaz de traduzir textos sem restrições de número de palavras ou caracteres e páginas completas da Rede para 75 línguas.

Apesar dos exemplos citados acima e de vários outros encontrados na Rede, Crystal (2006) não tem uma visão muito positiva em relação a tais ferramentas de tradução on-line. Embora estas estejam se desenvolvendo e melhorando a qualidade, ele destaca alguns problemas como:

- (a) muitos erros cometidos e traduções de textos com características de uma língua pidgin, isto é, uma língua com uma gramática simplificada e um vocabulário altamente restrito, se comparados à língua ou línguas das quais se originam;
- (b) tentativa de neutralizar a tendência existente desde o surgimento da Internet de se usar a língua inglesa como língua única de

70 http://translate.google.com/

⁶⁹ www.dictionary.com

⁷¹ http://babelfish.yahoo.com/

comunicação on-line, utilização que Crystal defende durante seu trabalho;

(c) usuários desinteressados em aprender uma língua estrangeira complacência linguística (Crystal, 2003), pois sempre será possível utilizar os tradutores automáticos.

O caso (c) é considerado por Crystal como relativamente longe da realidade do mundo contemporâneo, pois, como prossegue afirmando, somente um número pequeno de línguas interessa comercialmente aos tradutores on-line nos dias de hoje, mas não cita quais são essas línguas. Como podemos observar a seguir:

"Mas existem mais implicações fundamentais que, em um mundo no qual é possível traduzir automaticamente de qualquer língua para outra, devemos levar em conta, como o fato de que as pessoas não se interessarão mais em aprender uma língua estrangeira. Certamente, este mundo ainda está muito longe da realidade. Somente uma quantidade pequena de línguas é vista como comercialmente viável para a realização de pesquisa em tradução automática, e poucas línguas mundiais atraíram pesquisas linguísticas com magnitude suficiente para fazer a tradução automática realmente executável. Esta questão ainda é somente de interesse teórico – até agora." (Crystal, 2006, p. 260)

É importante ressaltar que o rápido crescimento das redes sociais no mundo todo possibilitou o aumento considerável do uso de softwares de tradução automática. A rede social Facebook pode ser acessada em mais de 70 línguas, o Orkut pode ser exibido em mais de 40 línguas, o Google Talk⁷⁴ em mais de 50 línguas, o MSN Messenger em mais de 45 e o Skype em mais de 30. Estes são somente alguns exemplos. Certamente existem inúmeros outros que estão utilizando as ferramentas de tradução automática para terem maior penetração em diversas partes do mundo, reforçando o caráter multilíngue da Rede.

Desta forma, o acesso a esses sites não fica restrito somente aos falantes de inglês. O uso intenso de inúmeras línguas on-line e de tradutores

⁷² http://www.babylon.com

[&]quot;But there are more fundamental implications for, in a world where it is possible to translate automatically from any one language into any other, we have to face up to the issue of whether people will be bothered to learn foreign languages at all. Such a world is, of course, a very long way off. Only a tiny number of languages are seen to be commercially viable prospects for automatic translation research, and a few of the world's languages have attracted linguistic research of the magnitude required to make machine translation viable. The issue is, accordingly, only of theoretical interest – for now." (tradução minha)
⁷⁴ Programa de conversação on-line e em tempo real do Google.

automáticos certamente significa uma mudança no papel desempenhado pela língua inglesa durante a comunicação na Rede. Esta mudança, no entanto, é vista como negativa por Crystal, que continua defendendo o inglês no seu papel de língua global da Internet e parece não estar levando em consideração que a tradução automática já é um fato concretizado na Rede. É possível perceber que Crystal, além de retomar a questão da morte linguística on-line, discussão que se assemelha muito à morte linguística off-line, já discutida no capítulo anterior, também está retomando a questão da complacência linguística. Suas preocupações on-line são similares às off-line e ele teme que os usuários da língua inglesa na Rede percam o interesse em aprender línguas estrangeiras e se contentem em dominar somente o inglês durante a CMC. Em relação a esses tópicos, é necessário questionar se o inglês está realmente sendo utilizado como língua única de comunicação na Rede ou se é somente uma língua auxiliar de comunicação usada em casos específicos, como conferências e eventos internacionais ou na CMC na qual os interlocutores falam línguas diferentes.

Em relação à tradução automática, outros pesquisadores desta área ressaltam a evolução e importância deste recurso on-line. Santos (1999b) descreve o computador conectado à Internet como uma ferramenta multifacetada em relação à tradução. Essa pesquisadora afirma que existem 4 formas de analisar o computador no que diz respeito à tradução automática. Este pode ser visto como:

- (a) <u>facilitador da tradução</u>, porque permite a edição de textos, a organização das informações, a criação de um repertório de antigas traduções e um observatório das línguas em uso;
- (b) <u>auxiliar da tradução</u>, porque possibilita o acesso à terminologia bilíngue e à base de dados de traduções;
- (c) <u>auxiliar do estudo e do ensino da tradução</u>, pois, neste caso o computador auxilia na descoberta de regularidades e problemas, automatizando a construção de um léxico bilíngue, procurando sugestões, descobrindo dificuldades e criando problemas para serem usados como auxiliares para ensino;
- (d) <u>tradutor</u>, funcionando como tutor, consultor, tradutor automático e, como diz Santos, "gist translator". Neste caso, a tradução oferece

uma idéia geral do que pode ser o conteúdo em uma língua completamente desconhecida.

Além disso, Santos (1999a) sugere a criação de um banco de dados de traduções⁷⁵ e de problemas de tradução que pudesse ser partilhado por tradutores profissionais, alunos, professores, investigadores, programadores e linguistas computacionais. Este banco de dados deveria levar em consideração a criação de <u>corpora</u> paralelos, memórias de tradução e exemplos comentados de problemas de tradução. É possível observar que a análise de Santos tem como objetivo final melhorar o trabalho do tradutor (humano) e aprimorar as ferramentas de tradução automática. Para tal, a pesquisadora sugere que exista essencialmente uma maior interação entre os programadores, engenheiros da linguagem, linguistas computacionais, especialistas em processamento de linguagem natural e tradutores (humanos). Desta forma, as ferramentas de tradução automática estariam cada vez mais preparadas para traduzir qualquer tipo de texto.

Alfaro & Dias (1998) afirmam que as ferramentas já existentes na Rede estão sendo cada vez mais aprimoradas e os tradutores automáticos existentes e citados anteriormente já oferecem resultados bem satisfatórios. Dentre as ferramentas utilizadas na tradução automática estão: corretores ortográficos, corretores gramaticais, dicionários e glossários on-line, bancos de dados terminológicos, bancos de dados de estruturas e frases traduzidas, bancos de dados temáticos, MAHT (Machine-Aided Human Translation/tradução humana assistida por computador), HAMT (Human-Aided Machine Translation/tradução por máquina com intervenção humana), MT (Machine Translation/tradução por máquina ou tradução automática). As autoras prosseguem afirmando que os tradutores automáticos são grandes aliados dos usuários da Internet nos dia de hoje. Por outro lado, infelizmente, ainda existe um pouco de preconceito em relação aos tradutores automáticos e, segundo Alfaro (1997), esta visão deve ser reconsiderada:

http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/.

⁷⁵ É importante lembrar que existe o Corpógrafo, que é um ambiente para escritores e autores de língua portuguesa criarem suas próprias tecnologias a partir de textos compilados por eles. Já o COMPARA é o maior corpus paralelo bidirecional de português e inglês editado do mundo. Tratase de um tipo de base de dados com textos originais nessas duas línguas e suas respectivas traduções, ligadas frase a frase. Para mais detalhes ver: http://www.linguateca.pt/. Sobre este tópico ver também a página do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC):

"Com a aceleração cada vez mais vertiginosa da disseminação de informações, a tradução rápida, eficiente e barata foi-se tornando cada vez mais necessária; por outro lado, o número de tradutores competentes não tem aumentado de acordo com o crescimento da demanda. Daí o interesse pela tradução automática, que visa, acima de tudo, facilitar o trabalho dos tradutores, principalmente aqueles especializados numa determinada área... Os sistemas estão longe de serem perfeitos. Contudo, ... eles já representam uma grande ajuda para muitos tradutores." (Alfaro, 1997. Disponível em: http://www.tecgraf.pucrio.br/~carolina/monografia/introducao.html - Acesso em 20 de setembro de 2009.)

É importante lembrar que cada vez mais as ferramentas de tradução automática se baseiam em teorias linguísticas bem fundadas e em tecnologias cada vez mais avançadas. Assim sendo, essas ferramentas vêm desempenhando um papel relevante durante a CMC, fazendo com que a língua inglesa nem sempre seja a primeira ou única opção quando se trata de estabelecer uma comunicação on-line. O fato é que, sem dúvida, as ferramentas de tradução automática contribuem consideravelmente para o caráter multilíngue da Rede.

Apesar do que já pode ser observado on-line a respeito do inegável multilinguismo na Internet, alguns pesquisadores ainda questionam se a língua inglesa será utilizada on-line de forma predominante no futuro. Este tópico será discutido com mais detalhes na próxima seção.

4.3. O multilinguismo já concretizado

4.3.1. Algumas dúvidas que permanecem quanto ao papel da língua inglesa na Rede

Nunberg (2002) escolheu o seguinte título para seu artigo: "Will the Internet always speak English?" ⁷⁶ Esse tipo de questionamento pode parecer sem sentido na contemporaneidade, já que, como foi possível perceber, a Rede caminha em direção oposta ao domínio único e absoluto da língua inglesa.

Opondo-se à afirmação de Crystal de que, até 1998, 80% das páginas da Internet eram em língua inglesa e que, a partir de então, a utilização desta língua passou a cair vertiginosamente, Nunberg afirma que estes 80% se mantinham quando escreveu o artigo citado, em 2002, e ressalta que o uso da língua inglesa

^{76 &}quot;A Internet sempre falará inglês?" (tradução minha)

on-line tornava-se cada vez mais extensivo. Ele afirma que, de acordo com uma pesquisa realizada em 1999 pelo portal *ExciteHome*, um dos mais importantes portais de acesso à Rede dos anos de 1990, mesmo com a penetração de línguas como o japonês, chinês, espanhol e francês na Rede, não há dúvida de que a proporção da utilização da língua inglesa continuará a ser mais alta do que de outras línguas. Observemos a seguir:

"Mas a tendência de se usar o inglês não desaparece mesmo quando os falantes de línguas locais têm acesso a Internet. A partir do momento em que a Rede transforma cada documento em uma publicação potencialmente "internacional", existe um incentivo maior para que os websites sejam publicados em inglês que não existia em relação às publicações impressas... E isso fez com que o uso do inglês se tornasse símbolo de status em várias nações, pois implica que você tem algo a dizer que merece atenção internacional." (Nunberg, 2002)⁷⁷

Não é possível contestar a afirmação de Nunberg de que a língua inglesa oferece mais visibilidade internacional. Não há dúvida de que a utilização da língua inglesa para fins específicos (comércio, jornalismo, pesquisa e eventos internacionais, por exemplo) é eficiente e apropriada. Por outro lado, de uma forma geral, parece que os usuários preferem utilizar suas línguas maternas em sites de relacionamento e em redes sociais, como ocorre no *Facebook* e no *Orkut*.

Apesar de afirmar que o inglês é a língua predominante na Internet, Nunberg nos lembra que a Rede é suficientemente aberta e democrática a ponto de permitir que os usuários ignorem o mar de conteúdo em língua inglesa existente on-line. Desta forma, o que importa de fato não é o quanto uma língua é usada on-line, mas por que e quando as pessoas a utilizam e o impacto de tal utilização sobre a identidade social dos usuários. Sendo assim, Nunberg conclui que os usuários escolhem a língua usada na CMC com base em seus propósitos de comunicação, e não na economia ou geografia.

Muita coisa mudou desde a publicação do artigo de Nunberg. Parece que, mesmo acreditando na expansão do uso da língua inglesa on-line, ele percebeu que a comunicação é mais importante do que a língua que se utiliza para tal. Porém, não desenvolve esta questão em seu texto.

⁷⁷ "But the tendency to use English doesn't disappear even when a lot of speakers of the local language have Internet access. Since the Web turns every document into a potentially "international" publication, there's often incentive for publishing Web sites in English that wouldn't exist with print documents...And this in turn has made the use of English on the Web a status symbol in many nations, since it implies that you have something to say that might merit international attention." (tradução minha)

Wright (2004) concorda com Nunberg quando afirma que a língua inglesa domina a Rede e questiona se este uso está causando uma convergência linguística. A pesquisa realizada por Wright mostra também que a Internet pode estar ajudando a revitalizar e/ou manter línguas minoritárias. Não especifica, contudo, quais seriam essas línguas e complementa que é necessário realizar pesquisas com usuários de diversas partes do mundo para conhecer com maior precisão os reais impactos do uso da CMC nas línguas e o papel da língua inglesa na Rede.

Dentre os pesquisadores que ainda avaliam o papel do inglês na Rede, é importante citar Paolillo (2007). Ele se indaga a respeito da extensão do domínio da língua inglesa na Rede:

"Atualmente, um dos principais tópicos de discussão é o alcance do predomínio da língua inglesa na Rede, e quais efeitos tal predomínio pode ter nos falantes de outras línguas no mundo. Se a língua inglesa domina a Rede, estaria esta forçando seus usuários a aprender inglês visando acessar os serviços disponíveis on-line? Ou a influência dos usuários de outras línguas, como mostrado pela Global Reach (2003), é um presságio para o fim da dominância do inglês on-line? O contato global on-line encaminhará os usuários para uma homogeneização linguística, ou suscitará uma flexibilidade tecnológica que encaminhará a Rede à diversidade linguística?" (Paolillo, 2007, p. 408)⁷⁸

Na tentativa de responder suas próprias questões, Paolillo apresenta uma pesquisa com o intuito de mostrar a penetração de diversas línguas na Rede. Como já seria de se esperar, mostra que a maior concentração de sites na Rede se encontra na América do Norte, que é uma região com pouca diversidade linguística na qual o inglês predomina. Consequentemente, esta língua também domina a Rede. De acordo com Paolillo, ainda não é possível afirmar se regiões de grande diversidade linguística, como a África, terão crescimento na Rede. Ele prossegue afirmando que a diversidade linguística online é menor do que off-line, contrariando, assim, as afirmações anteriores de que a Rede possibilita a diversidade linguística. Ele prevê que a diversidade linguística irá crescer um pouco, mas o inglês continuará sendo a língua internacional da Rede.

(tradução minha)

⁷⁸ "Currently, the major topic of discussion is the extent to which English is prevalent on the Internet, and what effects this might have on the many non-English-speaking people around the world. If English dominates, does this effectively force users to accommodate by learning English, in order to access the services that Internet makes available? Or does the influx of non-English-speaking users, as claimed by Global Reach (2003), portend the end of English dominance of the technology? Will online global contact lead to greater linguistic homogenization, or will the inherit flexibility of network and multimedia technology lead to a new efflorescence of linguistic diversity."

Danet & Herring (2007) reafirmam a crescente diversidade linguística na Rede. Elas apontam que milhões de pessoas de diversas partes do mundo estão se comunicando on-line. Sendo assim, não somente a língua inglesa é utilizada, mas variações da língua inglesa que se misturam a algumas línguas nativas dos usuários, como ocorre off-line com as línguas africanas e da Índia. Além disso, as pesquisadoras enfatizam o avanço dos sistemas de programação e a utilização de *blogs* e sites como o *Facebook* e *YouTube*⁷⁹, que permitem que os usuários publiquem seus próprios conteúdos na língua que escolherem. Este assunto será retomado adiante.

A própria Internet nos mostra que os questionamentos feitos por Crystal, Nunberg, Wright e Paolillo, que focam no uso do inglês como língua franca da Rede, deveriam se encaminhar para a sua tendência multilíngue. Certamente, esta tendência deveria ser mais explorada por pesquisadores nos dias de hoje.

4.3.2. As influências do *netspeak* em outras línguas

Como já vimos, Crystal descreve o *netspeak* com base na língua inglesa utilizada na Rede. É importante observar se o *netspeak* também está ocorrendo em outras línguas utilizadas on-line.

Em 2003, realizei uma pesquisa visando detectar o que estava acontecendo com a língua portuguesa ao ser utilizada durante a CMC (Di Luccio, 2003). Durante a pesquisa foi possível detectar um português cheio de abreviações, reduções, importações da língua inglesa e criação de vocábulos. Esta variação do português pode ser encontrada em alguns e-mails, nos *blogs*, no *Orkut*, no *MSN Messenger*, nas salas de bate-papo, no *Twitter* e em outros sites de relacionamento e de redes sociais. Chamei esse tipo de língua de *português digital*, embora ela seja chamada muitas vezes pela mídia on-line e off-line de *internetês*. Esta língua parece ser usada para marcar, representar e afirmar a identidade de uma comunidade virtual que tem a liberdade de se expressar de uma forma muito peculiar através da escrita. De acordo com Nicolaci-da-Costa (1998):

⁷⁹ O *YouTube* (http://www.youtube.com/) é um site da Internet no qual os usuários podem publicar vídeos que considerem interessantes. Abaixo de cada vídeo existe um espaço para que aqueles que o visualizam possam deixar comentários. O lema principal deste site é "*broadcast yourself*", ou seja "apareça". Este site já foi traduzido para 16 idiomas.

"A língua usada para falar na Rede não é o português tal como o conhecemos fora dela. É mais uma língua híbrida, cuja forma de expressão é predominantemente escrita, que tem como base o português - principalmente sua gramática -, mas com alta incidência de vocábulos ingleses não traduzidos... a linguagem nas comunicações ciberespaciais é quase sempre escrita, leve, compacta, econômica e cheia de símbolos brincalhões que poupam palavras e toques." (Nicolaci-da-Costa, 1998, p.159)

Na sequência, a autora afirma que:

"Palavras acentuadas se misturam com uma total ausência de acentuação, o que certamente acrescenta rapidez à digitação não especializada e faz com que 'então' vire 'entaum' e 'alô' vire 'alou'. Por conta da rapidez usa-se apenas a inicial de algumas palavras e a grafia de outras é alterada: 'que' vira 'q', 'aqui' se transforma em 'aki', 'você' se transforma em 'ce' ou em 'vc'..." (Nicolaci-da-Costa, 1998 p. 167)

O português digital não parece mesmo ser o português usado fora da Rede. Trata-se, certamente, de uma nova língua com um estilo compacto, abreviado e econômico. Ser objetivo e preciso é fundamental na Rede. Nesta, a comunicação é muito rápida e dinâmica, portanto, nada mais coerente do que usar uma língua que nos proporcione o dinamismo e a agilidade necessários. Estabeleceu-se, implicitamente, uma regra geral no português digital. Como explica Dias (2000):

"... estabeleceu-se a ausência de acentos e de outros sinais semelhantes... no entanto, na maioria das línguas que usam acento, ele serve para diferenciar significado, como é o caso em português de 'sabia' e 'sabia' ou da conjunção 'e' e a forma verbal 'é'. Por causa disso, desenvolveu-se em português uma escrita própria, que evita os acentos das palavras cujo significado não fica prejudicado e os substitui nos demais casos por outros artifícios, como aspas simples ou grafias características. Assim, a forma verbal 'é', do verbo ser, pode ser grafada como eh ou e', a palavra 'já' também pode ser jah ou ja'; a palavra 'não' é grafada como não ou nahum, etc." (Dias, 2000, p.241)

Dias também aponta as novas características dos textos encontrados na Rede e nos mostra que novas regras linguísticas têm sido estabelecidas pelos próprios usuários. A autora nos lembra que a grande maioria dos textos on-line tem um foco maior no conteúdo do que na forma e nos chama a atenção para o surgimento de um novo gênero em função do meio eletrônico:

"O que o meio eletrônico nos concede com suas possibilidades é o surgimento de um novo gênero, que tem características de oralidade porque simula uma conversa e facilita algum tipo de interação, bem como características de língua escrita porque se processa através de uma folha de papel virtual... esse novo gênero apresenta contornos próprios. Tais contornos em parte surgiram de suas especificidades: a digitação, a velocidade de comunicação, a simulação de conversação." (Dias, 2000, p. 239)

Durante a pesquisa na qual descrevo as características do *português* digital nos blogs, é possível observar que a primeira razão para a utilização desta variação do português é a de agilizar e facilitar a comunicação em um meio onde tudo é muito rápido e dinâmico. E essa agilidade é imprescindível quando existe interação entre os usuários de ferramentas da Rede. Como exemplo é possível destacar: vc (você), qq (qualquer), hj (hoje) ou kd (cadê).

Uma segunda possível razão é a intencional aproximação em relação ao discurso oral de forma a simular uma conversa. Segundo Dias (2000, p. 239), em se tratando de interações por escrito on-line é frequente haver: "uma simulação de conversa, às vezes em tempo real, às vezes com intervalo de poucas horas." É, portanto, bastante plausível que algumas variações linguísticas ocorram com o intuito de aproximar a linguagem da Rede à oralidade. Por esse motivo, lindo se transforma em *lindu*, homem em *ómi*, mesmo em *meixmo*.

A terceira razão aventada para o uso do *português digital* procura dar conta do uso excessivo de "w", "y", "k" e "z", como em: *sey* (sei), *fikado* (ficado) ou *arrazow* (arrasou). É possível afirmar que:

"Esse fato pode ocorrer devido ao inglês ser uma língua universal e falada em várias partes do mundo, ou também devido ao fato de o inglês ser a língua mãe ou língua materna da Internet. O excesso da língua inglesa na Rede, junto a uma identificação com a cultura e língua do "outro", provavelmente fizeram com que o português digital tivesse características da língua inglesa." (Di Luccio, 2003, p.14)

O trecho acima ressalta o papel desempenhado pelo inglês on-line como língua de comunicação na Rede. Este papel, reconhecido pelos usuários da Internet, parece justificar o uso de letras importadas do inglês no *português digital*. A escolha dessas letras poderia ser vista como uma tentativa, por parte dos usuários do *português digital*, de aproximá-lo da língua materna da Rede (o inglês) com a qual, provavelmente, se identificam.

Assim como o *netspeak* de Crystal, o *português digital* vem sofrendo transformações que têm feito com que a escrita digital se aproxime cada vez mais da oralidade. Na Rede, o oral e o escrito parecem se fundir e criam um novo ato, que podemos inicialmente chamar de: *leitura-escrita-interação* coletiva on-line (Di Luccio, 2005). Além disso, já é possível perceber o *português digital* sendo utilizado off-line, como em campanhas publicitárias⁸⁰.

_

⁸⁰ Em agosto de 2005 a empresa de telefones celulares Vivo lançou uma campanha publicitária na mídia off-line (jornais e revistas), na qual utilizava o português digital e dizia: "Eh + q uma promocaum, eh 1 revolucaum. Torpedo SMS a R\$ 0,05. Vivo."(É mais do que uma promoção, é uma revolução...). No fim de 2004, a revista em quadrinhos *Cebolinha* (número 221, editora Globo) do autor Maurício de Souza lançou um novo personagem chamado Bloguinho. Este

Danet & Herring (2007) apresentam análises interessantes a respeito da utilização do árabe, japonês e chinês em sites de conversação on-line como MSN Messenger e Yahoo Messenger e do francês em mensagens trocadas pelo celular (SMS text messages). As pesquisadoras exploram também a utilização do Greeklisk, que é o uso do alfabeto romano durante a comunicação em grego on-line.

É possível perceber, assim, que o *netspeak* não é um fenômeno que vem afetando somente a língua inglesa. Certamente, as justificativas apresentadas neste trabalho para a utilização do *netspeak* e do *português digital*, aliadas à globalização e ao aprimoramento dos sistemas de programação (*Web Consortium* de Tim Berners-Lee) fazem com que o caráter multilíngue da Internet se consolide e intensifique cada vez mais.

4.4. A comunicação on-line independentemente da língua

Neste capítulo, percebeu-se que a tendência dos autores citados não é criar um projeto de língua universal para ser usada durante a comunicação mediada pelo computador. Eles estão mais focados na discussão da possibilidade de a língua inglesa continuar dominando a Rede e levar certas línguas minoritárias e sem penetração on-line à extinção. Acontece, porém, que esta discussão não parece fazer sentido diante das inúmeras possibilidades de comunicação oferecidas na Rede na contemporaneidade.

Veremos no próximo capítulo que a língua utilizada durante a CMC vem desempenhando um papel secundário diante da possibilidade que a Internet oferece nos dias de hoje de seus usuários se comunicarem livremente com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Além de todas essas possibilidades de comunicação, existe hoje um movimento que parece estar fortalecendo ainda mais o caráter multilíngue da Rede e contribuindo para a quebra das barreiras linguísticas durante a CMC. Este movimento é chamado Web 2.0.

personagem interage com seus colegas utilizando o *português digital*. A programação do canal de televisão a cabo Telecine é voltada para a exibição de filmes, que, quando estrangeiros, são exibidos com legendas em português. Todavia, pude constatar que no primeiro semestre de 2004, os responsáveis pela programação do canal Telecine tinha reservado um horário específico(terçasfeiras a partir das 23:00) para a exibição de filmes estrangeiros com legendas em *português digital*, o programa é chamado de Cyber Movie.

5. A Web dos significados

"Esperanzas y utopías aparte, acaso lo más lúcido que sobre el lenguaje se ha escrito son estas palabras de Chesterton: 'El hombre sabe que hay en el alma tintes más desconcertantes, más innumerables y más anónimos que los colores de una selva otoñal...cree, sin embargo, que esos tintes, en todas sus fusiones y conversiones, son representables con precisión por un mecanismo arbitrario de gruñidos y de chillidos. Cree que del interior de un bolsista salen realmente ruidos que significan todos los misterios de la memoria y todas las agonías del anhelo." (Jorge Luis Borges, El idioma analítico de John Wilkins. In: *Otras inquisiciones*, 1996)

Com a Revolução Digital, a discussão a respeito da busca por uma língua única de comunicação cedeu lugar ao debate sobre as inúmeras possibilidades de comunicação. A língua utilizada durante a CMC não parece ser tão relevante quanto a própria comunicação, principalmente durante o segundo e o terceiro momentos da Rede considerados momentos multilíngues e chamados, respectivamente, de Web 2.0 e Web 3.0 (ou Web Semântica). Para que estes momentos sejam mais bem compreendidos, é necessário retornar ao passado, isto é, ao primeiro momento da Internet, chamado de Web 1.0⁸¹.

5.1.O primeiro momento da Rede

Os impactos sociais e pessoais produzidos pelo surgimento da Internet no mundo na década de 1990 são comparados às mudanças geradas pela Revolução Industrial a partir do século XVIII. Nicolaci-da-Costa (1998) explica que a máquina a vapor teve o poder de desencadear uma revolução que, além de alterar os meios de produção, alterou também as formas de viver, de sentir, de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Ela prossegue afirmando que:

⁸¹ É importante ressaltar que esta investigação não tem como foco explorar os sistemas operacionais utilizados nos três momentos da Internet.

"... Com o aparecimento dos trens movidos a vapor..., ganhou-se uma mobilidade nunca antes sonhada, o que acabou resolvendo o problema da escassez de alimentos que, agora, podiam ser transportados com rapidez de terras férteis porém longínquas. Com o aparecimento das indústrias, a população do campo deslocou-se para as sedes das mesmas e isso resultou no surgimento das grandes metrópoles com seus parques industriais. Emergiu o capitalismo com suas linhas de montagens e longas horas de trabalho competitivo." (Nicolaci-da-Costa, 1998, p. 5)

Certamente, a consequência de tais mudanças provocaram alterações radicais na vida das pessoas daquela época, principalmente daquelas oriundas das comunidades rurais que, ao fixarem residência nas grandes metrópoles, passaram a viver no meio de estranhos e a se sentir solitárias. A Revolução Industrial fez surgir novas formas de ver o mundo, de viver e de sentir. A Revolução Digital não foi diferente. Nicolaci-da-Costa (2002) nos mostra que a Internet gerou um novo espaço, equivalente ao que a metrópole representou para a Revolução Industrial, chamado ciberespaço. Este é descrito por Lévy (1999, p. 92) como: "... espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores." O ciberespaço também gerou e continua gerando novas formas de organização social e psicológica (Nicolaci-da-Costa, 2005a).

O primeiro momento da Rede, conhecido como Web 1.0, caracterizou-se pela emergência de sites e grandes portais. Inúmeros jornais, revistas, estabelecimentos comerciais, empresas, bibliotecas, escolas, universidades, etc passaram a disponibilizar informações, produtos e serviços para os usuários da Rede. Estes sites e grandes portais eram confeccionados por pessoas especializadas em tecnologia e com conhecimento de programação. Além disso, durante a década de 1990, surgiram também os sites de busca como os americanos AltaVista (www.altavista.com – 1996) e Google⁸² (www.google.com – 1998) e os brasileiros Aonde (www.aonde.com.br – 1993) e Cadê (www.cade.com.br – 1995).

Devido às dificuldades na confecção dos sites e portais, os conteúdos disponibilizados na Web 1.0 eram controlados pelos programadores, designers e donos dos sites e portais. Também era possível encontrar páginas pessoais, nessa primeira fase da Internet. No entanto, para que estas fossem confeccionadas, era necessário o conhecimento das linguagens de programação

_

⁸² O Google é atualmente o site mais acessado de toda a Rede e não se restringe mais a uma ferramenta de busca. Vários outros serviços são disponibilizados como mapas (*Google Maps*), email (*Gmail*), ferramenta para criar blogs (*Blogger*), chat (*Google Talk*), ferramenta para criar e disponibilizar álbuns de fotos (*Picasa*), rede social (*Orkut*), site para publicação de vídeos (*YouTube*), tradutor automático (*Google Translator*), dentre outros. Para as estatísticas da Rede verificar o site http://www.alexa.com/topsites.

ou a contratação de profissionais especializados. Sendo assim, a Web 1.0 pode ser caracterizada como a Web das publicações eletrônicas feitas por alguns especialistas em tecnologia para muitos usuários.

Porém, de forma menos sofisticada do que em suas versões mais recentes, uma das principais características da Web - a interatividade – já se achava presente na Web 1.0. No início dos anos de 1990 era possível utilizar programas de bate-papo on-line e em tempo real como IRC (*Internet Relay Chat*) ou ICQ (*I Seek You*)⁸³. Ferramentas como estas revolucionaram as formas de relacionamento e comunicação entre as pessoas. Consequentemente, como já explorado no capítulo 4, surgiu um novo tipo de linguagem: o *netspeak*.

Os impactos gerados pela chegada da Web não foram pequenos. O susto, temor e preconceito iniciais deram lugar à curiosidade, atração e excitação por parte de seus usuários (Nicolaci-da-Costa, 2006). As possibilidades ilimitadas oferecidas pela Rede de conhecer tudo e interagir com todos atraíram milhões de usuários. Em pouco tempo, uma nova plataforma de vida havia sido criada, isto é, um espaço alternativo integrado ao mundo "real". De acordo com Nicolaci-da-Costa (2006):

" ... a vida que acontece nesse espaço "virtual", à semelhança daquela que se desenrola no espaço "real", está em constante transformação. Essa mesma vida "virtual" atua ainda como uma força transformadora da vida "real". E, certamente, o mesmo acontece no sentido inverso, tendo em vista que a plataforma "virtual" é criada e mantida por homens concretos e máquinas concretas que habitam o mundo físico." (Nicolaci-da-Costa, 2006, p. 35)

Começam a surgir os nativos digitais (Prensky, 2001), que, ao contrário dos imigrantes digitais, nasceram após a disseminação das tecnologias digitais e da Web e veem todas essas novidades como naturais⁸⁴. Nicolaci-da-Costa (2009b) descreve essas duas gerações da seguinte forma:

"Os membros [dessas duas gerações]... já foram batizados de "nativos digitais" e "imigrantes digitais". Segundo Prensky (2001), que cunhou essa nomenclatura, "nativos digitais" são aqueles jovens que já cresceram (ou estão crescendo) em um mundo dominado por vídeo games, computadores, internet, celulares, etc. São aqueles para quem a linguagem digital e a concepção de mundo por ela difundida parecem tão naturais quanto sua língua materna. São aqueles que, entre suas características subjetivas marcantes, ostentam as seguintes: a constante disponibilidade para contatos online e via celulares; a auto-exposição online de gostos, sensibilidades e talentos; a fluidez de movimentação virtual e

⁸³ O IRC não é mais utilizado atualmente. O ICQ ainda está disponível em mais de 10 línguas, mas perdeu muitos usuários após a popularização do *MSN Messenger*. Para mais detalhes sobre o ICQ verificar em: http://www.icq.com/.

⁸⁴ Os nativos digitais são conhecidos também como geração Y e os imigrantes digitais como geração X.

física; a expectativa de livre acesso à informação de todos os tipos; a ausência de planejamento; o imediatismo e a pouca tolerância à espera ou ao adiamento de gratificação... Já os "imigrantes digitais", ainda segundo Prensky, são os homens e mulheres que se assemelham aos imigrantes tradicionais que nunca chegam a dominar com perfeição a língua nativa dos países para os quais migraram (sempre mantendo algum sotaque) nem a se liberar completamente das crenças e costumes de suas culturas de origem. Eles podem ter recebido bem as inovações digitais, podem dominar e usar cotidianamente várias delas, mas nunca deixarão de sofrer a influência de seu passado analógico." (Nicolacida-Costa, 2009b, p.237)

O caráter dinâmico e transformador da Rede é inegável, assim como seu constante e cada vez mais rápido crescimento e aperfeiçoamento. Parece difícil até para os nativos digitais acompanharem tantas mudanças e inovações. A Internet vem crescendo e se aperfeiçoando muito rapidamente. Novos sistemas operacionais e ferramentas fazem com que os usuários se tornem cada vez mais participativos na Rede e esta cada vez mais multilíngue, tendo em vista que inúmeras pessoas das mais diferentes partes do mundo a ela vêm se conectando. A evolução da Web 1.0, que já era tão revolucionária e transformadora, fez surgir a segunda fase da Rede: a Web 2.0.

5.2. A Web 2.0

Enquanto a primeira fase da Internet pode ser caracterizada pela centralização e controle da informação por aqueles que dominavam a tecnologia, a Web 2.0 é conhecida como a Web colaborativa e participativa, a Web social.

O termo Web 2.0 surgiu em 2004 quando Tim O'Reilly⁸⁵ e John Battelle⁸⁶ criaram a *Web 2.0 Conference*, chamada hoje de *Web 2.0 Summit⁸⁷*. Esta conferência foi criada para discutir e apresentar novidades tecnológicas e o termo Web 2.0 tentava marcar a emergência de uma nova concepção para a Web. A Web 2.0, contudo, não surgiu em 2004, mas no final da década de 1990 e início dos anos 2000, como poderá ser observado nas próximas seções.

⁸⁵ Tim O'Reilly é o fundador e CEO do O'Reilly Media, Inc. Esta empresa americana organiza grandes eventos que têm a tecnologia como tema principal. Dentre eles estão: *Web 2.0 Summit, Web 2.0 Expo, O'Reilly Open Source Convention, Gov 2.0 Summit e Gov 2.0 Expo.* A visão da O'Reilly Media, Inc. é disseminar conhecimento e apresentar inovações sobre tecnologia. Para mais detalhes verificar: http://tim.oreilly.com/.

mais detalhes verificar: http://tim.oreilly.com/.

86 John Battelle é jornalista é fundador do *Federated Media Publishing*. Esta empresa americana ajuda sites independentes a se inserirem no mercado. Para mais detalhes verificar: http://www.federatedmedia.net/about/index.

⁸⁷Para mais informações sobre a conferência de 2009 acessar: http://www.web2summit.com/web2009.

Tim O'Reilly alega que o segundo momento da Rede teve início com o boom da filosofia pontocom que, de acordo com ele, começou por volta de 2001 com a expansão de negócios on-line, dos sites de busca, dos sites de relacionamentos e, principalmente, das redes sociais. A filosofia básica da Web 2.0 é a Web como plataforma, ou seja, como um lugar, ambiente, e não somente como uma Rede de computadores interligados. A Internet não sofreu grandes alterações em seus sistemas operacionais a partir da Web 2.0, o que mudou foram as maneiras de encará-la e de usá-la, foi uma mudança mais social do que tecnológica. A Rede passou a ser colaborativa e coletiva. É importante descrever com alguns exemplos como isso passou a acontecer, para que seja possível ter uma visão geral da segunda geração da Rede e dos motivos pelos quais esta fase vem se tornado cada vez integrada, apesar de multilíngue.

5.2.1. O início da Web colaborativa

A segunda geração da Internet se caracteriza principalmente pela possibilidade que os usuários têm de participar ativamente na produção de conteúdo na Rede. O que anteriormente era feito por empresas ou pessoas especializadas em tecnologia (primeira geração da Internet), passou a poder ser realizado pelo próprio usuário. Este passou a gerar, alterar e compartilhar conteúdo na Rede – textos, informações, imagens, arquivos de áudio e vídeo. As possibilidades, facilidades e liberdade que a Web 2.0 proporciona aos usuários fazem com que ela esteja aberta a diversas culturas e línguas diferentes, isto é, seja cada vez mais democrática. Tal abertura reforça o caráter multilíngue da Rede, citado no capítulo anterior.

É possível afirmar que um dos fatores responsáveis pelo início da Web colaborativa foi o surgimento dos *blogs*. Estes começaram a surgir em 1997 e podem ser caracterizados como espaços textuais que permitem que qualquer pessoa com acesso a Internet publique, leia, interaja com escritores e/ou leitores, bem como comente textos, fotos, arquivos de áudio e vídeo sem necessariamente dominar as linguagens de programação. Em uma pesquisa realizada em 2005, revelo que:

[&]quot;... o termo *weblog*, posteriormente reduzido para blog, foi criado por Jorn Barger, editor do *site Robot Wisdom* (www.robotwisdom.com), em 1997. Jorn Barger explica em seu *site* pessoal que um *weblog*, às vezes chamado de blog, página de notícias ou filtro, é uma página da *web* onde um *weblogger*, também

chamado de *blogger*, blogueiro ou pré-surfista, *logs* (registra por escrito uma viagem ou evento, como em um diário de bordo) outras páginas da *web* e textos que considera interessantes. De acordo com Barger, o blogueiro adiciona a publicação mais recente, também chamada de *post*, no topo da página. Abaixo ou acima do *post*, podemos encontrar a data e a hora da publicação. Além disso, também é comum encontrar abaixo de cada texto publicado o nome ou o apelido do blogueiro. Desta forma, os leitores podem acompanhar o blog lendo as publicações de forma cronologicamente inversa, ou seja, sempre da publicação mais recente para a mais antiga." (Di Luccio, 2005, p.42)

Das simples publicações de sugestões e *links* para outras páginas na Rede, como mencionado acima, os *blogs* evoluíram para os diários pessoais, devido às facilidades de confecção e manutenção destes, tendo como consequência a sua rápida popularização.

Além disso, as seções de comentários contribuíram e continuam contribuindo para o grande sucesso dos blogs. Abaixo de cada publicação, pode ser encontrado um link chamado comments ou comentários. Este link, ao ser clicado, abre uma janela na qual os leitores podem fazer comentários, críticas ou sugestões a respeito dos textos ou imagens publicados pelos blogueiros. Nesta mesma janela, os escritores também podem responder aos comentários dos leitores e interagir com eles. Os comentários vão sendo acumulados em ordem cronologicamente inversa e podem ser lidos não somente pelo escritor do blog, mas também por qualquer usuário que clicar no link e abrir a janela dos comentários. Ainda na página principal dos blogs é possível encontrar uma breve descrição do bloqueiro e também vários links que, ao serem clicados, abrem novas páginas. Os links podem nos levar para arquivos de outros meses do próprio blogueiro, para seus sites favoritos e para outros blogs ou páginas mantidas pelo próprio bloqueiro. Podemos encontrar também links que exibem a tradução do blog para outras línguas (grande parte das vezes utilizando a ferramenta de tradução automática Google Translator), o e-mail e o currículo do blogueiro, os blogs de seus amigos e seus blogs favoritos. Alguns blogueiros inserem também links que nos direcionam para suas galerias de fotos (Fotolog, Flickr ou Picasa)88. Os links que nos levam a outros blogs contribuem para a construção de uma rede de blogueiros conhecida como blogosfera. As possibilidades oferecidas pelos blogs de relacionamentos entre blogueiros, leitores e inúmeros blogs viabilizam o estabelecimentos de laços sociais entre

⁸⁸ O *Fotolog* (http://www.fotolog.com.br/) e o *Flickr* (http://www.flickr.com/) são sites de hospedagem e compartilhamento de fotos, sendo que o primeiro é pouco utilizado nos dias de hoje em relação ao segundo. Ambos podem ser caracterizados como *blogs* de fotos. Já o *Picasa* (http://picasa.google.com.br/) é um programa do Google que pode ser baixado pelo usuário e permite que este organize e edite suas fotos.

blogueiros e leitores, fazendo dos *blogs* redes sociais importantes no dias de hoje (Recuero, 2009).

Já se passaram mais de 10 anos desde o aparecimento dos primeiros blogs na Rede. Estes evoluíram (tecnologias e usos) consideravelmente e se mantiveram populares até os dias de hoje. É possível encontrar blogs jornalísticos, políticos, literários, empresariais, tecnológicos, automobilísticos, esportivos, religiosos, financeiros, de guerra, de protestos, de moda, de entretenimento, de artes, de saúde, ou seja, existe uma infinidade de tipos de blogs na atualidade. A grande maioria dos jornais, revistas, canais de televisão, empresas, escolas, universidades, estabelecimentos comerciais, repartições públicas e bibliotecas do mundo todo já possuem seus blogs na Internet.

Indubitavelmente, os *blogs* se tornaram um dos maiores canais de publicação e comunicação on-line na contemporaneidade e parece muito difícil imaginar a Rede sem a presença deles. De acordo com o maior diretório de *blogs* na Rede, o *Technorati*⁸⁹, não é possível saber com precisão, mas possivelmente existem mais de 100 milhões de *blogs* na Internet nos dias de hoje. O *blog* se tornou uma rede social forte e poderosa, passando a ser utilizado muitas vezes como fonte de renda.

Uma pesquisa⁹⁰ feita pelo site *Technorati* e apresentada em outubro de 2009 mostrou que 28% dos 3 mil blogueiros de várias partes do mundo entrevistados e cadastrados no diretório de *blogs* se consideram profissionais. Dentre esses 28%, 17% fazem de seus *blogs* suas principais fontes de renda. São números altos para o que até pouco tempo atrás era considerado um "diário virtual". Certamente os *blogs* vêm deixando de lado o caráter estritamente pessoal do início e se profissionalizando. Muitos blogueiros populares na blogosfera estão lucrando com campanhas publicitárias feitas em seus *blogs* ou escrevendo *posts* encomendados sobre produtos ou serviços de uma ou outra empresa. Um exemplo interessante do uso dos *blogs* nos dias de hoje no Brasil é o *Blog do Tas*, no qual é possível observar no canto direito da tela inicial os chamados *links* patrocinados, isto é, *links* que, a cada clique do usuário, dão ao blogueiro um percentual em dinheiro dos anunciantes:

8

⁸⁹ www.technorati.com

⁹⁰Para mais detalhes da pesquisa realizada pela *Technorati* verificar: http://technorati.com/blogging/article/richard-jalichandra-keynote-blogworld-2009/.

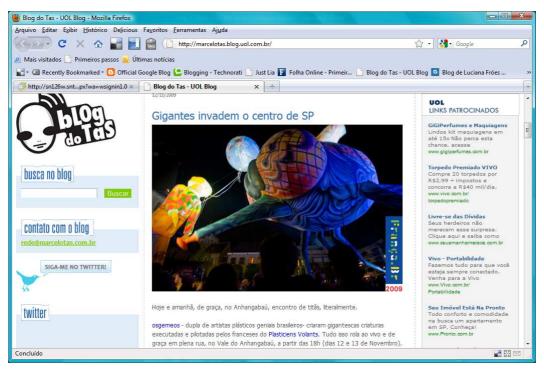


Figura 1. Reprodução da tela inicial do *Blog do Tas*, disponível em: http://marcelotas.blog.uol.com.br/ - Acesso em 11 de novembro de 2009.

Ainda no *Blog do Tas* é possível perceber um *banner* no topo da página. O blogueiro certamente foi pago para disponibilizar o espaço para a publicidade do site www.meucarronovo.com.br:



Figura 2. Reprodução da tela inicial do *Blog do Tas*, disponível em: http://marcelotas.blog.uol.com.br/ - Acesso em 11 de novembro de 2009.

Em outro *blog* brasileiro, o *Brainstorm9*, é possível notar uma publicação patrocinada, também conhecida como *post* patrocinado. Logo abaixo do título da publicação está a especificação "post patrocinado", indicando que uma determinada empresa comprou aquele espaço do *blog*, bem como pagou o blogueiro (certamente um formador de opinião) pela publicação assinada. A netiqueta indica que o blogueiro deve especificar para o leitor sempre que uma publicação for patrocinada, embora nem todos sigam essa regra. É possível observar abaixo a indicação do blogueiro de que se trata de um *post* patrocinado:



Figura 3. Reprodução da tela inicial do *blog Barinstorm9*, disponível em: http://www.brainstorm9.com.br/2009/10/27/ibm-apresenta-maltos-e-associados-em-arquivo-morto/ - Acesso em 11 de novembro de 2009.

Ainda no *blog Brainstorm9* é possível encontrar um *link* que leva o leitor à seção "anuncie", na qual o blogueiro explica as possibilidades de anúncios no *blog (banners* ou *posts* patrocinados), apresenta percentuais sobre os perfis de seus leitores (idade, classe social e profissão) e uma lista com as empresas que já anunciaram em seu *blog.* Parece que, além de disseminarem os conteúdos produzidos livremente pelos blogueiros, os *blogs* foram inseridos no mundo dos veículos de comunicação para campanhas publicitárias. Vejamos a seguir:



Figura 4. Reprodução da tela da seção "anuncie" do *blog Barinstorm9*, disponível em: http://www.brainstorm9.com.br/anuncie/ - Acesso em 11 de novembro de 2009.

Outro exemplo relevante do poder dos *blogs* como produtores de conteúdo e formadores de opinião foi o uso desta ferramenta na campanha presidencial de Barack Obama, nos Estados Unidos, em 2008. Certamente seu *blog* foi uma maneira inovadora de fazer campanha política e representou um poderoso canal de comunicação, com os apoiadores e possíveis eleitores. Após o sucesso estrondoso e os resultados positivos no uso desta rede social, políticos de várias partes do mundo passaram a utilizar as redes sociais como canais de comunicação com o público durante suas campanhas. O *blog* de Barack Obama fez tanto sucesso que foi mantido após sua vitória em 2008.



Figura 5. Reprodução da tela inicial do *blog Organizing for America*, disponível em: http://my.barackobama.com/page/content/hqblog - Acesso em 11 de novembro de 2009.

A importância, o poder dos *blogs* e as maneiras de utilizá-los são fatos já consolidados na Rede e continuam crescendo vertiginosamente. Certamente, os *blogs* marcaram o início da segunda geração da Internet.

5.2.2. A Web das *wikis*

A Web 2.0 também é conhecida como a Web das *wikis*. A primeira *wiki*, que no idioma havaiano significa "super rápido", foi criada pelo programador americano Howard G. "Ward" Cunningham em 1994. Ele desenvolveu o software colaborativo *WikiWikiWeb* e o instalou em seu website de consultoria em softwares. Uma *wiki* é um site que possibilita a criação e edição coletiva e colaborativa de um número indeterminado de páginas na Rede interligadas entre si. Assim como nos *blogs*, não é necessário dominar linguagens de programação e os usuários produzem todo o conteúdo que é publicado na página com liberdade para alterá-lo, complementá-lo e/ou apagá-lo a qualquer momento.

Em uma entrevista publicada em 2003 no site especializado em assuntos relacionados ao desenvolvimento de softwares, *Artima Developer*⁹¹, Howard G. "Ward" Cunningham explica que criou as *wikis* pensando na tendência natural do ser humano de contar histórias e na possibilidade e facilidade que estes contadores de histórias teriam de exercer suas autorias com liberdade. O diferencial está na coletividade da autoria, nas *wikis* todos podem ser autores, editores e/ou leitores dos textos em um espaço para troca de ideias e compartilhamento de conhecimento livre.

A maior e mais importante *wiki* da Web 2.0 nos dias de hoje é a enciclopédia colaborativa Wikipédia⁹², criada em janeiro de 2001 pelos americanos Jimmy Wales e Larry Sanger. Nesta enciclopédia, os usuários têm a possibilidade de criar, corrigir e expandir os verbetes que, no presente (novembro de 2009), já ultrapassam os 13 milhões. Inicialmente, a Wikipédia começou a ser desenvolvida em língua inglesa e seu sucesso foi tão grande e rápido que, no fim de 2001 e início de 2002, já existiam versões dessa enciclopédia em espanhol, português, francês, alemão, chinês, russo, japonês, entre outras línguas. O acesso de pessoas de culturas, regiões e línguas diferentes, que queriam contribuir e editar a enciclopédia, foi fazendo com que a Wikipédia se tornasse cada vez mais multilíngue. O próprio site atualiza seus dados e mostra que existem hoje publicações em 271 línguas, das quais 240 se mantêm ativas, quer dizer, com novas publicações ou correções.

A própria Wikipédia se autodefine, em sua página de abertura, com a seguinte frase: "Wikipédia: a enciclopédia livre". Apesar desta definição, o conceito de enciclopédia livre deve ser questionado. A Wikipédia utiliza programas específicos para combater vandalismos, *spams*, e outros tipos de ataques. Além desta proteção, a própria comunidade de editores voluntários, também conhecidos como wikipedistas, se une com a intenção de evitar publicações de informações falsas. De acordo com o artigo do site americano *Howstuffworks*⁹³, alterações de publicações já existentes ou publicações novas não vão para a página sem antes passar pelo crivo de um corpo editorial voluntário, que poderá aceitar, alterar ou rejeitar o texto. Uma matéria da *Boston Review*⁹⁴ de novembro de 2009 afirma que existe uma comunidade bem homogênea de editores da Wikipédia nos dia de hoje. A reportagem revelou também que 80% se seus editores são do sexo masculino, mais de 65% são

⁹¹ http://www.artima.com/intv/wiki.html

⁹² www.wikipedia.com

Para a matéria completa checar: http://computer.howstuffworks.com/wiki2.htm.

⁹⁴ http://bostonreview.net/BR34.6/morozov.php

solteiros, mais de 85% não têm filhos e 70% têm menos de 30 anos. Estas estatísticas revelam que a homogeneidade dos perfis dos editores possivelmente coloca em questionamento o caráter tão diversificado e libertador da Wikipédia. Além dessas questões, a veracidade das informações contidas nesta enciclopédia é e continua sendo colocada em questão.

Independentemente do grau de confiabilidade das publicações e de liberdade oferecida aos inúmeros editores, o fato é que a Wikipédia continua sendo a *wiki* mais multilíngue existente na Rede na atualidade. A tela abaixo ilustra, parcialmente, a variedade linguística desta enciclopédia. À esquerda é possível visualizar parte da lista com as línguas disponibilizadas pela Wikipédia:

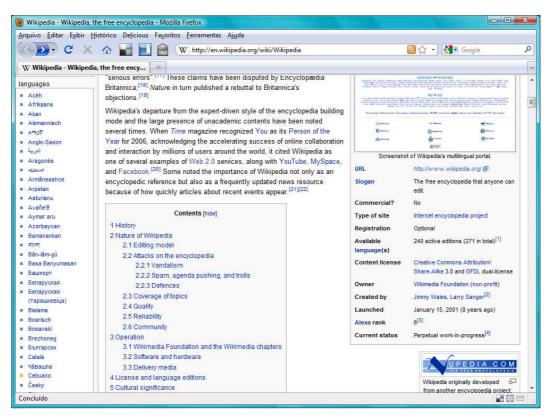


Figura 6. Reprodução da tela da enciclopédia Wikipédia. Esta tela contém a definição do termo Wikipédia em língua inglesa. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia - Acesso em 11 de novembro de 2009.

O exemplo seguinte mostra a tela de um verbete pronto para ser editado, na qual é possível observar algumas regras para os editores. A tela é a do verbete "wiki" em língua portuguesa. É importante observar que alguns verbetes são fechados permanentemente para edição por já serem considerados completos ou por serem alterados somente pelos administradores da Wikipédia.

As proteções⁹⁵ existentes na Wikipédia também têm o intuito de evitar vandalismo, atualizações feitas por editores que não se identifiquem previamente ou que não sejam cadastrados na comunidade de editores, e que uma página sobre um determinado assunto seja recriada.



Figura 7. Reprodução da tela de edição do verbete "wiki" em português da Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Wiki&action=edit§ion=1 - Acesso em 11 de novembro de 2009.

Além da Wikipédia, outro exemplo de *wiki* interessante na Rede é o *Wiktionary*⁹⁶. Trata-se de um dicionário colaborativo, coletivo e multilíngue com uma proposta similar à da Wikipédia em relação às publicações e edições. Este dicionário foi criado em 2002 e é possível encontrar sua versão em quase 200 línguas. Além da definição de palavras e expressões, é possível encontrar a tradução destas para várias línguas, pronúncia com áudio, imagens, etimologia e classe gramatical das palavras. Na tela abaixo podemos observar a definição do termo "on-line" oferecida pela versão em língua inglesa do *Wiktionary*:

⁹⁵ Para mais informações sobre as políticas de proteção na Wikipédia, acessar o *link*: http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Protection policy#semi.

http://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Protection_policy#semi.

96A versão em português deste dicionário colaborativo está disponível em:
http://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:P%C3%A1gina_principal.

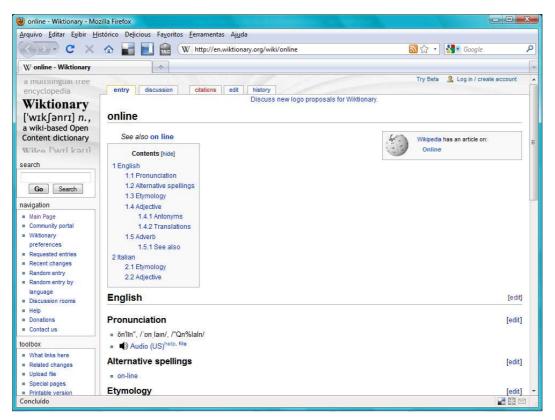


Figura 8. Reprodução da tela do verbete "on-line" da versão em língua inglesa do Disponível em: http://en.wiktionary.org/wiki/online - Acesso em 12 de novembro de 2009.

É possível observar a seguir a tela de edição do mesmo verbete. As políticas de edição, publicação e privacidade seguem as mesmas regras descritas anteriormente para a Wikipédia.

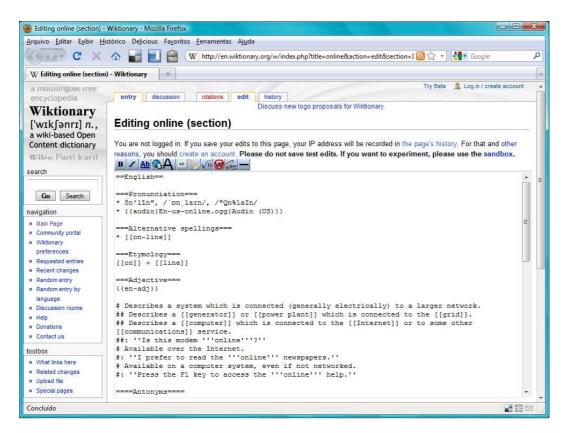


Figura 9. Reprodução da tela de edição verbete "on-line" da versão em língua inglesa do Disponível em: http://en.wiktionary.org/w/index.php?title=online&action=edit§ion=1 - Acesso em 12 de novembro de 2009.

Existem várias outras *wikis* na Rede. A *Wikimedia Foundation* é uma organização sem fins lucrativos, criada em 2003 nos Estados Unidos por Jimmy Wales. Seu intuito foi criar diversos tipos de *wikis* colaborativas e multilíngues. Além da Wikipédia e do *Wiktionary*, esta organização criou algumas outras *wikis* que são menores e menos utilizadas do que a Wikipédia e o *Wiktionary*, mas possuem características muito similares no que concerne à edição e publicação nas páginas:

- (a) *Wikibooks* (Wikilivros) *wiki* criada em 2003 que visa à criação coletiva de livros, apostilas e textos didáticos sobre os mais variados assuntos em 121 idiomas diferentes.
- (b) Wikijunior também visa à criação coletiva de livros para crianças entre zero e 12 anos. Os editores são professores, pedagogos e jovens. O conteúdo é muito variado, com presença de muitas imagens. Este site, que também data de 2003, existe em somente em 17 idiomas.

- (c) Wikisource é um acervo virtual e coletivo de textos originais (livros, documentos, cartas, leis, discursos, comunicados de imprensa) que estejam em domínio público. Atualmente em 56 idiomas, foi criado em 2003.
- (d) Wikiquote criada em 2003 e em mais de 40 línguas, esta wiki tem como objetivo construir, colaborativamente, uma página de citações de pessoas proeminentes, de livros e provérbios dos mais variados assuntos e períodos.
- (e) Wikimedia Commons criada em 2004 e disponível em mais de 80 línguas, esta wiki tem como objetivo criar, coletivamente, uma compilação de arquivos de mídia.
- (f) Wikinews (Wikinotícias) é uma wiki que propõe o jornalismo coletivo e colaborativo. Foi criada em 2003 e existe em quase 30 línguas.
- (g) Wikiversity (Wikiversidade) criada em 2006 e disponível somente em 10 línguas, esta wiki visa à criação de projetos educacionais por alunos, professores e pesquisadores.
- (h) Wikispecies wiki que visa criar um catálogo com todas as espécies existentes no mundo. Esta wiki foi criada em 2004 e é encontrada em 60 línguas.

Dentre as inúmeras línguas disponíveis nas wikis criadas pela Wikimedia Foundation, uma merece destaque especial: o simple English (inglês simples). Na própria página da Wikipédia é possível encontrar a definição desta língua. Esta é descrita como uma simplificação da língua inglesa, visando facilitar a leitura das wikis por crianças, estudantes, adultos com dificuldades de aprendizado e pessoas que estão aprendendo a língua inglesa. De acordo com a explicação da Wikipédia, o simple English somente é utilizado para simplificar wikis já existentes em língua inglesa, sendo assim, nenhuma publicação nova é feita em simple English. A sugestão é que os artigos nesta língua sejam escritos utilizando as 1.000 palavras mais comuns da língua inglesa e gramática simplificada, no entanto, não são oferecidos detalhes de quais seriam essas palavras ou de quais construções gramaticais seriam consideradas simples. No

caso de artigos mais complexos sobre ciências, política e religião, por exemplo, que necessitem entre 2.000 e 3.000 palavras, é sugerido utilizar mais palavras, além das 1.000 sugeridas inicialmente, mas estas devem ser simples também. É proposto também que os editores tenham como base o BASIC. Como descrito no capítulo 3 desta investigação, o BASIC foi um projeto de língua inglesa única e simplificada com base no inglês, criado em 1930 por Charles Kay Ogden.

É curioso observar que, apesar do caráter indubitavelmente multilíngue da Internet e da proposta da *Wikimedia Foundation* de criar os mais diversos tipos de *wikis* colaborativas e multilíngues, o desejo de se criar uma língua única de comunicação, assim como Crystal, Seidlhofer e Rajagopalan, permanece, pelo menos para a *Wikimedia Foundation*, independentemente da filosofia da Web 2.0 e de todas as possibilidades, oferecidas por esta, de liberdade na criação, por parte dos usuários, de conteúdos em qualquer língua. Parece que, neste caso, a *Wikimedia Foundation* está na contramão em relação ao caminho que a Rede vem percorrendo na atualidade.

5.2.3. As Redes Sociais

Como já foi dito, a Web 2.0 é a Web social, participativa e colaborativa, na qual o conteúdo é produzido pelos próprios usuários. Também é a Web das redes sociais. Além dos *blogs*, que foram os precursores da segunda geração da Internet, é importante citar outras redes sociais que se destacam muito nessa fase da Rede.

O site de relacionamentos $Orkut^{97}$, mencionado no capítulo 4, é uma rede social afiliada ao site de busca Google. Foi criado em janeiro de 2004 nos Estados Unidos com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos on-line. Seu nome é inspirado no projetista chefe de origem turca, Orkut Büyükkokten, analista de sistemas do Google. Trata-se da rede social mais acessada do Brasil. É importante lembrar que o Orkut, originalmente americano, está disponível em mais de 40 línguas nos dias de hoje e conta com mais de 60 milhões de usuários, dos quais mais de 50% são brasileiros, já são mais de 60 milhões. O conteúdo do Orkut é composto de textos, imagens e vídeos publicados pelos próprios usuários. O próprio site

⁹⁷ www.orkut.com.br

oferece dados demográficos mostrando a penetração do *Orkut* no Brasil. Como é possível observar abaixo:

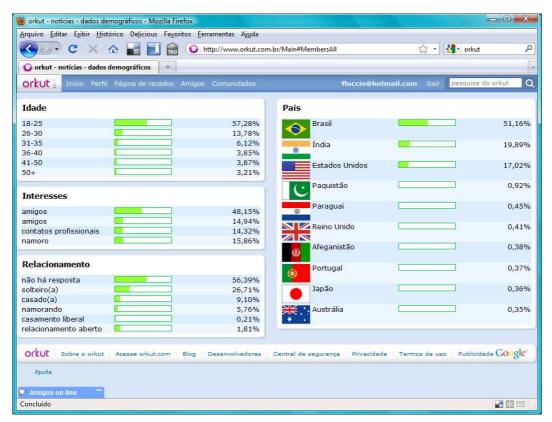


Figura 10. Reprodução da tela dos dados demográficos do *Orkut*. Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll somente para membros cadastrados - Acesso em 15 de novembro de 2009.

Na página de configurações do usuário, a seguir, é possível observar a lista de algumas línguas nas quais o site pode ser acessado. No primeiro item – idioma de exibição – o próprio site convida seu usuário a utilizar o *Orkut* no idioma que escolher, dentre os que estão na lista oferecida:



Figura 11. Reprodução da tela das configurações do meu perfil no *Orkut.* Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#GeneralSettings?rl=ls&xid=1270709720122515107 - Acesso em 15 de novembro de 2009.

Outra rede social multilíngue que vem se destacando no mundo todo é o Facebook⁹⁸. Esta foi criada em fevereiro de 2004 pelo estudante de Harvard e programador Mark Elliot Zuckerberg. Trata-se de uma rede social, similar ao *Orkut*, na qual as pessoas podem se encontrar, conversar e se informar sobre amigos e familiares, publicar fotos, vídeos e música. No Facebook o usuário também é responsável pela produção do seu conteúdo. Como mencionado no capítulo 4, esta rede social já está disponível em mais de 70 línguas. Atualmente é a rede social mais popular na Internet, com mais de 300 milhões de usuários, de acordo com a revista Info Exame de novembro de 2009. É possível observar, na tela a seguir, uma janela com a lista das línguas disponibilizadas pelo Facebook atualmente:

⁹⁸ www.facebook.com

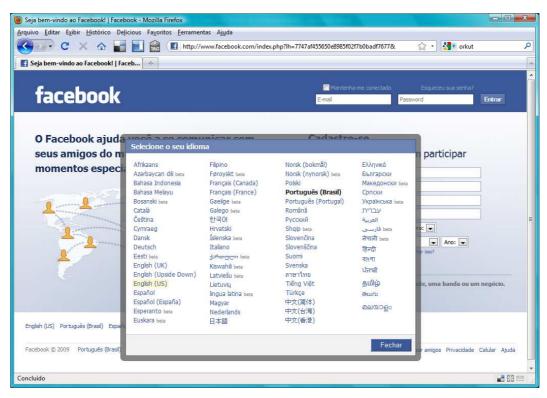


Figura 12. Reprodução da tela inicial do *Facebook* com a janela das línguas disponibilizadas. Disponível em: http://www.facebook.com/index.php?lh=7747af455650e8985f02f7b0badf7677& - Acesso em 15 de novembro de 2009.

A rede social *MySpace*⁹⁹, também americana, foi criada em 2003 e se tornou a rede social de músicos profissionais e amadores, devido a sua capacidade distintiva de hospedar MP3. Esta fez com que muitas bandas e músicos de diversas nacionalidades criassem seus perfis no *MySpace* e fizessem destes suas páginas oficiais de trabalho. Nesta rede social, os músicos têm a possibilidade de publicar suas discografias completas ou parciais, vendêlas e interagir com o público sobre seus trabalhos. Os usuários também publicam muitos vídeos e fotos. Já é possível acessar o *MySpace* em quase 20 línguas. A seguir observa-se a tela inicial de um perfil no *MySpace* com a janela do *MySpace International* aberta no canto direito. Esta indica os locais e as línguas nos quais esta rede social pode ser utilizada.

⁹⁹ www.myspace.com

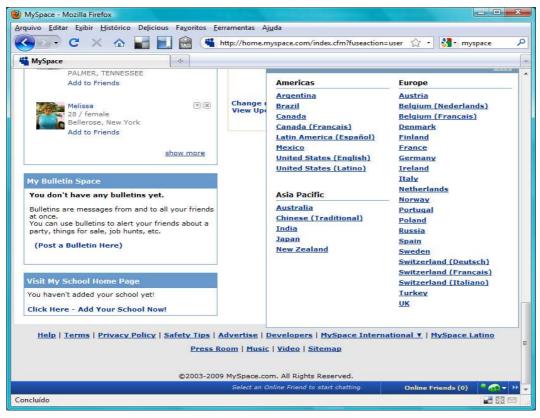


Figura 13. Reprodução da tela inicial do meu perfil no *MySpace* com a janela dos locais e línguas disponíveis. Disponível em: http://home.myspace.com/index.cfm?fuseaction=user - Acesso em 15 de novembro de 2009.

É relevante destacar outras duas redes sociais muito utilizadas na Rede por usuários de várias partes do mundo, mas ainda não tão multilíngues quanto as citadas anteriormente. A rede social *LinkedIn*, criada nos Estados Unidos em 2003, tem como foco ser uma rede social profissional. No *LinkedIn* os usuários podem criar seus perfis com suas experiências profissionais, fazer novos contatos, recomendar profissionais através de depoimentos, anunciar eventos ou encontrar empregos na seção "*jobs*". Muitas empresas vêm utilizando o *LinkedIn* para recrutar novos funcionários e anunciar vagas. Apesar de seu diferencial, o *LinkedIn* somente está disponível em inglês, espanhol, alemão e francês, como é possível observar no canto superior direito da tela a seguir:

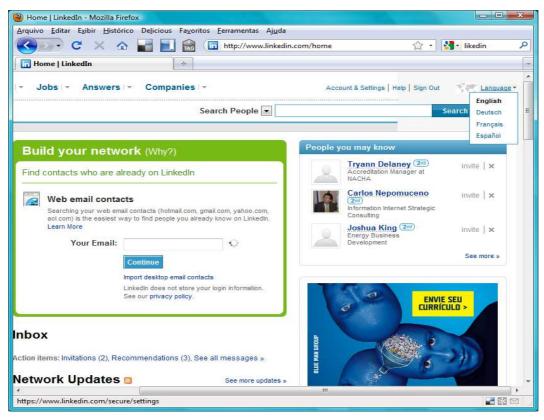


Figura 14. Reprodução da tela inicial do meu perfil no *LinkedIn*. Disponível em: http://www.linkedin.com/home?trk=hb_logo - Acesso em 15 de novembro de 2009.

A rede social mais recente da Internet é o *Twitter*¹⁰⁰. Criada em 2006, somente se popularizou no Brasil em 2009. O *Twitter* também é conhecido como *microblogging*, pois é comparado a um *blog* compacto. Os usuários, também conhecidos como tuiteiros, publicam mensagens de até 140 caracteres com base em uma pergunta que se localiza no topo da página: "What's happening?" ("O que está acontecendo?"). Estas mensagens curtas podem ser publicadas via Web, SMS e dispositivos portáteis. Neste espaço para somente 140 caracteres, os usuários têm a possibilidade de publicar *links* que podem levar seus leitores, também chamados de *followers* (seguidores) para outras páginas da Rede. Estes *links* têm suas URLs automaticamente abreviadas como por exemplo, o *link* http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1379810-5598,00.html da página G1 do portal Globo.com foi abreviado para http://short.ie/w9rfoe. Esta abreviação de URLs pode ocorrer automaticamente pelo *Twitter* ou através de ferramentas existentes na Rede que têm como objetivo encurtar os *links* da Web, visando facilitar sua publicação ou memorização pelos usuários. Dentre essas

¹⁰⁰ www.twitter.com

ferramentas estão o brasileiro Migre.me¹⁰¹ e o americano Bit.ly¹⁰², este é um dos mais utilizados na Rede¹⁰³.

No Twitter os usuários podem também publicar links que levam seus seguidores ao serviço de armazenamento de imagens chamado TwitPic. E importante lembrar que no Twitter, um usuário pode seguir (follow) ou ser seguido por outros usuários, denominados followers (seguidores). Na tela que se segue é possível observar, no canto superior direito, que a usuária está seguindo (following) 146 pessoas e está sendo seguida por 92 pessoas (followers). Desta forma, todas as publicações dos usuários são vistas pelos seus folllowers (seguidores). O Twitter se popularizou no mundo todo como uma forma eficiente e rápida de divulgação de notícias, imagens, vídeos, ou seja, qualquer conteúdo hospedado na Rede. Muitas empresas já estão usando esta rede social para divulgar notícias, produtos e serviços. Nos dias de hoje, 30% da audiência dos sites de notícias têm origem no Twitter, de acordo com a revista Info Exame de novembro de 2009.

A seguir observa-se a tela inicial de um perfil no Twitter com a pergunta inicial no topo da página, os followings e os followers no canto direito.

¹⁰¹ http://migre.me/sobre/
102 http://bit.ly/pages/about/

Dados da revista Info Exame de novembro de 2009.

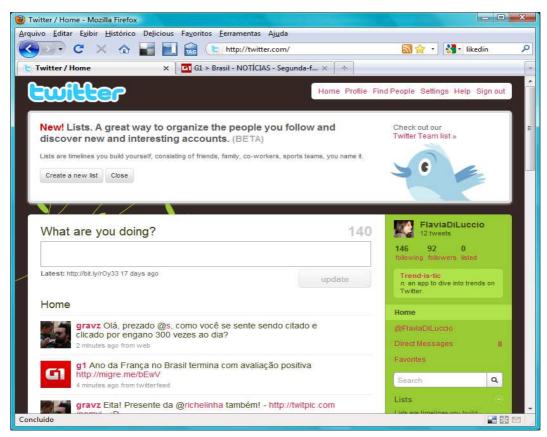


Figura 15. Reprodução da tela inicial do meu perfil no *Twitter*. Disponível em: http://twitter.com/FlaviaDiLuccio - Acesso em 15 de novembro de 2009.

No momento, o *Twitter* só está disponível em inglês, espanhol e japonês, mas devido à sua rápida popularização no mundo, possivelmente estará disponível, em breve, em várias outras línguas.

5.2.3.1. Sites de compartilhamento

Os chamados sites de compartilhamento são redes sociais com foco no compartilhamento de imagens, arquivos de áudio e vídeo. Três destes serão destacados nesta investigação.

O primeiro deles é o YouTube¹⁰⁴. Criado em 2005, este site tem como lema a frase "broadcast yourself", permite que os usuários publiquem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. Além disso, como nos blogs, os usuários podem fazer comentários sobre vídeos assistidos, criar uma lista de favoritos e se comunicar com outros usuários através da seção de comentários ou por email. Os vídeos são organizados por categorias: vídeos assistidos no

¹⁰⁴ www.youtube.com

momento, vídeos destacados pela equipe do *YouTube* e vídeos recomendados para usuários cadastrados no site com base em seus históricos de acesso. Todo o conteúdo do *YouTube* depende dos usuários e já está disponível em 16 línguas. O acesso ao *YouTube* é gratuito¹⁰⁵ e a partir de um cadastro, qualquer usuário, de qualquer lugar, pode publicar um vídeo utilizando qualquer língua, mesmo que não seja uma das 16 línguas para as quais o site já foi traduzido.

O segundo exemplo desta categoria é o *Flickr*¹⁰⁶. Sua proposta é muito similar a do *YouTube*, mas ao invés de vídeos, os usuários publicam fotos, criam álbuns, fazem contatos com outros usuários, comentários sobre as imagens e contatos profissionais. O *Flickr* está disponível em 8 línguas somente.

O último exemplo de site de compartilhamento é o *Blip.fm*¹⁰⁷. Trata-se de um site de compartilhamento de músicas, no entanto este ainda não se difundiu como os outros e somente está disponível em língua inglesa. Sua página é muito similar à do *Twitter* e os usuários podem publicar comentários sobre as músicas postadas por outros usuários e criar listas com músicas e DJs favoritos.

O movimento Web 2.0 vem se fortalecendo há algum tempo, tanto que a revista *Time* de dezembro de 2006 tinha como chamada da capa: "Você é eleito a pessoa do ano pela revista Time." A edição destacou e elogiou o público que contribuiu muito para a produção do conteúdo da Internet. Além da produção coletiva de conteúdo, a revista destacou a possibilidade de interação que as ferramentas da Web 2.0 proporcionam aos usuários. Estes têm a possibilidade de interagir com outros usuários, com empresas, com escritores, com leitores, etc, em inúmeras línguas. É a geração da produção coletiva e colaborativa de conteúdo. Por outro lado, é importante destacar também que a possibilidade, a partir da Web 2.0, de qualquer usuário produzir e publicar conteúdo sem intermediários faz com que o próprio usuário tenha a tarefa extra de filtrar a quantidade de informações disponibilizadas na Rede, tendo, eventualmente certa dificuldade em encontrar o que procura. É possível afirmar que a liberdade trouxe um controle de qualidade relativamente baixo na Rede.

A tela a seguir mostra quem controla as informações na Rede, de acordo com a revista *Time* de 2006:

¹⁰⁵ O acesso a todas as redes sociais citadas neste capítulo também é gratuito.

¹⁰⁶ www.flickr.com

¹⁰⁷ http://blip.fm/home



Figura 16. Reprodução da capa da revista Time de 25 de dezembro de 2006. Disponível em: http://www.time.com/time/covers/0,16641,20061225,00.html. - Acesso em 13 de outubro de 2007.

Se a Web 2.0 traz uma revolução em relação à produção de conteúdo na Internet, propicia também uma revolução linguística, como pudemos observar nos exemplos de sites confeccionados durante a Web 2.0 e citados anteriormente. Durante a sua primeira geração, a Internet parecia linguisticamente homogênea, com a língua inglesa no domínio. No entanto, parece que a Internet e seu movimento Web 2.0 também estão contribuindo para o enfraquecimento do inglês como língua única da Rede¹⁰⁸. Como foi possível

De acordo com o estudo feito pelo International Telecommunication (http://www.itu.int/ITU-D/ict/material/Telecom09_flyer.pdf) apresentado em outubro de 2009, mais de ¼ da população mundial está usando a Internet. O site de pesquisas estatísticas sobre a Rede Internet World Stats (http://www.internetworldstats.com/stats7.htm) apresentou os dados de 2009. Estes revelam que até setembro a língua inglesa era utilizada por 27,6% dos usuários da Rede, seguida do chinês com 22,1% e do espanhol com 7,9% dos usuários. Os números são baseados nos falantes nativos das línguas, no entanto, o site não oferece detalhes sobre a região desses falantes e nem sobre os critérios utilizados para o recrutamento dos falantes considerados nativos. A única informação disponibilizada é que muitas pessoas são bilíngues ou multilíngues e que para a pesquisa foi designada somente uma língua por pessoa. No entanto, não fica claro como foi feita a escolha de uma língua nativa no caso dos falantes bilíngues ou multilíngues. As informações com as 10 línguas mais acessadas da Rede http://www.internetworldstats.com/stats7.htm. Sobre os 20 países com maior número de usuários

observar, este movimento representa a abundância de conteúdo, de informações e de comunicação na Rede. A Web 2.0 parece ter revolucionado o que já era revolucionário e surpreendente, a Revolução Digital. Seria possível também revolucionar a segunda geração da Rede? Parece já ser possível afirmar que a resposta tende a ser positiva e que a Web está se encaminhando para a sua terceira geração, a chamada Web 3.0 ou Web Semântica. Vejamos.

5.3. Web 3.0: o presente

Após os vários exemplos oferecidos nas seções anteriores, chega-se à conclusão que a Web se tornou um espaço infinito de informações multilíngues que podem ser armazenadas e acessadas, a partir de *links*, por qualquer usuário de qualquer parte do mundo. Além disso, oferece aos usuários inúmeras possibilidades de comunicação e relacionamento. Nesse contexto, parece que a partir da Web 2.0 a Rede chegou ao grau mais alto de possibilidades. No entanto, esta segunda geração da Rede trouxe consigo algumas consequências nem sempre positivas.

A Revolução Digital foi extremamente importante, pois fez com que os computadores pudessem se integrar em uma Rede. Para que isso se concretizasse, a linguagem de programação HTML (*HyperText Markup Language*/Linguagem de Marcação de Hipertexto) passou a ser utilizada para descrever as estruturas das páginas da Web. O HTML é a linguagem da Web 1.0 e da Web 2.0. Esta foi criada por Tim Berners-Lee¹⁰⁹, considerado o pai da *World Wide Web*, no início dos anos de 1990 e permite:

- (a) o armazenamento e publicação on-line de qualquer tipo de documento: textos, tabelas, listas, fotos, etc;
- (b) a recuperação de qualquer informação on-line através de *links* hipertextuais, isto é, a partir de um clique;

na Rede, acessar: http://www.internetworldstats.com/top20.htm. Até junho de 2009 a China estava em primeiro lugar, seguida dos EUA, Japão, Índia e Brasil.
109 Criador do *World Wide Web Consortium* (W3C), comunidade internacional que visa à criação de

¹⁰⁹ Criador do *World Wide Web Consortium* (W3C), comunidade internacional que visa à criação de padrões com o objetivo de garantir o crescimento da Rede. No W3C é possível encontrar informações sobre Web Semântica, utilizadas durante a confecção deste capítulo. Para detalhes verificar: http://www.w3.org/.

- (c) o desenvolvimento de ferramentas que possam ser utilizadas para efetuar transações com serviços remotos, como busca de informações, reservas de hotéis, compras de produtos, pagamentos de contas, etc;
- (d) a inclusão de planilhas, arquivos de áudio e vídeo diretamente em um documento.

É importante ressaltar que a linguagem HTML possui uma sintaxe que é compreendida pelo computador. Trata-se de uma linguagem de marcação estrutural e não semântica. Como mencionado acima, qualquer documento pode ser armazenado e recuperado pelo usuário com base em palavras-chave, também conhecidas como tags ou etiquetas que descrevem e classificam as informações existentes nas páginas da Web para que estas sejam recuperadas e acessadas pelos usuários. As tags são escolhas pessoais e informais dos criadores dos conteúdos on-line e não existe uma padronização para tais escolhas. Podem ser consideradas representantes importantes da segunda geração da Web, pois para que os blogs, wikis ou redes sociais sejam encontrados dentre as inúmeras páginas da Rede é necessário que seus criadores escolham tags que melhor representem os conteúdos de suas páginas. Apesar de as tags facilitarem a recuperação dos documentos armazenados na Rede, o que existe hoje é um grande amontoado de documentos que podem ser acessados por links que são listados em sites de busca, como o Google. Nesse contexto, é relevante tentar encontrar soluções para as questões a seguir: como é possível que o usuário encontre o que procura nesse mundo de informações? Como é possível fazer com que o sistema organize essas informações de acordo com os interesses do usuário?

A Internet permite que os computadores estejam ligados uns aos outros e formem uma grande Rede na qual é possível trocar informações. No entanto, estas informações não são compreendidas pelos próprios computadores. Sendo assim, estes não têm a possibilidade de organizar as inúmeras informações contidas na Web, fazendo com que esta pareça uma grande biblioteca, com uma infinidade de livros não catalogados em inúmeras línguas. A semelhança é grande com a Biblioteca de Babel descrita por Borges (1996), composta por um número indefinido e infinito de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação e pequenas varandas, de onde se pode ver, interminavelmente, qualquer um os pisos inferiores e superiores. A Biblioteca de Babel é infinita e possui todas as informações do mundo, incluindo biografias de qualquer pessoa, previsões para o futuro e traduções de qualquer livro para qualquer língua,

trazendo, assim, a esperança de que todos os mistérios básicos da humanidade se resolvam. Por outro lado, essa esperança é logo transformada em depressão excessiva diante da impossibilidade de encontrar os livros mais preciosos no meio daquela infinidade de volumes. Parece que a Rede, com seus intermináveis *links*, se assemelha a tal biblioteca, com seu acervo em desordem.

É possível imaginar que o usuário da Web tem certeza que existem documentos preciosos na infinidade de *links* disponíveis, mas sua esperança de encontrar exatamente o que busca dá lugar à frustração ao constatar a dificuldade em acessar os documentos desejados. A partir desta comparação, outra questão que deve ser discutida é se seria possível catalogar e organizar toda essa "biblioteca" composta por uma infinidade de *links* existente na Rede.

5.3.1. Uma proposta repleta de desafios

De acordo com Berners-Lee (2001), é possível organizar os inúmeros links existentes na Rede e fazer com que os computadores compreendam as informações que armazenam. Isto quer dizer que os questionamentos apresentados na seção anterior podem ser solucionados. Tais soluções parecem estar na concepção de Web Semântica, também conhecida como Web 3.0 ou terceira geração da Rede. Esta foi inicialmente descrita por Berners-Lee no texto intitulado The Semantic Web ("A Web Semântica") em 2001. De forma resumida, a Web Semântica é a Web do significado, ou seja, é a geração da Web na qual os computadores entendem os significados que estão por trás de cada página, isto é, de cada documento armazenado na Rede. Enquanto a Web 2.0 foi a passagem da Web das publicações eletrônicas (Web 1.0) para a Web social (Web 2.0), a Web 3.0 é a passagem desta para a Web dos significados, baseada no armazenamento, integração, combinação, interpretação e interação das informações contidas em diferentes partes da Rede. Diferentemente da mudança social ocorrida com o início da Web 2.0, a Web 3.0 acarretou uma mudança tecnológica.

Visando uma melhor compreensão da Web Semântica, Berners-Lee (2001) inicia sua descrição com um exemplo fictício interessante. Em seu exemplo, Pete¹¹⁰ estava ouvindo a música dos Beatles "We can work it out" no

¹¹⁰ Pete e Lucy são personagens fictícios presentes no exemplo de Berners-Lee (2001).

seu sistema de entretenimento quando o telefone tocou. Ao atender a ligação, seu telefone enviou uma mensagem aos aparelhos locais que fizeram com que o volume da música diminuísse. Do outro lado da linha, Lucy, sua irmã que ligava do consultório do médico, dizia que a mãe deles precisava ver um especialista e posteriormente fazer uma série de sessões de fisioterapia duas vezes por semana. Pete concordou imediatamente com Lucy em adotar um sistema de revezamento para levar a mãe ao fisioterapeuta. Do consultório médico, Lucy instruiu seu agente de Web Semântica de um navegador portátil. Este armazenou informações sobre o tratamento da mãe e fez uma rápida pesquisa sobre os melhores e mais econômicos seguros que pudessem dar cobertura à sua mãe em um raio de até 32 quilômetros de casa durante o tratamento. Além disso, seu agente fez um cruzamento de sua agenda com a de seu irmão e do fisioterapeuta e apresentou um planejamento para o tratamento. No entanto, Pete não concordou com o planejamento e alegou que a clínica era longe da casa de sua mãe e que haveria muito trânsito nos horários sugeridos. Em poucos minutos, um novo planejamento foi apresentado pelo agente, considerando a localização e horários. O sistema também remarcou os compromissos considerados menos importantes na agenda de Pete que estavam coincidindo com o novo planejamento oferecido. Tudo isso só seria realmente possível por intermédio da Web Semântica.

Conforme afirmam Berners-Lee, Shadbolt & Hall (2006), a Web Semântica representa uma extensão tanto da Web 1.0 quanto da Web 2.0 que consistiam basicamente em documentos que poderiam ser acessados e lidos pelos usuários, para a Rede que inclui informações e documentos que são manipulados pelo computador. É a chamada era das informações ativas geradas pelo próprio documentos a partir da teoria semântica que possibilita a interpretação de símbolos. Desta forma, os documentos existentes na Rede podem ser interpretados e integrados pelo próprio sistema, possibilitando o acesso dos usuários às informações corretas para um contexto específico, de forma mais rápida e direta. A Web 3.0 permitiria, por exemplo, que o usuário abrisse seu calendário no computador e visse uma viagem de trabalho nessa informação, o sistema disponibilizaria agendada. Com base imediatamente todas as possibilidades de voo para o seu destino naquele dia, os hotéis disponíveis e próximos do local de trabalho, os restaurantes e tudo relacionado àquela viagem específica. A chave para que tudo isso se torne realidade parece estar na integração dos mais diversos dados e informações contidos na Rede, para que as máquinas e os homens trabalhem cada vez mais

em cooperação. É possível afirmar que a Web Semântica visa à universalização da Rede, a qual qualquer coisa/pessoa pode se ligar a qualquer coisa/pessoa. Em outras palavras, é a Rede descentralizada ao máximo.

A seguir, será feita uma descrição simplificada e breve de como a Web Semântica funciona na prática.

5.3.1.1. A Web Semântica na prática

O exemplo da seção anterior mostra que a filosofia principal da Web Semântica é a integração dos dados existentes na Rede. É possível afirmar que se trata de uma extensão da Web que já existe nos dias de hoje, diferenciando-se por possibilitar que os usuários e os computadores trabalhem cooperativamente. Para que isso se concretize é necessária a utilização de linguagens específicas que sejam capazes de expressar os dados e regras de representação de significado. Segue outro exemplo fictício de como a Web 3.0 funcionaria.

João coleciona selos há muitos anos. Para cada item de sua coleção ele fez um documento com informações detalhadas, criando, assim, inúmeros documentos independentes. No momento, ele quer encontrar um selo vermelho do Reino Unido utilizado entre 1981 e 1995 e criado por John Bryan Dunmore. No entanto, parece bastante difícil para ele encontrar o selo que procura dentre os inúmeros documentos criados. Este exemplo nos remete às ferramentas de busca existentes na Rede nos dias de hoje. O selo vermelho procurado por João representa um item específico buscado pelo usuário na Web e os inúmeros documentos criados por João representam a Web atual, isto é, um enorme conjunto de documentos independentes. Sendo assim, é possível que João encontre o selo que procura, mas certamente encontrará dificuldades e levará tempo para isso. Os usuários da Rede também têm a possibilidade de encontrar o que procuram, mas, como João, precisam selecionar nas listas oferecidas pelos sites de busca, o que, muitas vezes, não é uma tarefa simples ou rápida, podendo gerar frustrações. A partir do momento em que os dados dos inúmeros documentos da coleção de selos de João forem descritos de forma mais estruturada, detalhada e se integrarem, a busca dele será muito mais bem sucedida. Desta forma, João precisa ter um banco de dados com os seus selos, outro com os países, outro com as cores, outro com as datas e integrá-los. Esta é a filosofia da Web Semântica: integrar as informações da Rede, independentemente de onde estas estejam.

Como já descrito, a linguagem HTML se limita a oferecer informações sobre a estrutura de um documento da Web, indicando os parágrafos, fontes (estilos, cores e tamanhos) utilizadas, títulos, *links*, imagens, etc. As indicações aparecem entre os sinais gráficos < >. Como observado abaixo nos trechos de uma reportagem retirada do jornal O Globo on-line¹¹¹:

- (a) indicação do título do texto: **<title>**MP denuncia PMs do caso AfroReggae O Globo**</title>**
- (b) indicação de parágrafo com o símbolo : RIO O Ministério Público do Rio ofereceu nesta terça-feira denúncia contra os policiais militares Dennys Leonard Nogueira Bizzarro e Marcos de Oliveira Sales pelos crimes de prevaricação e furto qualificado, no caso da...
- (c) indicação de imagem e de suas dimensões com o símbolo ****: **<img** src="/_img/o-globo.png" width="145" height="56" alt="O Globo"/>

Por outro lado, a linguagem XML (*Extensible Markup Languagel* Linguagem de Marcação Extensiva) se propõe a incluir informações semânticas em um documento (*tags* semânticas), descrevendo assim seus dados; é uma das linguagens utilizadas pela Web 3.0. Abaixo é possível observar um exemplo¹¹² de uma compra feita on-line em linguagem XML. Nota-se que as informações que estão entre os símbolos < > não são somente estruturais, mas metadados, isto é, dados sobre outros dados do texto como data da compra, país, nome do destinatário, nome da rua, número da residência, cidade, estado, CEP, dados de cobrança, comentários, nome do produto, etc. A seguir o exemplo com as *tags* semânticas entre os símbolos < >:

11

Para o texto completo acessar: http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/11/17/mp-denuncia-pms-do-caso-afroreggae-914803641.asp

```
<?xml version="1.0"?>
<purchaseOrder orderDate="1999-10-20">
 <shipTo country="US">
   <name>Alice Smith</name>
   <street>123 Maple Street</street>
                                       Endereco do destinatário.
   <city>Mill Valley</city>
   <state>CA</state>
   <zip>90952</zip>
 </shipTo>
 <br/>
<br/>
dillTo country="US">
   <name>Robert Smith</name>
   <street>8 Oak Avenue</street>
   <city>Old Town</city>
   <state>PA</state>
   <zip>95819</zip>
 </billTo>
 <comment>Hurry, my lawn is going wild<!/comment>
 <items>
   <item partNum="872-AA">
     <quantity>1</quantity>
     <USPrice>148.95</USPrice>
     <comment>Confirm this is electric</comment>
   </item>
   <item partNum="926-AA">
    cproductName>Baby Monitor/productName>
     <quantity>1</quantity>
    <USPrice>39.98</USPrice>
     <shipDate>1999-05-21</shipDate>
   </item>
 </items>
</purchaseOrder>
```

Como afirma Berners-Lee (2001), a linguagem XML permite que qualquer um crie suas *tags* livre e arbitrariamente. É muito mais expressiva do que a linguagem HTML e mais fácil de ser entendida por ter muitas informações extras sobre os dados.

Além da linguagem XML, a Web Semântica utiliza a linguagem RDF¹¹³ (*Resource Description Framework*). Esta é uma linguagem de representação para identificação universal de recursos, mais especificamente, estabelece as relações entre os elementos de um documento em triplos (*triples*): sujeito – predicado – objeto. Estes triplos expressam significados dos documentos que são construídos em XML, como por exemplo, explicam que uma pessoa X tem propriedades (é irmão de Y ou autor do livro Z) e adere a certos valores (X e Y pertencem à família W vinda para o Brasil da Itália durante a Segunda Guerra

Exemplo retirado do W3C em: http://www.w3.org/TR/2004/REC-xmlschema-0-20041028/.

¹¹³ Para mais detalhes acessar: http://www.w3.org/TR/2004/REC-rdf-concepts-20040210/.

Mundial ou que o livro Z publicado por Y recebeu o prêmio Jabuti em 1979). A estrutura RDF parece ser uma forma de descrever grande parte dos dados existentes na Rede e criar as relações entre os elementos de um documento.

5.3.1.2. A Web das ontologias sob a ótica de Wittgenstein

A terceira linguagem utilizada para a concretização da Web Semântica é a OWL (*Web Ontology Language*), linguagem das ontologias definida por Berners-Lee (2001) como um documento ou arquivo que define, de modo formal, as relações entre os termos. Inicialmente, é importante compreender o conceito de ontologia com base na filosofia.

Japiassú e Marcondes (2006) explicam que o termo ontologia se refere ao estudo da questão mais geral da metafísica, a do "ser enquanto ser", ou seja, o ser considerado independentemente de suas determinações particulares e no que constitui sua inteligibilidade própria. Os autores prosseguem afirmando que, na filosofia, o termo "ontologia" é muitas vezes sinônimo de "metafísica". De acordo com a definição de Diderot e D'Alembert na *Enciclopédia*, a metafísica se refere ao ramo da filosofia que examina as propriedades gerais dos seres humanos como a existência, a possibilidade e a duração; é a ciência do ser. Como complementa Marcondes (2007), a ontologia consiste na análise do que realmente existe, isto é, do real.

A Inteligência Artificial (IA) e a Web se apropriam do termo "ontologia", como define Berners-Lee (2001), para designar um documento que define, formalmente, as relações entre os termos. Como mostra Freitas (2007), as ontologias devem ser gerais e independentes de língua, pois estas descrevem a realidade, considerada a mesma para todos. No que se refere à concepção da IA, as fontes computacionais devem ser as mais gerais possíveis, reutilizáveis e compartilháveis entre a própria comunidade de IA. Por outro lado, esta noção de ontologias gerais na IA parece ser problemática. Como alternativa, passou-se a investigar e criar ontologias específicas, com objetivo de aprimorar e facilitar as buscas semânticas.

A linguagem OWL tem como base a taxonomia, isto é, a classificação de palavras e hierarquia de termos, suas propriedades e relações. Não há dúvidas de que a OWL pode aprimorar muito os sistemas de busca da Rede, fazendo com que estes apresentem ao usuário somente as páginas relevantes aos seus

interesses e não todas as páginas relacionadas aos termos utilizados na busca, independentemente do contexto e significado.

É possível observar alguns exemplos já existentes de ontologias na Rede. O primeiro selecionado foi a Cyc¹¹⁴, base de conhecimento multicontextual desenvolvida pela empresa americana Cycorp. Esta empresa é provedora de tecnologia semântica fundada em 1984. Tem como objetivo representar formalmente o vasto conhecimento humano em inúmeras áreas e possui no momento mais de 200 mil termos com explicações. Estas explicações vão sendo desenvolvidas constantemente por pessoas especializadas, visando reduzir as ambiguidades que possam não ser reconhecidas pelos sistemas. Um dos exemplos oferecidos pelo Cyc é:

- (a) Fred saw the plane flying over Zurich. (Fred viu o avião sobrevoando Zurique.)
- (b) Fred saw the mountains flying over Zurich. (Fred viu as montanhas quando sobrevoava Zurique.)

Mesmo os exemplos sendo bem similares, um falante de língua inglesa não teria dificuldades em entender que no exemplo (a) o verbo *flying* se refere ao avião, já no exemplo (b), o mesmo verbo se refere a Fred. No entanto, sem o auxílio da Web Semântica, parece praticamente impossível que um sistema tradicional da Rede consiga fazer essa diferenciação. Por outro lado, como o sistema de ontologias Cyc sabe que aviões voam, ao contrário das montanhas, será possível analisar os exemplos e descartar interpretações sem sentido, como dizer que as montanhas estavam voando.

Com uma base de conhecimento muito grande, a Cyc apresenta uma pirâmide para que seja possível visualizar todas as categorias ontológicas existentes. A pirâmide é dividida em áreas e cada uma destas representa uma categoria. O texto com explicações logo abaixo da pirâmide se altera conforme as categorias da pirâmide são clicadas. A seguir é possível visualizar a pirâmide completa:

¹¹⁴ http://www.cyc.com/

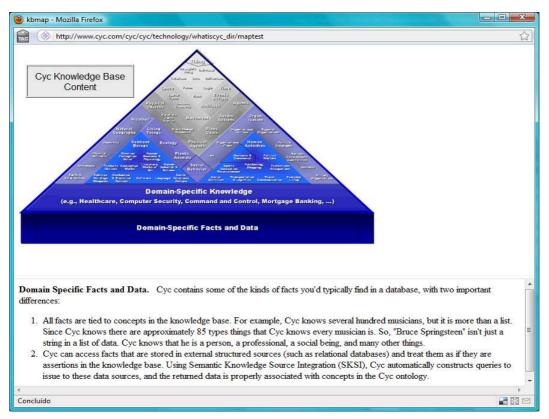


Figura 17. Reprodução da tela da base de conhecimento da Cyc. Disponível em: http://www.cyc.com/cyc/technology/whatiscyc_dir/maptest - Acesso em 19 de novembro de 2009.

O segundo exemplo de ontologia é a WordNet¹¹⁵. Este é um léxico semântico desenvolvido para língua inglesa na universidade de Princeton nos Estados Unidos e disponível para uso on-line. Na WordNet, substantivos, verbos, adjetivos e advérbio são separados em grupos de sinônimos cognitivos, cada grupo é chamado de synset. Cada um destes grupos expressa um conceito distinto. De acordo com Freitas (2007) o objetivo desta ontologia é oferecer uma combinação de dicionário e tesauro e dar suporte a tarefas que envolvem análise automática de textos. A maior parte dos synsets se conecta com outros synsets por meio de relações semânticas. Até o início deste ano, já havia mais de 150.000 palavras organizadas em mais de 115.000 synsets. A seguir é possível observar a tela de busca do WordNet com os resultados para a busca da palavra book:

¹¹⁵ http://wordnet.princeton.edu/

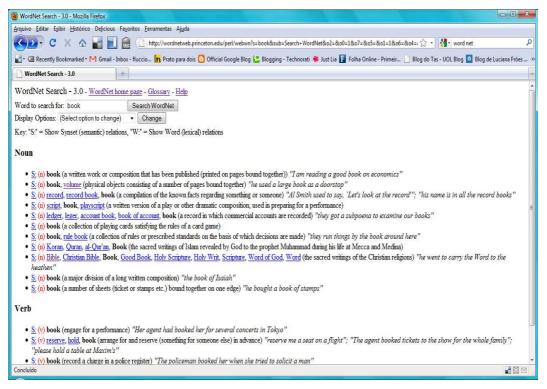


Figura 18. Reprodução da tela de busca do WordNet com o resultado para book. Disponível em: b.princeton.edu/perl/webwn?s=book&sub=Search+WordNet&o2=&o0=1&o7=&o5=&o1=1&o6=&o4= &o3=&h=0000000 - Acesso em 19 de novembro de 2009.

É encontrar possível também ontologias multilingues. Α EuroWordNet¹¹⁶ é descrita no próprio site como uma base de dados com termos em 7 línguas (holandês, italiano, espanhol, alemão, francês, checo e estoniano) e segue a mesma estrutura da americana WordNet. O diferencial é a possibilidade de conectar as línguas, ou seja, ser possível ir de uma palavra em uma das 7 línguas para outras similares nas outras línguas disponíveis. Além disso, é possível encontrar as distinções semânticas entre as línguas. Este projeto foi criado em 1999 e está inativo no momento. No entanto, várias instituições e grupos de pesquisa estão desenvolvendo ontologias similares. Existe também a WordNet.Br¹¹⁷ que é a versão brasileira da WordNet. De acordo com Freitas (2007) a maior parte da elaboração deste trabalho é feita manualmente e reaproveita materiais disponíveis em outras fontes como dicionários de sinônimos, antônimos e verbos. A WordNet.Br faz parte dos projetos existentes no NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional)¹¹⁸ na USP. É importante destacar também a WordNet.Pt¹¹⁹,

¹¹⁶ http://www.illc.uva.nl/EuroWordNet/.

http://www.nilc.icmc.usp.br/~arianidf/WordNet-BR.html. Este projeto ainda está em andamento na UNESP com apoio do CNPQ.

118 http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/

base de dados de conhecimento linguístico do português de Portugal e o HAREM120, que tem como objetivo avaliar o sucesso na identificação e classificação dos nomes próprios da língua portuguesa. Este projeto faz parte da Linguateca¹²¹ que é um centro de recursos para o processamento computacional da língua portuguesa, com pólos em Portugal, na Dinamarca e na Noruega.

Na prática, as páginas da Rede estão ligadas às ontologias existentes na Web que definem informações relacionadas. Berners-Lee (2001) oferece como exemplo os professores universitários que geralmente têm doutorado. Os conceitos da OWL são utilizados para especificar, por exemplo, que o professor Hendler concluiu seu doutorado na instituição http://.brown.edu (o link já é oferecido no momento em que o nome da universidade é apresentado). Também é possível saber que o professor Hendler é membro de um determinado grupo de pesquisadores (URL é disponibilizada neste caso também) e tem o email hendler@brown.edu; seu blog, perfil no LinkedIn, Facebook, Flickr e Twitter também são disponibilizados. Sendo assim, os dados relacionados ao professor Hendler estão interligados.

Apesar das ontologias já existentes e de outras que estão sendo criadas, é difícil imaginar a elaboração de conceitos únicos, universais e sem ligação com as línguas. Parece tratar-se de uma tentativa de estabelecer uma verdade absoluta, desconsiderando a linguagem. Esta concepção se assemelha à visão Agostiniana de linguagem. O filósofo Wittgenstein, em sua segunda fase (Investigações Filosóficas 1958), apresenta uma concepção revolucionária da linguagem, criticando e questionando o mito existente que via a linguagem como um conjunto de regras. Sua filosofia é uma crítica à visão Agostiniana de linguagem, que pressupõe que o papel da linguagem é o de descrever objetos, dar nome às coisas, ou seja, representar a realidade. Esta é a visão da aquisição da linguagem de acordo com a tradição na qual a unidade básica do significado é a palavra. Wittgenstein (2004/1958) ressalta que, na visão de linguagem de Santo Agostinho, toda palavra tem um significado e o significado é o objeto que a palavra designa.

De acordo com Wittgenstein (2004/1958), a linguagem não deve ser concebida como um sistema complexo baseado em correlações corretas entre as palavras e as coisas. Correlacionar palavras e objetos é, para o filósofo, insuficiente para dar conta do significado dos objetos designados, pois uma

http://cvc.instituto-camoes.pt/wordnet/index.html

http://www.linguateca.pt/HAREM/ 121 http://www.linguateca.pt/

mesma palavra pode designar vários objetos que não têm nada em comum entre si e criar assim uma confusão de significados. Wittgenstein (2004/1958) deixa claro que considera a posição de Santo Agostinho muito limitada, pois não fala de uma diferença de espécies de palavras:

"Poderíamos dizer que Santo Agostinho descreve um sistema de comunicação; só que nem tudo que chamamos de linguagem é este sistema. E isto precisa ser dito em certos casos onde se levanta a questão: 'Esta exposição é útil ou inútil?' A resposta: é útil; mas somente para este domínio estritamente circunscrito, não para a totalidade que você pretendia expor." (Wittgenstein, 2004/1958, p.16, §3)

Para Faustino (1995), a imagem Agostiniana da linguagem é apresentada por Wittgenstein em *Investigações Filosóficas* como a que identifica o ato de "significar" com o ato de "apontar" o significado de um signo. Wittgenstein nos diz que a "gramática do significar" não é semelhante à da expressão "representar-se algo". Ele nos chama a atenção para o fato de que usar a linguagem como representação de objetos, como defendido por Santo Agostinho com sua visão cartesiana de linguagem, é completamente diferente de usar a linguagem como instrumento de ação. Wittgenstein contrapõe a visão Agostiniana de linguagem afirmando que nem sempre usamos a linguagem para representar e, quando a usamos, tal representação não é de um objeto e sim do social. O significado não é determinado pela referência, ele nos é dado pelo contexto de prática de uma língua, pois as palavras fazem parte de uma prática, "O significado de uma palavra é seu uso na linguagem." (Wittgenstein, 1958/2004, p.38, §43). Desta forma: "Todo signo, sozinho, parece morto. O que lhe confere vida? – Ele está vivo no uso." (Wittgenstein, 1958/2004, p.173, §432).

Sendo assim, a visão Agostiniana de linguagem parece criar dificuldades quando se trata da elaboração de ontologias na Web. Deve-se levar sempre em consideração que as línguas são dinâmicas e estão constantemente sofrendo mudanças, de acordo com o grupo que a utiliza, o local e a época. Os significados não são estáticos ou fixos, eles variam de acordo com contexto, ou seja, com os diferentes usos. A totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada é denominada por Wittgenstein de jogos de linguagem (*language-games*). Uma mesma palavra pode participar de vários contextos, ser usada de diversas formas e ter significados variados. Os jogos de Wittgenstein procuram mostrar que a linguagem é parte de uma atividade, uma ação ou uma forma de vida. Como pode ser observado no trecho: "A expressão 'jogo de linguagem' deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida." (Wittgenstein, 1958/2004,

p.26, §23). Os jogos de linguagem são muito diversificados e podem ser usados de diferentes formas como para: ordenar, pedir, agradecer, inventar, representar, descrever, traduzir, relatar, cantar, praguejar, etc. Existem diferentes jogos de linguagem, com objetivos distintos. No entanto, todos esses jogos possuem uma essência ou característica básica definidora que é compartilhada. Tais características básicas semelhantes foram denominadas por Wittgenstein de "semelhança de família", ou seja, os jogos são jogados de formas diferentes, com objetivos diferentes, mas com propriedades comuns, como ocorre com os membros de uma mesma família.

"...vemos uma complicada rede de semelhanças que se sobrepõem uma às outras e se entrecruzam. Semelhanças em grande e em pequena escala. Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que por meio das palavras 'semelhanças familiares'; pois assim se sobrepõem e se entrecruzam as várias semelhanças que existem entre os membros de uma família... E eu direi: os 'jogos' formam uma família." (Wittgenstein, 1958/2004, p.52, §66/67).

A partir dos jogos de linguagem, o foco principal são os objetivos de quem usa a linguagem e o contexto de uso. Como afirma Marcondes (2000):

"Assim sendo, podemos afirmar que ao investigarmos a linguagem estamos investigando igualmente a sociedade da qual ela é linguagem, o contexto social e cultural na qual é usada, as práticas sociais, os paradigmas e valores, a 'racionalidade' desta comunidade; e desta forma pode-se dizer que não há uma separação radical entre 'linguagem' e 'mundo' já que a 'realidade' é constituída exatamente pelo modo como aprendemos a linguagem e a usamos." (Marcondes, 2000, p. 17)

A partir da visão wittgensteiniana de linguagem e da noção de jogos é possível questionar a criação de ontologias na Rede. Parece que a Rede está se encaminhando para uma tentativa de uniformização das ontologias para fazer com que os documentos existentes on-line se comuniquem e se integrem. No entanto, seguindo o raciocínio de Wittgenstein, parece que a OWL é um dos grandes desafios da Web Semântica, pois para se criar uma ontologia universal on-line, seria necessário uma padronização dos conceitos, culturas, valores, assim como desconsiderar as diferenças linguísticas existentes no mundo. Este caminho é pouco provável, se levarmos em consideração a concepção da linguagem de Hacker a seguir (2000, p.16): "Nós somos essencialmente seres que utilizam linguagem. Nossa linguagem e as formas de nossa linguagem moldam nossa natureza, dão forma ao nosso pensamento, preenchem nossa vida." Como complementa Marcondes (2000):

"Ao usar a linguagem, estamos agindo em um contexto social, e nossos atos são significativos e eficazes apenas na medida em que correspondem às determinações destas 'formas de vida', destas práticas e instituições sociais. Em seu uso da linguagem os falantes seguem regras não apenas lingüísticas *stricto sensu* (isto é, gramaticais, fonéticas e semânticas), mas sobretudo *pragmáticas...* o significado das expressões não depende essencialmente das intenções dos falantes, mas, na verdade, as intenções são formadas e tornadas possíveis elas próprias a partir dos hábitos, práticas e instituições de uma comunidade lingüística." (Marcondes, 2000, p. 38)

Wittgenstein (1958) mostra que nossas formas de representar o mundo não podem ser consideradas independentes das práticas sociais. A linguagem é uma prática social e faz parte desta. Como diz Marcondes (2000, p.38) sobre Wittgenstein e os jogos de linguagem: "Na realidade, o que o indivíduo aprende não é pura e simplesmente uma palavra, ou expressão, mas um jogo de linguagem completo... como usar uma determinada expressão linguística em um contexto determinado para obter certos fins." Existem em nossa prática social, on-line ou off-line, inúmeros jogos de linguagem, ao usá-los, estamos agindo em um contexto social onde nossos atos serão significativos. Coutinho (1985) complementa:

"A linguagem é vista como uma prática social. Aprender uma linguagem requer mais do que o aprender de uma linguagem no sentido sintático e semântico usual. Aprender uma linguagem é introduzir-se no conjunto de regras explícitas e implícitas que constituem as convenções sociais – as instituições, as atitudes, as crenças, os valores, as intenções, os comportamentos, etc. – de uma determinada "forma de vida" (cultura). Seguir uma regra, nessa concepção, significa então aprender os usos polimorfos dos termos, isto é, os "jogos de linguagem". A noção de "gramática" é redefinida para incluir a totalidade das regras implicadas pela prática lingüística... uma visão fluida e abrangente da linguagem sendo esta constituída por uma multiplicidade de "jogos de linguagem" que se entrecruzam e cujos significados não podem ser abstraídos do contexto social de uso." (Coutinho,1985, p.76)

O grande desafio de Wittgenstein foi justamente redefinir a concepção de significado sem utilizar somente as regras linguísticas, que relacionam as palavras com os objetos, mas levando em consideração como as pessoas usam as palavras, em quais condições e contextos e, principalmente, o que elas fazem (significam) ao usarem determinadas palavras e expressões. Como afirma Marcondes (1999), Wittgenstein nos mostra em seus primeiros parágrafos de *Investigações Filosóficas* um "jogo de linguagem" como uma combinação de palavras, atos, atitudes e formas de comportamento; ou seja, é como compreendemos o processo de uso da linguagem em sua totalidade. Sendo assim, não aprendemos pura e simplesmente uma palavra ou expressão, mas como usá-las em um contexto determinado para obter certos fins. A OWL como

uma proposta de linguagem de representação universal na Rede parece estar fora da realidade humana. A questão que permanece é: será que a terceira geração da Rede conseguirá concretizar o projeto de uma ontologia universal para que a Web Semântica seja realmente possível e eficaz?

5.3.1.3. A concretização da Web 3.0

Ainda é cedo para tentar encontrar uma resposta para o questionamento feito acima. O fato é que, apesar de todas as dificuldades encontradas na criação de uma OWL universal e na real integração dos dados na Rede, já existe uma ferramenta de busca em funcionamento e se chama *Wolfram Alpha*¹²². Esta é descrita, na página inicial de seu site, como ferramenta computacional de conhecimento e foi lançada em maio de 2009 pelo matemático Stephen Wolfram. O *Wolfram Alpha* é um projeto muito novo e ambicioso que se propõe a responder perguntas feitas pelos usuários sobre os mais variados temas, ou seja, pretende fazer todo conhecimento sistemático processável por qualquer pessoa. Em um vídeo¹²³, no qual seu criador explica com vários exemplos sua ferramenta de busca, Stephen Wolfram afirma que este é um projeto longo que tenta reunir a maior parte possível de conhecimento existente no mundo e tornálo computável para que qualquer pessoa em qualquer parte do mundo possa acessá-lo. A seguir é possível observar a página inicial desta ferramenta de busca:

¹²² http://www.wolframalpha.com/

http://www.wolframalpha.com/screencast/introducingwolframalpha.html



Figura 19. Reprodução da tela inicial do *Wolfram Alpha.* Disponível em: http://www.wolframalpha.com/ - Acesso em 19 de novembro de 2009.

Nesta tela inicial é possível perceber um espaço, no topo da página, reservado para o usuário escrever sua pergunta, expressão, termo, equação, ou seja, qualquer tipo de informação que busca. É possível encontrar também exemplos e uma lista com vários assuntos já disponíveis para consulta. As informações são divididas por categorias (como por exemplo, "mapas e geografia") e cada categoria possui uma lista com subcategorias (como mapas, distâncias, países, cidades, lagos, etc). A busca pode ser feita por esses tópicos já existentes, ou no espaço reservado para busca no topo da página. Se o usuário fizer uma busca, por exemplo, pelas palavras "apple" e "orange", a ferramenta irá automaticamente entender que "apple" se refere a uma fruta e que o usuário talvez esteja procurando informações comparativas sobre essas duas frutas. O *Wolfram Alpha* disponibilizará todas as informações nutricionais com tabelas e gráficos. É importante lembrar que esta ferramenta inclui, no canto direito da tela, um *link* para que esta mesma busca seja feita no Google. Como é possível observar na tela que se segue:

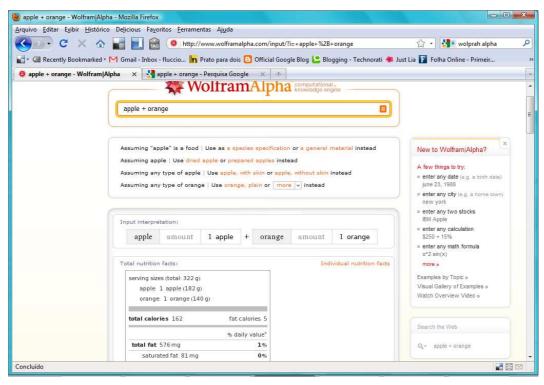


Figura 20. Reprodução do resultado da pesquisa "apple+orange" no Wolfram Alpha. Disponível em: http://www.wolframalpha.com/input/?i=+apple+%2B+orange - Acesso em 19 de novembro de 2009.

Se o usuário alterar a sua busca para "apple" e "ibm" a ferramenta entenderá, automaticamente, que a busca é pela comparação das duas empresas. O resultado mostrará, portanto, tabelas, gráficos e informações financeiras:

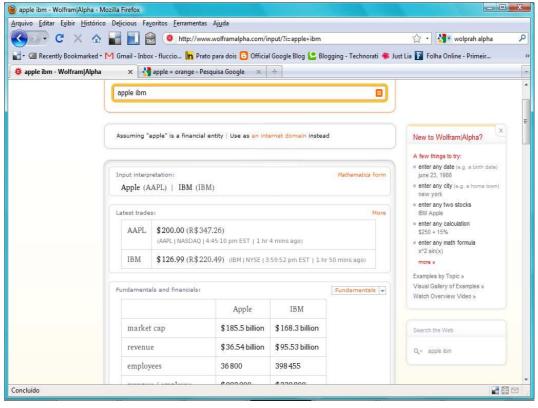


Figura 21. Reprodução do resultado da pesquisa "apple+ibm" no Wolfram Alpha. Disponível em: http://www.wolframalpha.com/input/?i=apple+ibm - Acesso em 19 de novembro de 2009.

Se o usuário digitar somente "apple" o sistema escolherá, aleatoriamente, mostrar como resultado informações sobre a empresa ou sobre a fruta e oferecerá ao usuário a possibilidade de clicar em *links* que o levarão para os resultados sobre a fruta ou uma espécie de planta ou sobre um domínio da Internet ou sobre uma nave espacial. É possível observar essas possibilidades no segundo retângulo da tela a seguir:



Figura 22. Reprodução do resultado da pesquisa "apple" no Wolfram Alpha. Disponível em: http://www.wolframalpha.com/input/?i=apple - Acesso em 19 de novembro de 2009.

A ferramenta de busca fará o mesmo, caso o usuário busque somente por "orange". O sistema escolherá automaticamente um resultado e disponibilizará *links* que levará o usuário a outras possibilidades, como informações sobre a fruta, espécie de planta, cidade, nome de pessoa, etc.

No caso dessas mesmas pesquisas serem feitas no buscador Google, o usuário vai receber uma lista interminável de *links* desorganizados e não conseguirá entender no primeiro caso (Figura 20) que "apple" é uma fruta e não a empresa. Desta forma, incluirá, em sua lista, informações sobre as frutas e as empresas e caberá ao usuário selecionar os *links* de seu interesse e fazer as comparações. Como se observa a seguir, a pesquisa referente à "apple" e "orange" resultou em uma mistura de resultados entre as frutas e a empresa Apple:

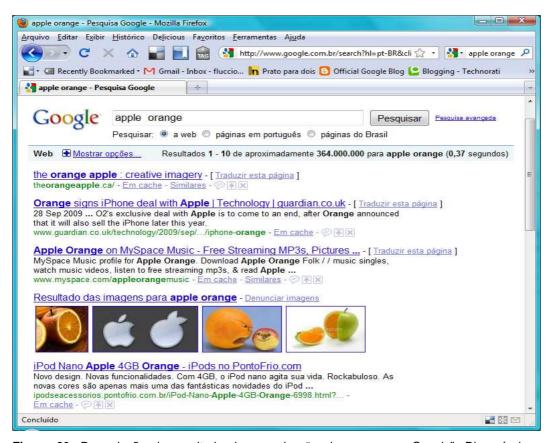


Figura 23. Reprodução do resultado da pesquisa "apple+orange no Google". Disponível em: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&client=firefox-a&rls=org.mozilla%3Apt-BR%3Aofficial&hs=OEx&q=apple++orange&btnG=Pesquisar&meta=&aq=f&oq= - Acesso em 19 de novembro de 2009.

Por outro lado, ao se pesquisar no Google "apple" e "ibm", a ferramenta entende que o usuário busca informações sobre as empresas. No entanto, não as ordena comparativamente. Isso mostra que o Google já está aprimorando sua busca, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. Em março de 2009, o Google anunciou aprimoramentos em sua ferramenta de busca, visando expandir a lista dos itens relacionados a uma busca e apresentando descrições de resultados mais longas (palavras e expressões em negrito em cada *link* resultante de uma busca). Para que essas melhorias sejam possíveis, a Web Semântica já está sendo utilizada¹²⁴ pelo Google. Como afirma Berners-Lee (2001), se desenvolvida de forma apropriada, a Web Semântica poderá contribuir para a evolução do conhecimento humano como um todo.

Mais detalhes no *blog* oficial do Google: http://googleblog.blogspot.com/2009/03/two-new-improvements-to-google-results.html.

6. Retorno aos projetos iluministas

"Pediu-me que procurasse a primeira folha. Apoiei a mão esquerda sobre a portada e abri com o dedo polegar quase pegado ao indicador. Tudo foi inútil: sempre se interpunham várias folhas entre a portada e a mão. Era como se brotassem do livro.

- Agora procure o final.

Também fracassei; mal consegui balbuciar com uma voz que não era a minha:

- Isso não pode ser.

Sempre em voz baixa, o vendedor de bíblias me disse:

- Não pode ser, mas é. O número de páginas deste livro é exatamente infinito. Nenhuma é a primeira; nenhuma, a última. Não sei por que estão numeradas desse modo arbitrário. Talvez para dar a entender que os termos de uma série infinita admitem qualquer número." (Jorge Luis Borges, O livro de areia. In: O livro de areia, 2001)

Esta tese teve como objetivo principal investigar o desejo utópico de se criar uma língua única de comunicação, desejo este que tem sido ditado pela inabilidade da grande maioria dos homens em lidar com a diversidade linguística. Muitos filósofos e estudiosos vêm se dedicando a essas questões desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade. Dado que tal intervalo de tempo exige um recorte que torne viável uma investigação, decidiu-se iniciar este trabalho a partir do Iluminismo. A este foi dedicado o capítulo 2, que teve como pontos de partida duas produções extremamente relevantes do Século das Luzes: o projeto enciclopedista de Diderot e D'Alembert e o texto de Kant (2005/1784a) "Resposta à pergunta: Que é 'esclarecimento' (Aufklärung)?", no qual é apresentada sua concepção em relação ao Século das Luzes. Ambos postulam o progresso da humanidade a partir do acesso livre e irrestrito ao saber, o que resultaria em uma sociedade mais livre e igualitária. Para Kant, este progresso significava sair do estágio de menoridade no qual o homem do século XVIII se encontrava e passar para o estágio de maioridade. Em outras palavras, Kant defendia que os homens deveriam se libertar dos grilhões da submissão e da inferioridade, impostos pelos senhores da época. A seu ver, para a real concretização desses projetos iluministas era necessário que o homem chegasse ao esclarecimento. Foi, contudo, possível perceber que tanto o projeto enciclopedista quanto o texto de Kant não abarcam a questão da linguagem, assim como não mencionam a questão da diversidade linguística ou da busca de uma língua única de comunicação. Diante dessa constatação intrigante, revelouse a importância de dar continuidade a este estudo e tentar encontrar contemporâneos de Kant que abordassem a questão da linguagem e a vinculassem ao esclarecimento humano.

Os dois filósofos selecionados foram Condorcet (1993/1793) e Condillac (1973/1780, 1973/1798). Assim como Kant, ambos discutem a questão da busca do esclarecimento humano; a diferença é que tanto um quanto o outro relacionam este esclarecimento à linguagem. Condorcet enfatiza que o processo de esclarecimento humano está diretamente ligado à circulação dos escritos, alavancada pela criação da imprensa. De acordo com ele, o século XVIII foi o século da escrita e, para que a igualdade de instrução se concretizasse, seria necessário haver também uma revolução linguística, ou seja, a criação e instituição de uma língua única, universal e artificial. Esta língua seria responsável pela expansão da comunicação entre os homens e pela disseminação dos saberes. O problema é que Condorcet não desenvolve ou oferece detalhes a respeito desta língua universal.

Ainda no capítulo 2, seguindo o mesmo caminho de Condorcet, Condillac atesta que, para se chegar ao raciocínio autônomo, não deve haver diversidade linguística, pois esta confunde os falantes. Como solução, ele propõe a análise das línguas até a chegada à língua originária. Desta forma, seria possível criar artificialmente uma língua perfeita, única e universal, que deveria se espelhar na linguagem dos cálculos, isto é, ser precisa e pura. Desta forma, os homens poderiam raciocinar e falar bem e, consequentemente, chegar ao esclarecimento tão almejado no Iluminismo. Condillac também não desenvolve seu projeto, e a busca de uma língua universal prossegue. Outros projetos mais estruturados, mas sem sucesso, surgiram ainda no século XVIII, como o *Projet d'une langue universelle* de Jean Delormel (1795), o *Polygraphie* de Zalkind Hourwitz (1800) e o *Pasigraphie* de Joseph De Maimieux (1797).

A procura por uma língua universal criada artificialmente e ligada aos ideais do Iluminismo adentrou o século XIX e a primeira metade do século XX. Estes projetos tinham como finalidade criar uma língua internacional auxiliar (LIA), com uma gramática simples e objetiva, associada a um vocabulário vasto. Como exemplos no capítulo 2 foram citados o Volapuque, o Esperanto e o *Latino sine flexione*. Neste mesmo capítulo, constatou-se que nenhum projeto de língua universal teve sucesso por motivos similares. Com base em Marcondes (1989), foi possível perceber que se tratavam de projetos utópicos, pois tentavam juntar em uma única língua o conhecimento e a comunicação, funções incompatíveis, como foi possível observar no início desta tese. A justificativa para os fracassos

foi complementada pelas visões de Santo Agostinho (1956/389) e de Locke (2005/1690), que também reforçam as diferenças e incompatibilidade entre as línguas da comunicação e do conhecimento.

Motivada pela ausência de pesquisas a respeito da busca por uma língua única a partir da segunda metade do século XX, deu-se continuidade à investigação histórica desta tese. Foi possível observar, no capítulo 3, que, apesar dos fracassos dos projetos descritos no capítulo 2, a crença de que seria possível criar e adotar uma língua única de comunicação entre todos os homens de qualquer parte do mundo não cessou. As obras dos linguistas Crystal (2006, 2005, 2003), Seidlhofer (2005, 2004, 2003, 2002, 2001) e Rajagopalan (2005, 2004a, 2004b), auxiliaram na conclusão de que, a partir da segunda metade do século XX, as discussões a respeito da criação de uma língua única e artificial deram lugar à ideia de que a língua inglesa poderia desempenhar o papel de língua única de comunicação. Os projetos World Standard Spoken English de Crystal, codificação do English as a Lingua Franca de Seidlhofer e World English de Rajagopalan, descritos no capítulo 3, mostraram que esses linguístas estão, de forma implícita, sugerindo projetos de língua única de comunicação com base na língua inglesa. Apesar de esses projetos terem como princípio uma língua natural, foram considerados nesta investigação projetos que visam à criação e utilização de uma língua única e artificial. Isto porque as línguas propostas pelos projetos sugerem a simplificação do inglês, com regras fechadas, vocabulário restrito e invariável, independentemente do grupo de falantes e do local de origem destes.

Os três projetos de língua única de comunicação apresentados no capítulo 3 não são desenvolvidos em detalhes, mas indicam que possivelmente Crystal, Seidlhofer e Rajagopalan não estão levando em consideração o fato de que as línguas são dinâmicas, flexíveis e sofrem alterações constantes, de acordo com seus usuários (origem, classe social, faixa etária), local e época. Sendo assim, chegou-se a conclusão que as tentativas de se criar uma língua única de comunicação fundamentada na língua inglesa estariam fadadas ao fracasso, não exatamente por tentarem unir conhecimento e comunicação, como os projetos do capítulo 2, mas por tentarem criar uma língua que seria idealisticamente utilizada por usuários de qualquer parte do mundo da mesma forma. Como foi possível observar no capítulo 3, este fato parece inviável ao se observar as línguas em uso. Percebeu-se ainda, no mesmo capítulo, que o papel do inglês como língua de comunicação na contemporaneidade é inegável; no entanto, tentar simplificá-lo e estipular regras fechadas para que este seja utilizado

exatamente da mesma forma em qualquer parte do mundo, por qualquer falante, não parece ser a atitude mais adequada como possível alternativa para a diversidade linguística no mundo.

No capítulo 4, buscou-se observar se a tendência de simplificar e padronizar a língua inglesa e fazer desta a língua única de comunicação no mundo continuou após o advento da Internet. A partir do surgimento desta rede mundial de computadores, a necessidade de comunicação entre as pessoas de várias partes do mundo cresceu vertiginosamente. No entanto, com o auxílio das discussões de Crystal (2008, 2006, 2005, 2003), Danet & Herring (2007), Paolillo (2007), Di Luccio (2005, 2003), Wright (2004), Nunberg (2002), Nicolaci-da-Costa (2005, 1998), Alfaro & Dias (1998) e Santos (1999a, 1999b) foi possível afirmar que as inúmeras possibilidades de comunicação oferecidas pela Rede fizeram com que qualquer discussão a respeito da língua inglesa desempenhando o papel de língua dominante de comunicação on-line perdesse o sentido. O rápido avanço dos sistemas de programação, o movimento de globalização e o surgimento de ferramentas de comunicação como o e-mail, as salas de bate-papo, os blogs, o Orkut, o MSN Messenger, o Facebook, o Twitter, o Skype, dentre outras, contribuíram e continuam contribuindo para a ampliação e confirmação do caráter cada vez mais multilíngue da Web. Constatou-se que estas ferramentas de comunicação contribuíram para que a língua inglesa perdesse sua soberania on-line. Além destes fatores, destacou-se o papel desempenhado pelas ferramentas de tradução automática durante a comunicação on-line. Tais ferramentas reforçam o caráter multilíngue da Rede e dão aos usuários a possibilidade de escolher a língua utilizada durante a comunicação mediada pelo computador (CMC), fazendo com que nem sempre o inglês seja a primeira e única opção.

Não se procurou, nesta investigação, negar o papel relevante do inglês como língua auxiliar de comunicação, tanto off-line quanto on-line. O capítulo 4, no entanto, tentou mostrar que qualquer discussão concernente ao papel desempenhado pela língua inglesa na Rede parece secundária diante das inúmeras possibilidades de comunicação oferecidas pela Internet na atualidade. Acontece que, apesar de os autores citados no capítulo 4 não sugerirem projetos de uma língua inglesa única on-line, alguns deles, a exemplo de Crystal, Nunberg, Wright e Paolillo, ainda têm como foco de suas discussões o uso do inglês como língua franca da Rede, na maioria das vezes, deixando em segundo plano o caráter cada vez mais multilíngue desta.

Visando realizar uma investigação mais detalhada das inúmeras possibilidades de comunicação existentes na Rede, o capítulo 5 teve como objetivo principal fazer uma comparação entre os três momentos da Rede conhecidos como Web 1.0, Web 2.0 e Web 3.0 (ou Web Semântica) e a CMC nesses três momentos.

No que diz respeito ao primeiro momento da Rede (Web 1.0) as discussões de Nicolaci-da-Costa (2009, 2006, 2002, 1998) mostraram que este foi um período extremamente importante e revolucionário que alterou as formas de os homens viverem, sentirem, se relacionarem com o mundo, com os outros e consigo mesmos. A partir da Revolução Digital os homens tiveram a chance de conhecer e interagir com qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, além de poder viajar a qualquer lugar com o auxílio de apenas alguns cliques. A Web 1.0 foi a Web da interação e das publicações eletrônicas feitas por alguns especialistas em tecnologia para muitos usuários. Sem dúvida, havia sido criada uma nova plataforma de vida com a Web. Foi possível constatar também que, nesta fase, predominava o inglês, considerado a língua mãe da Rede.

Observou-se, também no capítulo 5, que a Web se tornou ainda mais revolucionária e transformadora na sua segunda fase: aquela à qual muitos se referem como Web 2.0 ou Web colaborativa e social. Nesta, os próprios usuários participam ativamente da produção e disseminação de conteúdo, podendo editar textos, vídeos e arquivos de áudio sem intermediários. A Web 2.0 é a Web dos *blogs*, das *wikis*, das redes sociais, dos sites de compartilhamento, ou seja, é a Web democrática, interativa, multilíngue da geração coletiva e colaborativa de conteúdo. Na sequência, percebeu-se que o que parecia tão perfeito poderia ficar ainda melhor.

Berners-Lee (2001), em seu texto *The Semantic Web* ("A Web Semântica") apresenta a terceira geração da Rede, a Web 3.0 ou Web Semântica. Esta é também conhecida como a Web dos significados. Sua proposta principal é a de estabelecer conexões entre as informações que estão on-line, o que parece ser o maior desafio da Internet no momento atual. Este desafio tem como objetivo principal fazer com que os computadores entendam os significados que estão por trás de cada página, isto é, de cada documento armazenado na Rede. Desta forma, a Web dos documentos (Web 2.0) daria lugar à Web dos significados, baseando-se no armazenamento, integração, combinação, interpretação e interação das informações contidas em diferentes partes da Rede. Para a concretização da Web 3.0, linguagens de programação como XLM, RDF e OWL são necessárias.

Destacou-se também, neste capítulo, que a linguagem OWL, ou seja, a linguagem das ontologias na Rede, ainda precisa percorrer um longo caminho, como foi possível perceber com auxílio das discussões de Wittgenstein (2004/1958), Faustino (1995), Marcondes (2000) e Coutinho (1985). O desejo de se criar ontologias universais na Rede parece ser o maior desafio da Web Semântica, pois, como discutido no capítulo 5, seria necessário considerar a linguagem fora de seu contexto social, e esta não parece ser a forma mais adequada de contemplar a linguagem humana.

Apesar das dificuldades relacionadas à criação de ontologias na Rede, foi possível observar, ainda no decorrer do capítulo 5, que as linguagens de marcação descritas, HTML, XML, RDF e OWL e a Web Semântica nos remetem aos projetos iluministas do capítulo 2. Os inúmeros projetos objetivando a criação de uma língua única nos séculos XVIII, XIX e início do século XX parecem ter se esgotado e não fazem mais sentido diante de todas as possibilidades de comunicação oferecidas pela Rede. As tentativas de fazer da língua inglesa a língua única de comunicação do mundo off-line e on-line também não tiveram sucesso. Certamente esta continua sendo a língua auxiliar de comunicação dentro e fora da Web, mas não a única e certamente com variações, de acordo com a comunidade de falantes e os locais onde é utilizada.

Os avanços tecnológicos e o surgimento das linguagens de marcação, que são as mesmas em qualquer parte do mundo, nos levam a crer que estas podem ser consideradas linguagens realmente universais. Esta constatação se justifica por essas linguagens serem utilizadas somente na programação dos sistemas da Internet. O sucesso das linguagens de marcação universais da Web se deve ao fato de estas não serem utilizadas durante a comunicação entre os homens, podendo assim se manter padronizadas, controladas e invariáveis. Por sua vez, estas linguagens auxiliam no desenvolvimento dos sistemas, fazendo com que estes se aprimorem cada vez mais e se tornem acessíveis a mais e mais pessoas de locais, culturas e línguas diversas.

Observou-se que a terceira geração da Web tem como objetivo o armazenamento e compartilhamento de praticamente todo o conhecimento existente no mundo. Como o Livro de Areia de Borges (2001/1975), com o número de páginas infinito, no qual nenhuma é a primeira e nenhuma é a última. Nesse contexto, é possível afirmar que a Web 3.0, de forma bem mais audaciosa, nos leva de volta ao projeto enciclopedista de Diderot mencionado no capítulo 2. Neste projeto, a totalidade dos saberes existente no Iluminismo poderia ser disponibilizada em 24 volumes. A análise dos recursos acessíveis

aos usuários desde o surgimento da Internet nos possibilita afirmar que a Web representa a Enciclopédia de Diderot, sendo que seu grande diferencial é não ter um número determinado de volumes, mas ser infinita e irrestrita. A Web permite o armazenamento, o acesso, o compartilhamento e a integração do conhecimento com liberdade, independentemente da língua falada. Foi possível concluir que os ideais de Kant e dos Iluministas - a saída da obscuridade e chegada ao estágio de "maioridade" humana através da liberdade e do esclarecimento – parece estar se encaminhando de certa forma para a concretização a partir da Web 3.0. É importante lembrar que as informações contidas na Enciclopédia e nos projetos iluministas não eram normalmente questionadas, pois eram produzidas pelos grandes pensadores do século XVIII. Desta forma, os leitores que tinham acesso às obras da época tinham praticamente certeza de que estas haviam passado por um controle de qualidade antes de serem publicadas. Por outro lado, toda a liberdade e possibilidades oferecidas aos usuários na Web nos dias de hoje os levam a questionar e filtrar as informações encontradas on-line. Desta forma, encontrar algo produzido por grandes especialistas pode levar tempo ou até não ocorrer, caso o usuário seja derrotado pelos inúmeros links oferecidos pelos sites de busca. Tais links, em alguns casos, deixam os usuários frustrados durante as buscas ou inseguros com relação às fontes, nem sempre divulgadas ou conhecidas.

Parece incontestável o fato de que a geração Web 3.0 e os projetos iluministas possuem similaridades. Se o estágio de "maioridade" humana será realmente atingido, ainda não se sabe. Até lá, é necessário trabalhar intensamente no aprimoramento das ferramentas de tradução automática e de busca, acesso ao conteúdo, criação de ontologias, e, principalmente, fazer com que o acesso à Rede e sua infinidade de conteúdo seja realmente irrestrita.

7. Referências bibliográficas

ABREU, M. **Os caminhos dos livros**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2000.

AGOSTINHO, S. **De Magistro.** Rio Grande do Sul: Universidade do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia, 1956/389.

ALANI, H.; CHANDLER, P.; HALL, W.; O'HARA, K.; SHADBOLT, N.; SZOMSZOR, M. Building a Pragmatic Semantic Web. In: IEEE Intelligent 61-68. Systems. ٧. 23, n. 3, 2008, Disponível p. em http://www.computer.org/portal/web/csdl/doi/10.1109/MIS.2008.42 Acesso em: maio 2009.

ALFARO, C.; DIAS, C. Tradução automática: uma ferramenta de auxílio ao tradutor. **Cadernos de tradução**, Santa Catarina, v. 3, p. 369-384, 1998.

ALFARO, C. **Descobrindo, compreendendo e analisando a tradução automática**. Monografia (Especialização em Tradução Inglês/Português) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em:

http://www.tecgraf.puc-rio.br/~carolina/monografia/introducao.html Acesso em: outubro 2009.

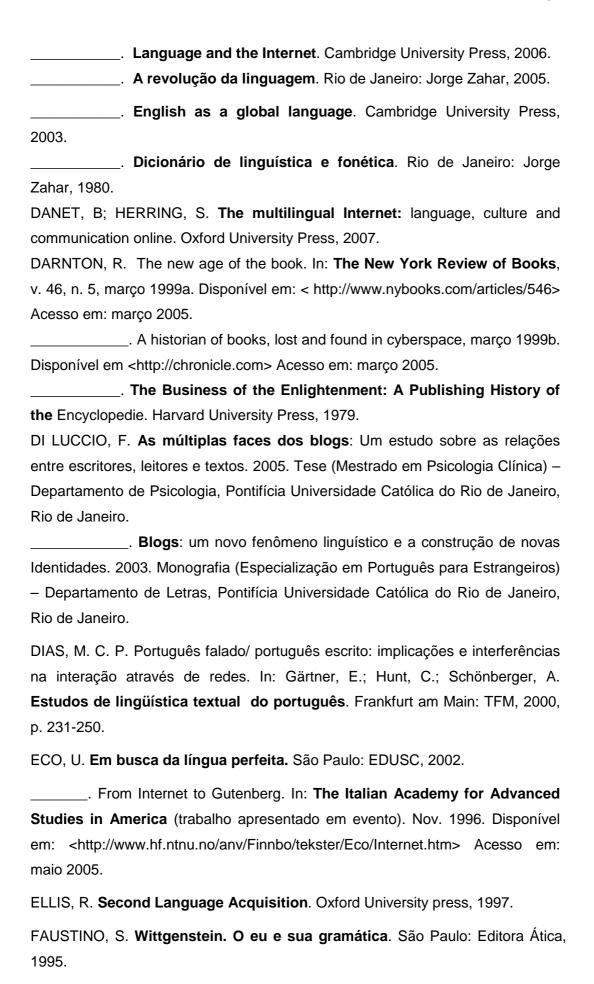
BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BERNERS-LEE, T.; SHADBOLT, N.; HALL, W. The Semantic Web revisited. In: *IEEE Intelligent Systems*. v. 21, n. 3, 2008, p. 96-101. Disponível em http://ieeexplore.ieee.org/xpls/abs_all.jsp?arnumber=1637364&tag=1 Acesso em: maio 2009.

BERNERS-LEE, T. The Semantic Web. In: **Scientific American Magazine**, maio 2001.

BORGES, J. B. Outras inquisições. São	Paulo: Compannia das Letras, 2007.
O livro de areia . Rio de J	laneiro: Globo, 2001.

Obras completas . Barcelona: Emecé Editores España, 1996.
3v.
CÂMARA, J. M. Dicionário de linguística e gramática . Petrópolis: Vozes, 1986.
CHARTIER, R. Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.
Os desafios da escrita . São Paulo: Editora UNESP, 2002.
Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger
Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
Readers and Readings in the Electronic Age. 2001. Disponível em: < http://www.text-e.org/conf/index.cfm?ConfText_ID=5> Acesso em: março 2005.
A aventura do livro : do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
Forms and meanings: texts performances, and audiences from codex to computer. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995. CHARTIER, R.; GUGLIELMO. C. História da leitura no mundo ocidental. São Paulo: Ática, 1998.
CHARTIER, R.; Paire. A. Práticas da leitura . São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
CHOMSKY, N. Arquitetura da linguagem. São Paulo: EDUSC, 2008.
Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente. São Paulo: UNESP, 2005.
Linguagem e mente. Brasília: UNB, 1998.
CONDILLAC, E. B. Obras , Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1973.
CONDORCET, J. C. Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano, São Paulo: Editora Unicamp, 1993/1793. COUTINHO, A. R., Pressupostos da Noção de Subjetividade. Em S. A Figueira (org.), Cultura da Psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1985. CRYSTAL, D. Texting. In: <i>ELT Journal</i> , v. 62, n. 1, 2008, p. 77-83.



FERREIRA, A, B, H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FININ,T.; MAYFIELD, J.; JOSHI, A.; COST,R. S.; FINK, C. Information Retrieval and the Semantic Web. In: **Proceedings of the 38th International Conference on System Sciences**, janeiro 2005. Disponível em: http://ebiquity.umbc.edu/paper/html/id/185/ Acesso em maio 2009.

FRANCHETTO, B.; LEITE, B. **Origens da linguagem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FREITAS, M. C. **Elaboração automática de ontologias de domínio**: discussão e resultados. 2007. Tese (Doutorado em Letras) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREITAS, M. T. A. A escrita de adolescentes na Internet. In: **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, v.12, n. 2, 2000, p. 171-188.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: Cole, P. & Morgan, J. L. **Syntax and Semantics** Vol. 3 **Speech Acts**. Londres, Academic Press, 1975.

HACKER, P.M.S. Wittgenstein. Sobre a natureza humana. São Paulo: UNESP, 2000.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

KACHRU, B. The sacred cows of English. *English Today* 16, 1988, p.3 – 8.

KANT, I. **Textos seletos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005/1784a.

_____. Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004/1784b.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005/1690.

LYONS, J. Linguagem e linguística. Cambridge University Press, 1987.

MARCONDES, D. **Iniciação à história de filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

. Kant's influence on the philosophy of language. In: 78
Annual Meeting da Linguistic Society of America. Boston, EUA, 2004.
Filosofia Linguagem e Comunicação. 3.ed. São Paulo:
Contexto, 2000.
A questão das linguagens artificiais no pensamento
moderno. In: Alves, J. L. Tecnologias da informação e sociedade. Teoria -
usos – impactos, Lisboa, 1989.
MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. Hipertexto e gêneros digitais . Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
MCLUHAN, M.; POWERS, B. The global village: transformations in world life
and media in the 21st century. Nova York: Oxford University Press, 1986.
MCLUHAN, M. A galáxia de Gutenberg – A formação do homem tipográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
MEYROWITZ, J. Global Permeabilities. In: Larreta, E.R. (org.). Media and Social Perception. Rio de Janeiro: UNESCO, ISSC, EDUCAM,1999, pp.423-441.
MOREIRA, V. C. Leibniz e a linguagem . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Quando o velho esconde o novo: antigas palavras, novos significados. Psicologia. Teoria e Pesquisa , UnB, v. 25, 2009a, p. 109-117.
Vicissitudes de uma imigrante entre nativos
digitais . In: Dirce Maria Falcone Garcia; Sálua Cecílio. (Org.). Formação e
profissão docente em tempos digitais. Campinas: Alinea, 2009b, v., p. 235-249.
Cabeças Digitais: o cotidiano na era da
informação. Rio de Janeiro: Editora PUC - Rio, 2006.
Primeiros contornos de uma nova configuração
psíquica. In: Cadernos do CEDES (UNICAMP) , Unicamp - Campinas, v. 25, n. 65, 2005a p. 71-85
65, 2005a, p. 71-85.
O cotidiano nos múltiplos espaços
contemporâneos. In: Psicologia. Teoria e Pesquisa , UnB, v. 21, n. 3, 2005b, p. 365-373.

subjetivas. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa . Brasília, v.18, n. 2, 2002, p. 193-202.
Na malha da rede: os impactos íntimos da
Internet. Rio de Janeiro: Campos, 1998.
NUNBERG, G. Will the Internet always speak English? 2002. Disponível em: http://www.prospect.org/cs/articles?article=will_the_internet_always_speak_english Acesso em: julho 2009.
PAOLILLO, J. How much multilingualism? Language diversity on the Internet. In: Danet, B; Herring, S. The multilingual Internet: language, culture and communication online. Oxford University Press, 2007, p.408-430. PASSINI, J. Estudo comparativo do esperanto com outras quatro línguas planejadas e com o português . Tese (Mestrado em Letras) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.
PRENSKY, M. (2001), Digital natives, digital immigrants. On the horizon , MCB University Press, v. 9, n. 5, 2001, p.1-6. Disponível em: http://www.twitchspeed.com/site/Prensky%20- <%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.htm> Acesso em agosto 2008. RAJAGOPALAN, K.; LACOSTE,Y. A geopolítica do inglês . São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica . São Paulo: Parábola Editorial, 2004a
2004a. The concept of 'Word English' and its implications for ELT. In: ELT Journal . Oxford University press, v.58, n.2, 2004b. p. 111-117.
RECUERO, R. Redes Sociais na Internet . Porto Alegre: Sulina, 2009.
SANTAELLA, L. Navegar no ciberespaço . São Paulo: Paulus, 2004.
SANTOS, D. A tradução na sociedade do conhecimento. In: Atas do IX
Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa 2006
"Ciência e Tradução". Lisboa, União Latina, 2006.
Um olhar computacional sobre a tradução. In: T&T :
Terminologie et Traduction 2, 1999a, pp.124-37.
O computador e a tradução. In: Actas do II Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa, Lisboa, 1999b.

MAUAD, 2002.

SEIDLHOFER, B. English as a língua franca. In: ELT Journal. Oxford University
Press, v. 59, 2005, p. 339-341.
The VOICE of ELF - English as a Lingua Franca. What's
New? Autumn/Winter 2004, p. 8-9.
A concept of international English and related issues: from
real English to 'realistic English'? Strasbourg: Council of Europe, 2003.
Disponível em http://www.coe.int > Acesso em: março 2009.
The shape of things to come? Some basic questions about
English as lingua franca. In: Knapp, Karlfried; Meierkord, Christiane (Org.).
Lingua franca communication. Frankfurt/Main: Peter Lang, 2002, p. 269-302.
Disponível em http://www.basic-english.org/member/articles/seidlhofer.html
Acesso em março 2009.
Closing a conceptual gap: the case for a description of
English as a lingua franca. International Journal of Applied Linguistics.
V.11,2001, p.133-158.Disponível em
http://www.univie.ac.at/voice/documents/seidlhofer_2001b.pdf Acesso em
fevereiro 2009.
SOARES. M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In:
Cadernos CEDES, Educação e Sociedade. Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160,
dez 2002.
TEIXEIRA, A. Cultura e tecnologia , Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
VIII LACA N. Impresso ou eletrônico? Um traiete de leiture. Pie de leneiro:

VILLAÇA, N. Impresso ou eletrônico? Um trajeto de leitura. Rio de Janeiro:

WELLS, G. The shape of things to come. Londres: Penguin Books, 2005/1933.

WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas. Petrópolis: São Paulo, 2004/1958.

WRIGHT, S. Multilingualism and the Internet. In: International Journal on Multicultural Societies. v. 6, n. 1, 2004.